

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

CALAFATE:

A identidade de um bairro pericentral de Belo Horizonte

Leonardo Gonçalves Ferreira

Belo Horizonte
2011

Leonardo Gonçalves Ferreira

CALAFATE:

A identidade de um bairro pericentral de Belo Horizonte

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Teixeira de Andrade

**Belo Horizonte
2011**

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

F383c	<p data-bbox="480 1442 1230 1570">Ferreira, Leonardo Gonçalves Calafate: a identidade de um bairro pericentral de Belo Horizonte / Leonardo Gonçalves Ferreira. Belo Horizonte, 2011. 128f.: il .</p> <p data-bbox="480 1599 1246 1697">Orientadora: Luciana Teixeira de Andrade Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais</p> <p data-bbox="472 1727 1313 1848">1. Calafate (Belo Horizonte, MG). 2. Usos e costumes. 3. Identidade social. 4. Representações sociais. I. Andrade, Luciana Teixeira de. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós- Graduação em Ciências Sociais. III. Título.</p> <p data-bbox="1145 1877 1313 1906">CDU: 981.511</p>
-------	--

Revisão ortográfica e normalização Padrão PUC Minas de responsabilidade do autor.

Aos meus avôs maternos (*in memoriam*),
antigos moradores do bairro Calafate.

AGRADECIMENTOS

Ao que a Ciência não explica.

À Ciência, por ser um caminho tão belo e ao mesmo tempo tão árduo de compreender a vida e dar nomes às coisas.

À Sociologia, por ser a lente que escolhi para enxergar o mundo, mas, além disso, por fazer com que eu me veja frente a esse mundo.

Aos meus pais, pelo amor e pelo amparo emocional. À tia França, ao Luciano, à Hellen, ao Gabriel e à Isabelli, por fazerem parte da minha vida.

A todos os meus tão queridos amigos!

Ao CNPq / Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia / Observatório das Metrópoles, pela concessão da bolsa de estudo com que fui contemplado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, uma instituição de excelência, pelo acolhimento e pelo respeito.

Aos professores do Programa, pelo cuidado e pela presença constantes.

Aos funcionários do Programa, pelo trabalho primoroso.

Aos colegas do Programa, por termos formado uma turma inesquecível! Alguns ultrapassaram a porta da sala de aula e hoje são meus companheiros de jornada.

À minha orientadora, Profa. Dra. Luciana Teixeira de Andrade, grande socióloga e exímia pesquisadora. Com maturidade intelectual, soube desanuviar as pistas que guiaram nossas descobertas. Soube, entre tênues arestas, designar os melhores caminhos. Ensinou-me a ver o que, naquele momento, eu não podia enxergar.

Agradeço também, à minha orientadora, o convite para participar da pesquisa **Bairros históricos de Belo Horizonte: patrimônio cultural e modos de vida**. Tenho a convicção de que ter feito parte desta pesquisa foi essencial para o desenvolvimento do presente trabalho.

À equipe da Diretoria de Patrimônio Cultural, parceira da pesquisa acima citada, pelas reflexões e pelas contribuições. Aprendi muito sobre as políticas públicas de preservação. Aprendi muito com cada um.

À Profa. Dra. Cristina Almeida Cunha Filgueiras, pelas cuidadosas, respeitosas e expressivas considerações feitas durante o meu exame de qualificação.

Agradeço também à Profa. Cristina, pela oportunidade de participação na pesquisa **Diagnóstico e análise da gestão urbana e social nos municípios do Vetor Norte da Região Metropolitana de Belo Horizonte**. Agradecimento extensivo a toda a equipe.

À Profa. Ms. Maria da Glória Ferreira Reis e ao Prof. Dr. José Márcio Pinto de Moura Barros, pelo auxílio durante a elaboração do projeto de pesquisa para o ingresso no Programa.

À Márcia do xérox, pela confiança e pelo compromisso.

Aos moradores entrevistados, que, com suas vidas cotidianas e particulares, dão existência ao bairro.

Ao Calafate, por constituir a história de Belo Horizonte com a sua, ainda que um pouco esquecida.

O Mestrado talvez seja um dos passos mais significativos no caminho da pesquisa. É um processo de muito crescimento pessoal e profissional. Durante esses dois anos, amadureci muito. No entanto, por uma questão de escolhas e de percurso de vida, é possível que o meu amadurecimento ainda não seja suficiente para que este trabalho possa ser considerado um referencial. Dou-me por satisfeito, portanto, se este trabalho for justo e correto.

Hino do Calafate

João Mendonça

Você precisa conhecer o Calafate,
bairro bom, turma boa a de lá.

Você precisa conhecer o Calafate,
melhor que o Calafate
outro lugar não há.

O Calafate neste mundo
é um pedacinho do céu,
se falam nele
eu tiro logo o chapéu.

Seu sorriso diz
o Calafate é ali.

Eu vou para lá
e não volto mais aqui.

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma investigação sobre o Calafate, bairro localizado na zona oeste de Belo Horizonte. O que se percebeu durante a pesquisa é que o bairro Calafate não possui referências simbólicas muito claras e específicas na cidade, ou seja, não possui uma identidade forte, compartilhada pelos seus moradores, que o distinguiria de outros bairros de Belo Horizonte. Apesar da sua antiguidade, a questão patrimonial também não se revelou, durante a pesquisa, um valor compartilhado por seus moradores. Verificou-se que a história do bairro não é apropriada por eles de modo a constituir um elemento forte na composição da sua identidade. Dessa forma, esse trabalho pretende investigar as causas e as motivações que levaram o bairro a ter esse tipo de representação. A abordagem do presente trabalho será, então, referente à sua identidade. Durante as entrevistas, percebeu-se que parte significativa dos moradores entrevistados do Calafate não diz que mora no bairro, diz que mora no bairro vizinho - o Prado. Foi por conta dessa questão que se buscou também analisar o surgimento do bairro Prado e, por meio das suas representações construídas pelos moradores do Calafate, discutir e compreender a dinâmica relacional existente entre os dois bairros.

Palavras-chave: Bairro pericentral. Hierarquia socioespacial. Modos de vida. Identidade. Representações.

ABSTRACT

This work presents an investigation about Calafate neighborhood, located in Belo Horizonte's western area, Minas Gerais, Brazil. What became apparent during the research is that Calafate does not have very specific and clear symbolic references in the city, or lacks a strong identity shared by its residents, that would distinguish it from other neighborhoods. Despite its antiquity, the estate question, a value shared by its residents, is also not revealed during the search. It was found that the neighborhood history is not appropriate by them to form a strong element in their identity composition. Thus, this study is to investigate the causes and motivations that led the neighborhood to have this representation kind. The approach of this work will therefore be related to their identity. During the interviews, it was noticed that a significant proportion of the interviewed residents from Calafate do not say they live there, they say living in Prado, the surrounding neighborhood. Also, because of this issue that is sought to analyze the Prado appearance and through their representations constructed by Calafate's residents, to discuss and understand the relational dynamics between these two neighborhoods.

Keywords: Subdivision pericentral. Sociospatial hierarchy. Lifestyles. Identity. Representations.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Planta de Belo Horizonte, 1895.....	21
Figura 02 - Processo de tombamento da casa e terreno de Francisco da Costa Pacheco (Calafate), 20/12/1894.....	24
Figura 03 - Certidão referente aos autos de divisão e demarcação da Fazenda do Calafate, 06/11/1896.	24
Figura 04 - Planta do terreno da antiga Fazenda do Calafate de Francisco da Costa Pacheco. Responsabilidade: Dr. Aarão Reis; Dr. Hermílio Alves; Samuel Pereira. Entre 23/05/1894 e 14/05/1895.	25
Figura 05 - Antiga fazenda no Calafate, propriedade de Tomáz Pierazzolli, década de 1930.	27
Figura 06 - Antiga fazenda no Calafate, propriedade de Tomáz Pierazzolli, década de 1930.	28
Figura 07 - Antiga fazenda no Calafate, propriedade de Tomáz Pierazzolli, década de 1930.	28
Figura 08 - Bairro Calafate, década de 1930.	29
Figura 09 - Bairro Calafate, década de 1930.	30
Figura 10 - Residência de Ignácio Fonseca. Calafate, década de 1930.	32
Figura 11 – Chácaras e Capela no Calafate.	33
Figura 12 – Hipódromo Prado Mineiro (1928).....	34
Figura 13 - Residência dos Batista. Rua Platina, 1.407, Calafate (1931).....	34
Figura 14 - Cine São José. Rua Platina, Calafate. (Década de 1940).	35
Figura 15 - Mapa do Calafate.....	43
Figura 16 - Praça Ignácio Fonseca e Igreja São José do Calafate.	65
Figura 17 - Igreja São José do Calafate.....	66
Figura 18 - Igreja São José do Calafate.....	66
Figura 19 - Praça Ignácio Fonseca, no Calafate.	66
Figura 20 - Praça Doutor Carlos Marques e Grupo Escolar Bernardo Monteiro, no Calafate (Década de 1920).	67
Figura 21 - Praça Doutor Carlos Marques e Colégio Bernardo Monteiro, no Calafate.	67
Figura 22 - Praça Doutor Carlos Marques e Colégio Bernardo Monteiro, no Calafate.	67
Figura 23 - Academia da Polícia Militar de Minas Gerais, no Prado.	68
Figura 24 - Rua Platina, Calafate.	69
Figura 25 - Rua Platina, Calafate.	69
Figura 26 - Rua Platina, Calafate.	70
Figura 27 - Rua Platina, Calafate.	70
Figura 28 - Rua Platina, Calafate.	70
Figura 29 - Basílica de Santo Cura D'Ars, no Prado.	71
Figura 30 - Rua localizada na parte de baixo da Platina, no Calafate.....	85
Figura 31- Rua localizada na parte de cima da Platina, no Calafate, mas simbolicamente associada ao Prado.....	85
Figura 32 - Rua localizada na parte de cima da Platina, no Calafate, mas simbolicamente associada ao Prado.....	85
Figura 33 - Rua localizada na parte de cima da Platina, no Calafate, mas simbolicamente associada ao Prado.....	86

Figura 34 - Antigo Cine São José e atual Teatro Kléber Junqueira, no Calafate.	89
Figura 35 - Antigo Cine Eldorado, no Calafate.	90
Figura 36 - Acervo arquitetônico da Rua Platina, no Calafate.	92
Figura 37 -: Acervo arquitetônico da Rua Platina, no Calafate.	92
Figura 38 -: Acervo arquitetônico da Rua Platina, no Calafate.	92
Figura 39 - Novas construções no Calafate.	96
Figura 40 - Novas construções no Calafate.	96
Figura 41 - Novas construções no Calafate.	96
Figura 42 - Mapa do Calafate Detalhado	128

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Rendimento mensal dos responsáveis por domicílios no Calafate em 2000	57
TABELA 2 - Idade dos entrevistados	58
TABELA 3 - Nível educacional dos entrevistados	59
TABELA 4 - Classe social	59

LISTA DE ABREVIATURAS

Coord. - Coordenador

Ed. - Edição

Org. - Organizador

LISTA DE SIGLAS

APM-MG - Academia da Polícia Militar de Minas Gerais

BH - Belo Horizonte

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

DI - Departamento de Instruções da Polícia Militar de Minas Gerais

Fapemig - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais

FJP - Fundação João Pinheiro

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICV - Índice de Condições de Vida

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

INCT - Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia

IPEA - Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicada

Ipead - Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, Administrativas e Contábeis de Minas Gerais

ONU - Organização das Nações Unidas

Plambel - Planejamento da Região Metropolitana de Belo Horizonte

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PUC Minas - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

RMBH - Região Metropolitana de Belo Horizonte

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	BELO HORIZONTE: OS CONTRASTES DE UMA MODERNA CAPITAL PLANEJADA	19
2.1.	A formação dos primeiros “vastos subúrbios” de Belo Horizonte	19
2.2.	Calafate: de fazenda a povoado e de vila operária a bairro suburbano	23
2.3.	Calafate ou Prado?	36
3	O BAIRRO E O SEU LUGAR NA METRÓPOLE: LOCALIZANDO O CALAFATE	47
3.1.	Calafate: um bairro pericentral na hierarquia socioespacial de Belo Horizonte	47
3.2.	Perfil dos entrevistados	58
3.3.	Calafate e seus modos de vida: relações de vizinhança e locais de sociabilidade	60
4	O BAIRRO COMO ESPAÇO SOCIAL: ANALISANDO O CALAFATE	73
4.1.	O bairro como uma unidade sociológica identitária	73
4.2.	Representações simbólicas do bairro Calafate	77
4.3.	Novos e antigos moradores: diferentes construções identitárias	103
5	CONCLUSÃO.....	107
	REFERENCIAS	111
	OBRAS CONSULTADAS	116
	APÊNDICE	117
	ANEXO.....	127

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como objetivo estudar um bairro da metrópole belo-horizontina construindo um diálogo com duas outras pesquisas: **Observatório das Metrópoles: território, coesão social e governança democrática**, Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) / Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e **Bairros históricos de Belo Horizonte: patrimônio cultural e modos de vida**, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig). Em relação à primeira, procurou-se situar o bairro estudado, o Calafate, na hierarquia socioespacial da metrópole. Em relação à segunda, foi comparado o Calafate com outros bairros semelhantes objeto de estudo desta pesquisa: Floresta, Santa Tereza, Lagoinha e Bonfim¹.

O Calafate é um bairro de Belo Horizonte (BH) localizado na zona oeste da cidade. Contemporâneo da construção da capital mineira, esse bairro está inserido dentro de uma área denominada pericentral (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2007) e tem sua formação e surgimento marcados pela presença de operários e imigrantes estrangeiros, principalmente italianos. Apesar de o bairro Calafate compartilhar essas características com outros bairros pericentrais, há uma que lhe escapa: diferentemente de outros bairros pericentrais de Belo Horizonte, o Calafate não possui referências simbólicas muito claras e específicas na cidade. Essas características foram percebidas a partir de uma pesquisa de campo conduzida com os seus moradores.

O que de mais relevante pôde ser percebido durante a pesquisa é que o bairro Calafate não possui uma identidade forte quando comparado a outros bairros da cidade surgidos no mesmo período. De modo diferente dos bairros Santa Tereza e Floresta, por exemplo, que se apresentam, de forma bastante enfática,

¹ Projeto de pesquisa desenvolvido em parceria entre duas instituições mineiras: o Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Puc Minas e a Gerência de Patrimônio Histórico Urbano (GEPH), vinculada à Secretaria Municipal Adjunta de Regulação Urbana e ao Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural do Município de Belo Horizonte/Fundação Municipal de Cultura. Coordenado pela Profa. Dra. Luciana Teixeira de Andrade, o projeto foi desenvolvido durante os anos de 2009 e 2010. Essa pesquisa investigou seis bairros pericentrais – Bonfim, Carlos Prates, Floresta, Lagoinha, Padre Eustáquio e Santa Tereza – todos contemporâneos da construção de Belo Horizonte. Esses bairros ainda preservam expressivos conjuntos arquitetônicos dessa época, os quais concernem um tipo específico de ambiência que propicia um modo de vida caracterizado por relações baseadas na antiguidade, familiaridade e conhecimento pessoal.

demarcados por referenciais simbólicos muito claros na cidade, no Calafate, não encontrou-se algo semelhante. A imagem dos dois bairros mencionados está construída por discursos que os legitimam e os caracterizam, entre outras formas, como bairros boêmios, culturais e, ao mesmo tempo, que reproduzem alguns aspectos da vida interiorana.

No entanto, é importante ressaltar que essas referências simbólicas nem sempre se ligam às características eminentemente positivas, caso dos bairros Lagoinha e Bonfim. Algumas características desses bairros se fizeram ligar à decadência, ao abandono e a um passado boêmio, no sentido negativo. São bairros que ficaram marcados pela presença da prostituição e, até mesmo, pela presença de um cemitério². Essas foram algumas referências que definiram, de certa forma, as identidades desses dois bairros em Belo Horizonte.

O que se percebeu na pesquisa é que o bairro Calafate não possui referências simbólicas muito claras e específicas na cidade, ou seja, não possui uma identidade forte, compartilhada pelos seus moradores entrevistados, e que o distinguiria de outros bairros da cidade. Nas representações de seus moradores entrevistados, o Calafate não se apresenta, de forma bastante enfática, demarcado por referenciais simbólicos muito claros na cidade.

Apesar da antiguidade do Calafate, a questão patrimonial também não se revelou, na pesquisa realizada, um valor compartilhado entre seus moradores entrevistados. Dessa forma, esse trabalho pretende investigar as causas e motivações que levaram o bairro a ter esse tipo de representação. A abordagem do presente trabalho será, então, referente à sua identidade.

Como foi dito, o Calafate é um bairro antigo e, em princípio, poder-se-ia supor que esse fato lhe conferiria uma sólida narrativa. Todavia, verificou-se que essa história não é apropriada por seus moradores entrevistados de modo a constituir um elemento de composição da sua identidade. O Calafate não lança mão da sua história como uma narrativa que estabeleça e legitime sua identidade. Observa-se certo “esquecimento” por parte de seus moradores entrevistados com relação à história e ao passado do bairro.

² É importante mencionar que nem sempre a presença de um cemitério determina uma representação simbólica negativa para um bairro. Um exemplo é o cemitério da Recoleta em Buenos Aires, situado em um bairro muito valorizado da cidade e fonte de atração de muitos turistas.

Não obstante, é interessante observar que o Calafate tem uma formação histórica bastante peculiar. No século XIX, a região onde está hoje localizado era uma fazenda. Com a escolha do antigo Arraial Curral Del Rei para erigir a nova capital, os antigos moradores foram expulsos daquela área. Dessa forma, alguns deles se estabeleceram nessa fazenda, que, aos poucos, se transformou num povoado.

Assim que a Comissão Construtora da Nova Capital desapropriou a fazenda, o Calafate se tornou um espaço propício para a formação de uma vila operária, recebendo, dessa maneira, um consistente número de imigrantes e operários. Os imigrantes, em sua maioria italianos, receberam glebas do governo para explorar e desenvolver na região atividades agropecuárias. Já a moradia popular e operária foi uma iniciativa de industrialização relacionada com a proximidade das linhas férreas localizadas na região.

Essa dissertação está dividida da seguinte forma: primeiramente, far-se-á uma exploração da história do bairro Calafate no contexto da formação dos primeiros subúrbios de Belo Horizonte. Em seguida, pretende-se analisar o surgimento do bairro Prado e, por meio das suas representações, discutir e compreender a dinâmica relacional existente entre os dois bairros.

Logo após, será feita uma abordagem sobre a constituição da área pericentral da metrópole, assim como uma análise do seu perfil atual. Por meio dos dados do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (AMORIM, 2010) e de indicadores de desenvolvimento humano (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO/ INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADA, 1998), pretende-se, também, caracterizar essa área específica e os moradores do Calafate. A proposta é localizar o bairro na hierarquia socioespacial da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Outra maneira utilizada nesse trabalho para caracterizar o bairro Calafate foi a análise de seu modo de vida expresso, principalmente, nas relações de vizinhança e nas apropriações sociais dos seus espaços de sociabilidade. Para tanto, foi necessária uma exploração do conceito de modos de vida.

Posteriormente, será feita uma análise da base espacial do bairro como uma unidade sociológica identitária. Ainda dentro dessa discussão, serão apresentados os dados sobre as representações simbólicas do bairro Calafate que demonstraram a fragilidade de sua identidade. Nesse sentido, o conceito de representação será discutido, fazendo-se o uso, para tal, da contribuição de Becker (1993).

Goffman (1988) e Woodward (2004) foram os autores escolhidos para subsidiar as reflexões referentes ao conceito de identidade. Finalmente, será conduzida uma discussão sobre as diferentes construções identitárias relativas aos novos e aos antigos moradores entrevistados do bairro Calafate.

Como foi dito, pela proximidade entre as questões de pesquisa e a formação do bairro Calafate com os bairros estudados na pesquisa **Bairros históricos de Belo Horizonte: patrimônio cultural e modos de vida**, Fapemig, deliberou-se incluí-lo. Dessa forma, a metodologia empregada nesse trabalho é a mesma utilizada na referida pesquisa. Seu principal instrumento foi uma entrevista estruturada, composta por questões abertas e fechadas, realizada com os moradores desses bairros. No caso do Calafate, foram realizadas 50 entrevistas, durante, majoritariamente, todo o primeiro semestre de 2010, tentando abarcar uma área mais ampla possível do bairro.

Com o auxílio de um mapa de bairros, foram determinadas as ruas consideradas mais significativas do bairro. Os critérios que definiram essas partes foram: a centralidade do bairro, materializada nas adjacências da Praça Ignácio Fonseca onde se encontra a tradicional Igreja São José do Calafate; a Rua Platina, seu centro comercial, e a sua parte inferior. Essas partes do bairro foram consideradas significativas porque estão simbólica e diretamente associadas ao Calafate pelos moradores entrevistados e em função de seus principais equipamentos. A Igreja São José do Calafate e a Rua Platina são dois grandes referenciais no bairro. A parte superior dessa mesma rua, apesar de constar como constituinte do Calafate, não foi inserida como parte significativa, porque está simbolicamente associada ao Prado.

Durante o trabalho de campo, observou-se que casas muradas e com interfone ofereceram maior resistência dos moradores em responder à entrevista. Casas de grades e campainha não só se encontravam muitas vezes com as portas abertas, como era muito comum encontrar os próprios moradores sentados em suas varandas. Neste caso, a aceitação para responder à entrevista era praticamente imediata. O contato face a face no atendimento pode ser considerado um facilitador. Com o interfone as desculpas rodavam em torno dos fatos da “patroa não estar presente” ou a própria pessoa dizia que estava muito ocupada. Contudo, não se pode deixar de mencionar que o muro e o interfone nem sempre foram um empecilho. Os novos moradores também foram incluídos na pesquisa. Essa foi uma

forma de dar uma diversidade maior ao perfil dos entrevistados, assim como estabelecer um contraponto entre as percepções, com relação ao bairro, dos novos e dos antigos moradores.

A decisão de realizar 50 entrevistas foi arbitrária. Nesse contexto, não se deve entender o grupo pesquisado como uma amostra representativa dos moradores do bairro, pois o critério de seleção dos entrevistados não é estatístico. Os dados coletados e produzidos na pesquisa apenas nos informam sobre as representações dos entrevistados.

Dessa maneira, o material foi organizado e categorizado de forma a chegar às possibilidades de representação que os moradores entrevistados constroem sobre o bairro. Diferentemente de uma análise quantitativa, baseada em números, aqui será apresentada uma análise que privilegia a perspectiva qualitativa. Ainda que a quantidade e a repetição de uma resposta possam ser levadas em conta, ou seja, a sua natureza quantitativa, o que se privilegia são os significados, a natureza qualitativa dos dados.

Durante as entrevistas, percebeu-se que parte significativa dos moradores do Calafate não diz que mora no bairro, diz que mora no bairro vizinho: o Prado. Foi por conta dessa questão que, para a realização das entrevistas, voltou-se para a parte considerada a mais significativa do bairro Calafate. Inicialmente, o entorno mais longínquo em relação a essas partes do bairro também foi explorado, mas seus resultados imediatos já davam indícios do que poderia ser encontrado para além dele. Mesmo considerando os limites do Calafate na realização do trabalho de campo foi possível perceber certa ambiguidade de denominação do bairro com relação ao Prado. No capítulo 4, essa questão será mais bem detalhada.

Por fim, nas considerações finais da dissertação, tentou-se agregar e analisar os principais motivos que podem ter contribuído para a formação de referenciais identitários e simbólicos fracos, pouco claros e específicos na cidade para o bairro Calafate.

2 BELO HORIZONTE: OS CONTRASTES DE UMA MODERNA CAPITAL PLANEJADA

Havia, quem usasse bigodes, mas sem ser por tédio ou desespero da vida, como hoje: o bigode era respeitável, representava uma caderneta de banco, um lote no Calafate.

Carlos Drummond de Andrade, 1931³.

2.1. A formação dos primeiros “vastos subúrbios” de Belo Horizonte

Erguida há pouco mais de cem anos, Belo Horizonte foi planejada e edificada para abrigar a nova capital de Minas Gerais. De acordo com Guimarães (1991), diversos estudos demonstram que Ouro Preto, até então a capital do estado, não comportava a expansão urbana e não era condizente com a emergente mentalidade progressista e racional da época. A então elite governante mineira se polarizou em relação à mudança. Daí surgiram lutas internas que continuaram existindo mesmo depois de resolvido o dissenso pelo projeto mudancista. A concepção da Cidade de Minas, a nova capital do estado, se deu dentro de conflitos que disputavam o poder em face da nova ordem que se estabelecia: a República. Dessa maneira, pode-se dizer que, o projeto da futura capital se fez dentro de arranjos políticos.

Além disso, foi nomeada uma comissão técnica, chefiada pelo engenheiro Aarão Reis, para realização de estudos em que seria possível escolher uma localidade adequada para a construção da nova capital. A escolha objetivava uma posição, em princípio, meramente técnica, em que as condições atmosféricas, climáticas e topográficas seriam determinantes na decisão. De acordo com Viscardi (2007),

a mudança de uma capital é sempre uma decisão política que, por assim ser, implica valores, crenças, novas expectativas, interesses e necessidades reais ou presumidas. Ao mesmo tempo envolve diferentes atores, a exemplo de seus idealizadores, construtores, futuros residentes, defensores e opositores à sua construção. (VISCARDI, 2007, p.30)

³ (ANDRADE, 1931).

Ao ser inaugurada, oito anos após a Proclamação da República, Belo Horizonte consolidou os novos interesses políticos e econômicos que surgiam no país. Através de seu contorno inicial, idealizado por Aarão Reis e sua Comissão Construtora, a cidade representaria os modernos ideais democráticos e republicanos, presentes em sua arquitetura e urbanismo. Assim, o projeto da cidade planejada pretendia padrões de higiene, ordem e modernidade. O plano urbanístico enfatizava, como características essenciais, os aspectos da boa circulação e iluminação, da beleza e do conforto. O método, a razão e os meios tecnológicos de valor social traduziram a vocação modernista da Belo Horizonte do final do século XIX. Angotti-Salgueiro (1987) confirma que:

Numa fase inicial da república brasileira, a mudança de regime associada à intenção de edificar um novo país impregnou o imaginário da época, criando a necessidade de construção de novos símbolos. Belo Horizonte legitimaria o desejo e a expressão desse novo tempo, pautado pela ideologia positivista republicana, concebida pela utopia de uma cidade ideal, saneada, ordenada e iluminada. (ANGOTTI-SALGUEIRO, 1987, p.106)

Fundada em 1897, Belo Horizonte, foi planejada e construída para ser o centro político e administrativo do estado. O projeto da nova capital expressava na época os ideais democráticos da, recentemente estabelecida, República. O planejamento da cidade previa, inicialmente, 200 mil habitantes e era constituído por um plano urbanístico bastante avançado. “A concepção de Belo Horizonte obedece ao plano elaborado por Aarão Reis que imprime a ideia de ordem e funcionalidade ao espaço [...]” (GUIMARÃES, 1991, p. 7).

A planta da cidade, projetada pela Comissão Construtora da Nova Capital, previa três áreas concêntricas: urbana, suburbana e rural. A área urbana era geometricamente traçada, previa ruas retas e perpendiculares cortadas em 45º pelas avenidas, dentro de uma perspectiva racional e positivista da época, e era destinada às elites. A área suburbana era destinada à expansão urbana, tinha um traçado mais irregular e foi ocupada pelas camadas mais populares. Já a zona rural, composta por um cinturão verde, seria responsável pelo abastecimento da cidade com produtos hortifrutigranjeiros. Separando a zona urbana da suburbana e rural, havia um anel que circunscrevia a área central da cidade. Esse anel veio a se tornar a Avenida do Contorno (BAHIA, 2007).

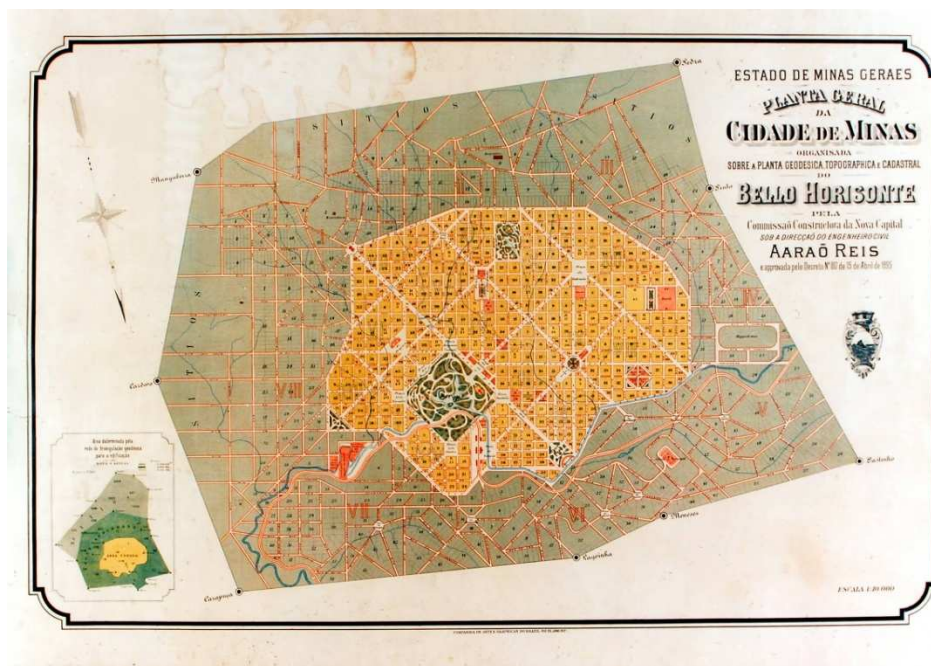


Figura 01 – Planta de Belo Horizonte, 1895
Fonte: ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO, 2011.

Entretanto, Belo Horizonte rapidamente transbordou os limites geométricos da zona urbana e o processo de expansão alastrou-se para a zona suburbana – e posteriormente, para a zona rural – de forma irregular e não planejada. No projeto, a extensão urbana se daria da área central para a periferia no sentido norte - sul, no entanto, aconteceu exatamente o contrário. A expansão ocorreu da região periférica para a área central e, inicialmente, no sentido norte - oeste. Contudo, essas áreas distantes foram, muito lentamente, sendo incorporadas à cidade pelo desenvolvimento de vias de acesso, infraestrutura e serviços (BAHIA, 2007).

A planta inicial de Belo Horizonte foi sendo desfigurada, principalmente em função de um crescimento populacional acelerado e de um processo de ocupação do espaço que não respeitou o que havia sido planejado (GUIMARÃES, 1991).

A formação de favelas, o crescimento desordenado da periferia, os loteamentos e as construções clandestinas constituem as principais características da dinâmica do desenvolvimento da cidade desde a época de sua fundação (GUIMARÃES, 1991, p. 01).

Ao contrário do que foi delineado no projeto pelo engenheiro responsável, a cidade se desenvolveu da periferia para o centro. Esse fato gerou diversas consequências, entre elas, um centro composto por “[...] vazios urbanos dotados de infraestrutura, enquanto seu entorno, povoado, requeria a ação da Prefeitura para

torná-lo habitável, constituindo-se em desafio para a administração pública”. (GUIMARÃES, 1991, p. 02).

Como o processo de crescimento da cidade tinha sido planejado para se dar do centro para a periferia, conforme projeto de Aarão Reis, dotou-se de infraestrutura urbana apenas parte da zona urbana, prevendo-se a expansão dos serviços à medida que a ocupação fosse ocorrendo. Como ela ocorreu ao inverso, ou seja, da periferia para o centro, viu-se o poder público às voltas com o seguinte problema: uma zona urbana dotada em parte de infraestrutura, mas esvaziada, enquanto a suburbana e a rural, povoadas, careciam desses recursos e os exigiam da Prefeitura. (GUIMARÃES, 1991, p. 93).

A população de baixa renda, constituída em sua maioria por operários que trabalharam na construção da cidade, não tinha recursos para ocupar o centro planejado da cidade. Dessa forma, o acesso à moradia desse segmento da população era precariamente alcançado nas periferias da cidade, localizadas especialmente na zona suburbana do plano. De acordo com Guimarães (1991), essa população, por volta de 1912, representava 70% do total de moradores em Belo Horizonte. Portanto, mais da metade da população da cidade morava fora da zona urbana e enfrentava sérios problemas de falta de infraestrutura, como falta de água, luz, calçamento e transporte.

De acordo com Bahia (2007), em decorrência de um mercado imobiliário especulativo, verificou-se em Belo Horizonte uma crise urbana resultante do acelerado e desordenado crescimento do espaço suburbano. Caracterizado por circundar o centro urbano, esse espaço conformava um emaranhado de vilas que se expandiam pelos vetores norte e oeste. Sem os serviços básicos de infraestrutura urbana, que pudessem suprir as demandas da crescente população, foi necessário que o poder público tomasse novas medidas de planejamento direcionadas para essa área específica da cidade (BAHIA, 2007).

A desordem urbana, ocasionada pelo crescimento populacional acelerado e pela especulação de terrenos, não garantiu o plano da cidade, pelo menos na zona suburbana e posteriormente na zona rural. Dentro desse quadro, observa-se, dessa forma, um centro dotado de uma infraestrutura bastante avançada para época, mas praticamente esvaziado e uma periferia superpovoadas, mas com pouca, ou nenhuma, infraestrutura urbana. A elevação do preço dos terrenos centrais foi uma maneira de definir a ocupação do espaço por meio de um modelo segregacionista.

Essa medida provocou invasões e ocupações desordenadas na periferia, mas também nas áreas centrais, uma vez que as primeiras favelas se situavam no interior da Avenida do Contorno.

Segundo Guimarães (1991, p. 03), “[é] comum nos estudos sobre Belo Horizonte a menção à existência de uma cidade oficial e outra ‘real’”. A cidade oficial compõe planos e projetos legalmente reconhecidos. Já a cidade ‘real’ “existe fora do controle do poder público e se manifesta, na prática, na existência de favelas, construções e loteamentos clandestinos e na ocupação desordenada das zonas suburbana e rural”. (GUIMARÃES, 1991, p. 03).

Já na época da concepção e construção de Belo Horizonte, a segregação e o elitismo vão orientar o processo de ocupação espacial da cidade. No plano da cidade, era ausente

[...] um lugar definido para alojar o operário encarregado de construir a cidade. [...] o projeto da cidade não contemplou sequer a necessidade de moradia para o operário que deveria construí-la. Nesse sentido, a cidade-projeto, de início, criou o problema: não havia espaço predefinido para a moradia do trabalhador urbano. (GUIMARÃES, 1991, p. 08-09).

A região onde hoje se localiza o bairro Calafate faz parte dessa história. Como se verá a seguir, o Calafate, inicialmente uma fazenda localizada na zona suburbana da cidade, aos poucos vai sendo povoada nesse processo descrito acima, e se torna bastante ocupada (COMISSÃO CONSTRUTORA DA NOVA CAPITAL DE MINAS, 1895; TEXEIRA, 1996). A falta de infraestrutura urbana adequada faz com que os moradores se mobilizem a fim de sanar sua ausência. Além disso, a região também é escolhida para estabelecer uma vila operária. Fato que, provavelmente, determinará o perfil do bairro em tempos vindouros (GUIMARÃES, 1991).

2.2. Calafate: de fazenda a povoado e de vila operária a bairro suburbano

Dentre os povoados, chácaras e fazendas que compunham a extensa área rural do antigo Arraial do Curral Del Rei, local escolhido para sediar a Nova Capital de Minas, havia a Fazenda Calafate, propriedade de Francisco da Costa Pacheco. A

referida fazenda chegou a ser mapeada pela Comissão Construtora da Nova Capital de Minas, em processo de tombamento para desapropriação e loteamento pela Secretaria Municipal de Administração entre 1894 e 1895 (COMISSÃO CONSTRUTORA DA NOVA CAPITAL DE MINAS, 1895).

ESTADO DE MINAS GERAES
COMISSÃO CONSTRUCTORA
DA
NOVA CAPITAL
2ª Divisão: Contabilidade
3ª Secção: Tombamento
PROPRIEDADES ADQUIRIDAS PELO ESTADO
BEM
BELLO HORISONTE
N.º 344 e 346
Vendedor: Francisco da Costa Pacheco e outros
Propriedades Casas e terreno n.º Calafate
Data da Escripção 25 de Dezembro de 1894
O Chefe da Secção,
[Assinatura]

Figura 02 - Processo de tombamento da casa e terreno de Francisco da Costa Pacheco (Calafate), 20/12/1894.

Fonte: COMISSÃO CONSTRUCTORA DA NOVA CAPITAL DE MINAS, 1895.

ESTADO DE MINAS GERAES
COMISSÃO CONSTRUCTORA
DA
NOVA CAPITAL
2ª Divisão: Contabilidade
3ª Secção: Tombamento
PROPRIEDADES ADQUIRIDAS PELO ESTADO
BEM
BELLO HORISONTE
N.º
Vendedor: Divisão e demarcação
Propriedade Fazenda do Calafate
Data da Escripção de de 1896
O Chefe da Secção, [Assinatura]

Figura 03 - Certidão referente aos autos de divisão e demarcação da Fazenda do Calafate, 06/11/1896.

Fonte: COMISSÃO CONSTRUCTORA DA NOVA CAPITAL DE MINAS, 1896.

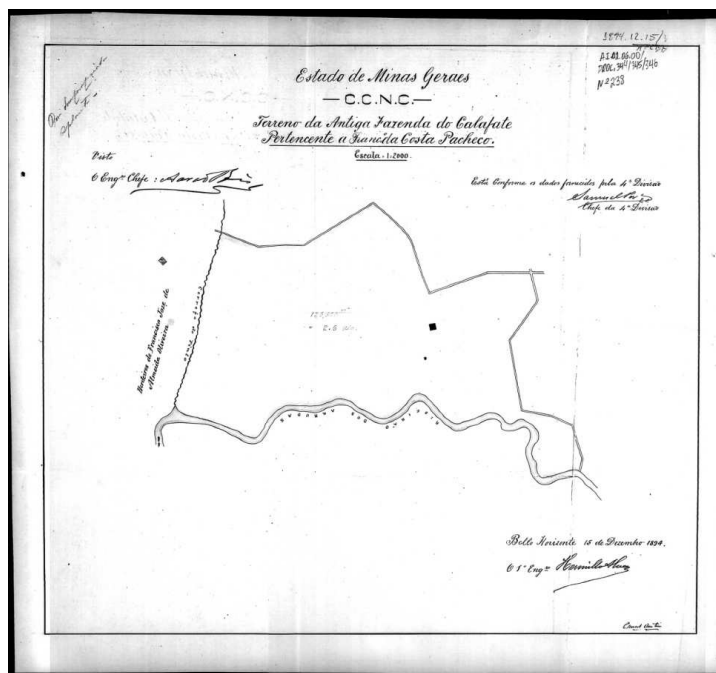


Figura 04 - Planta do terreno da antiga Fazenda do Calafate de Francisco da Costa Pacheco. Responsabilidade: Dr. Aarão Reis; Dr. Hermílio Alves; Samuel Pereira. Entre 23/05/1894 e 14/05/1895.

Fonte: . COMISSÃO CONSTRUTORA DA NOVA CAPITAL DE MINAS, 1895.

A Comissão definiu o pré-existente nome Calafate para esse arrabalde da região oeste, pertencente à zona suburbana da cidade. De acordo Barreto (1995), existem duas versões quanto à origem do nome da fazenda que viria a se tornar o bairro Calafate. Uma faz referência a “dois irmãos latoeiros, muito hábeis em soldar e consertar vasilhame de folha de flandres, cobre ou zinco. Eles eram procurados [...] para ‘calafetar’ qualquer vasilha furada”. (BARRETO, 1995, p.-).

A outra retorna aos tempos coloniais, quando um português “comprara as terras da fazenda Calafate ‘as quais ainda não tinham esse nome’”. Em sua terra natal, o português exercia a profissão de calafetador de navios, passando a exercer a profissão de torneleiro em Belo Horizonte, ligando o nome de sua ocupação à fazenda e depois ao bairro. (BARRETO, 1995, p.-).

O nome do bairro [Calafate] tem sua origem com a navegação marítima. Diz a história que alguns marinheiros portugueses abandonaram seu navio no Rio de Janeiro e vieram aportar aqui, por motivo desconhecido. Como a função deles era de calefação dos assoalhos dos navios, eles passaram a exercer a profissão de toneleiros. Quando lhes perguntavam qual era a sua profissão, eles respondiam ‘calafate’. E assim ficou denominado um dos mais antigos bairros da cidade (LIMA, 1996, p.77).

Segundo Guimarães (1991), durante a crise financeira de 1898, a fim de diminuir o problema da moradia em Belo Horizonte, o Governo do Estado autorizou,

através de entendimento, dado certo interesse de particulares em intervir nesse setor:

[...] a construção de pequenas vilas de casas de aluguel barato na zona suburbana. Não há informações sobre a destinação dessas vilas, mas, ao que tudo indica, foram alugadas para famílias de trabalhadores mais especializados (GUIMARÃES, 1991, p. 91).

Ainda segundo a autora, o Prefeito Bernardo Monteiro, desde o início do ano de 1900, vinha fazendo concessões de lotes, a título provisório e gratuito, a operários e proprietários de cafuas. Conforme registro no Diário Oficial de Minas Gerais, o Prefeito justificava sua medida. Nesse momento, já se observa o Calafate como uma localidade destinada à moradia operária.

Não sendo fácil aos pobres operários, dignos de todas as atenções do poder público, a construção (sic), na zona suburbana, de casas das dos typos adoptados (sic) pela Prefeitura, para construcções (sic) congêneres, vi-me (sic) obrigado a ceder-lhes, gratuitamente, lotes em ponto afastado, na vasta explanada que vae (sic) ao Calafate, para onde provisoriamente estão sendo transferidos. (BELO HORIZONTE, 1900⁴. p. 17 apud GUIMARÃES, 1991, p. 97-98).

Ainda, por meio da autora Guimarães (1991), é possível verificar que a primeira vila operária de Belo Horizonte, de que se tem registro, foi autorizada no bairro Calafate em 1913, como se verifica na citação completa abaixo.

É de se notar que a primeira Vila Operária de Belo Horizonte, *stricto sensu*, foi feita pelo Sr. Artur Joviano, com incentivos concedidos pela Prefeitura para a construção de 100 casas de aluguel barato, em terreno de sua propriedade, no bairro Calafate – fora do contorno urbano (Lei n. 63, de 10/02/1913)⁵. Foi ele também obrigado a construir uma escola para as famílias operárias (Lei n. 63, de 10/02/1913). Mais adiante, por uma nova

⁴ BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Mensagem ao Conselho Deliberativo da Cidade de Minas apresentada em 19 de setembro de 1900 pelo prefeito Dr. Bernardo Pinto Monteiro. **Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais**, Belo Horizonte, 1900. In: ACERVO PÚBLICO DA CIDADE DE BELO HORIZONTE. Coleção Relatórios anuais de atividades da Prefeitura de Belo Horizonte.

⁵ BELO HORIZONTE. Lei Municipal n 63, de 10 de fevereiro de 1913. Concede ao cidadão Arthur ou á empresa Elle Oganizada isenção de imposto predial e taxas, para 100 casas que se obriga a construir em terrenos de sua propriedade no Calafate; determina o prazo e condições para efectivamente de taes favoes; estende aos serventuários de Justiça do Fôro da Capital os favores dodispositivo do art. 2º, da Lei n. 53 de 1911 [Correção, 1911]; dispensa para observância a exigência do Art. 10 da Lei n. 51, de 1911, e revoga o § 2º, do Art. 2º da Lei 62, de 1912. **JusBrasil Legislação**. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/239390/lei-63-13-belo-horizonte-mg>. Acesso em: 30 set. 2008.

legislação, elevou-se para 250 o número de casas, quando se passou a autorizar a venda dessas casas e dos terrenos aos operários com pagamento à vista ou à prestação. Em contrapartida, obrigava-se o Sr. Joviano a fundar e manter '[...] pequenos estabelecimentos fabris, onde sejam de preferência, empregados os menores de famílias operárias ali residentes'. (Lei n. 69, de 10/10/1913)⁶. O padrão de construção das casas obedecia a tipos previamente definidos pela Prefeitura. (GUIMARÃES, 1991, p. 119).

Outro traço característico dos primórdios do Calafate, além do operário, é o seu perfil rural. Como se verá adiante, o Calafate abrigou atividades agropecuárias que só foram completamente extintas quase no final do século XX. Esse perfil rural do Calafate esteve relacionado não apenas com a sua origem de ter sido uma fazenda, mas também com seus primeiros habitantes, ex-moradores do antigo Arraial Curral del Rei e imigrantes italianos que recebiam glebas do governo para explorar na região. No relato dos entrevistados, foi possível confirmar a presença de pastos e chácaras, em meados das décadas de 1960 / 1970, o que, por sua vez, gerou para o bairro aquele mencionado traço característico de perfil rural (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2007).



Figura 05 - Antiga fazenda no Calafate, propriedade de Tomáz Pierazzolli, década de 1930.
Fonte: Acervo particular de Nilo Pierazzolli⁷.

⁶ BELO HORIZONTE. Lei Municipal n 69, de 10 de outubro de 1913. Eleva a duzentos e cinquenta o numero de casas a que se obrigou o concessionário Arthur Joviano, de acordo com a Lei n. 63 de 10 de fevereiro deste anno e contém outras modificações á referida lei. **JusBrasil Legislação** Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/239384/lei-69-13-belo-horizonte-mg> . Acesso em: 30 set. 2008.

⁷ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no Bairro Calafate em 13/11/2009.



Figura 06 - Antiga fazenda no Calafate, propriedade de Tomás Pierazzolli, década de 1930.
Fonte: Acervo particular de Nilo Pierazzolli⁸.



Figura 07 - Antiga fazenda no Calafate, propriedade de Tomás Pierazzolli, década de 1930.
Fonte: Acervo particular de Nilo Pierazzolli⁹.

No entanto, é importante notar que no final da década de 1930, especificamente em 1937, o contínuo e acelerado crescimento da população e a falta de planejamento da cidade, conjugado à incapacidade do poder público de resolver na mesma velocidade o problema da moradia para a população mais pobre, em especial os trabalhadores, fizeram com que o governo reconhecesse áreas invadidas como vilas operárias, sendo, dessa forma, possível vender tais terrenos para seus ocupantes. O que se deve ressaltar nesse aspecto é que, nessa época, o

⁸ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no Bairro Calafate em 13/11/2009.

⁹ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no Bairro Calafate em 13/11/2009.

Calafate já era considerado um bairro tradicional, no sentido de antigo e consolidado, ainda que de trabalhadores.

No conjunto de vilas ofertadas no mercado, havia algumas destinadas à população mais pobre [...], em geral localizadas próximas aos bairros tradicionais de trabalhadores, como o Carlos Prates, a Floresta e o Calafate e já parcialmente ocupadas (GUIMARÃES, 1991, p. 194).



Figura 08 - Bairro Calafate, década de 1930.
Fonte: Acervo particular de Maria Inês Morais Rubioli¹⁰.

Em meados de 1938, Belo Horizonte, em função de uma fase de modernização, passava por transformações significativas. “Ao lado da febre de construções, ocorre uma crise no mercado de aluguéis com a permanência de casas vazias especialmente nos bairros mais antigos e tradicionais.” (GUIMARÃES, 1991, p. 191). Dentre esses bairros antigos e tradicionais, que passavam por esse problema, o *Jornal Correio Mineiro* (1938, p. 8)¹¹ citado por Guimarães (1991, p. 191), alude ao bairro dos Funcionários, Barro Preto, Floresta, Calafate e Santa Tereza. De acordo com o jornal os inquilinos preferiam casas novas e com aluguel barato. “O bairro onde raramente permanecem casas desalugadas é Carlos Prates.” (JORNAL CORREIO MINEIRO, 1938, p. 8 apud GUIMARÃES, 1991, p. 191).

¹⁰ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no Bairro Calafate em 26/01/2009.

¹¹ **Jornal Correio Mineiro**. Belo Horizonte, 17 jun. 1938



Figura 09 - Bairro Calafate, década de 1930.
Fonte: Acervo particular de Maria Inês Morais Rubioli¹².

Com relação à infraestrutura urbana, ou à sua falta, na zona suburbana, verifica-se que a falta d'água era o principal problema nessa zona da cidade. Não obstante, era a energia elétrica que, desde 1901, mais trazia transtorno aos moradores, uma vez que sua contenção implicava algumas medidas como a diminuição do ritmo de instalação de iluminação pública e a paralisação dos bondes no turno da noite. “Bairros, como a Lagoinha e o Calafate, só receberam esse benefício [energia elétrica] nos anos de 1912 e 1913, respectivamente” (GUIMARÃES, 1991, p. 94).

A linha de bonde de Belo Horizonte, inaugurada em 1902, ainda que deficitária, se fazia presente até mesmo em lugares que ainda não possuíam energia elétrica. No entanto, a extensão da linha de bonde para a zona suburbana da cidade foi mais vagarosa. Somente “em 1906 é que o Calafate e o Matadouro foram beneficiados e apenas em 1908 a linha chega à Pedreira do Acaba Mundo, na II seção suburbana”. (GUIMARÃES, 1991, p. 94). Segundo Guimarães (1991):

Os vários problemas urbanos existentes em Belo Horizonte geraram movimentos associativos para reivindicar a melhoria de serviços. ‘Na década de 1902, os moradores do Calafate reúnem-se para pedir a implantação da linha de bonde (SOMARRIBA, 1984, p. 33 apud GUIMARÃES, 1991, p. 95)¹³.

¹² Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no Bairro Calafate em 26/01/2009.

¹³ SOMARRIBA, Maria das Mercês G.; VALADARES, Maria Gezica e AFONSO, Mariza Rezende. **Lutas Urbanas em Belo Horizonte**. Petrópolis: Vozes / FJP, 1984.

A mobilização dos moradores do bairro Calafate pode ser considerada, de certa feita, organizada ao se observar a presença, na década de 1920, de um jornal com o mesmo nome do bairro, utilizado pelos seus moradores como um canal de comunicação com o poder público na reivindicação de melhorias para o bairro. Com relação à construção das casas, o jornal **O Calafate** explicava que o:

[...] descumprimento das disposições da Prefeitura devia-se não só à pobreza das famílias, mas também à impossibilidade de os moradores obedecerem às exigências da Prefeitura quanto ao afastamento e localização das casas nos terrenos, em virtude de sua superocupação. (O CALAFATE, 1922, p. 2 apud GUIMARÃES, 1991, p. 148)¹⁴.

Nesse aspecto, há três dados importantes que ajudam a delinear e caracterizar o bairro Calafate da década de 1920. O primeiro, já mencionado, se refere à significativa presença de um jornal da comunidade. O segundo dado está relacionado com a inegável presença de famílias pobres no bairro. E o terceiro se refere ao fato não só da região, já naquela época, estar superpovoada, mas de existirem outros estratos sociais em suas intermediações, uma vez que, de acordo com o jornal, não é apenas a pobreza que impede o cumprimento das regras de ocupação do solo.

Na década de 1940, segundo Pereira (2009), era muito comum os becos em Belo Horizonte.

No Calafate, havia o famoso Beco do Viola. As casas minúsculas dos becos e os porões das casas grandes eram alugados a preços baratos. Em geral, havia torneiras comunitárias, tomava-se banho em grandes bacias, cozinhava-se em grandes fogareiros feitos de lata de banha usada, e o sanitário era uma fossa negra, quando não o penico (PEREIRA, 2009, p. 42).

Jacinto (2000) em sua matéria intitulada “Difícil é saber onde começa o Prado e termina o Calafate, pois os dois conservam as mesmas características”, escrita em comemoração aos 103 anos de Belo Horizonte, para o Jornal Estado de Minas, focava a preservação da identidade, dos casarios e do estilo de morar destes bairros que, frente à especulação imobiliária, absorveram de forma discreta o fenômeno urbano da verticalização. “As famílias de lá gostam de casas com quintais, do

¹⁴ **O CALAFATE**. Belo Horizonte, 2 abr. 1922.

sossego e das relações de vizinhança que fazem lembrar as mais tranquilas cidades do interior”.

Cláudio Bahia, na época chefe do departamento de arquitetura da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), concedeu uma entrevista para essa matéria, na qual fez referência à formação histórica dos mencionados bairros:

Em 1905, a região do Prado e Calafate era a que mais vendia imóveis, juntamente com a Lagoinha, Floresta e o Centro. A legislação segregacionista da época da construção da cidade foi que levou para a região operários imigrantes que vieram trabalhar na construção da cidade. Até 1930, Belo Horizonte terminava ali. [...] Era o espaço mais adensado. [...] Nesta época, era insatisfatório o abastecimento de água e eletricidade e os problemas de trânsito já se faziam presentes. O escoamento do tráfego na zona urbana era principalmente em vias não planejadas como a Rua Platina. (JACINTO, 2000, p.-).



Figura 10 - Residência de Ignácio Fonseca. Calafate, década de 1930.
Fonte: Acervo particular de Maria Inês Morais Rubioli¹⁵.

Por outro lado, verifica-se também, que o Calafate resistiu às dificuldades de falta de infraestrutura e, aos poucos, se tornou, durante certo período, um bairro de referência na cidade de Belo Horizonte, não apenas em função de seu centro comercial, como também de sua localização, que facilitava o fluxo entre os bairros vizinhos. O Calafate também soube aproveitar, como se verá adiante, os equipamentos instalados em suas intermediações, ainda que esse mesmo fator tenha favorecido a ocupação precária de segmentos mais populares na região.

¹⁵ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no Bairro Calafate em 26/01/2009.

O núcleo suburbano do Calafate, formado por chácaras e uma pequena capela, era uma das áreas mais povoadas já nos anos iniciais da capital. As primeiras vias de acesso foram determinantes para o processo de ocupação do bairro. A construção da Estrada de Ferro Oeste de Minas, em 1902, determinada pelo Presidente do Estado de Minas Gerais, Francisco Salles, passava pelo bairro, assim como a Estrada do Barreiro, inaugurada em 1910. Texeira (1996) menciona que a implantação de complexos industriais, viários e ferroviários, já no início da construção da capital, direcionou o crescimento da cidade no sentido leste - oeste. Quase sempre situados fora dos limites da área central, vários núcleos de povoamento, denominados “subúrbios”, surgiram em torno desses grandes equipamentos (TEXEIRA, 1996).

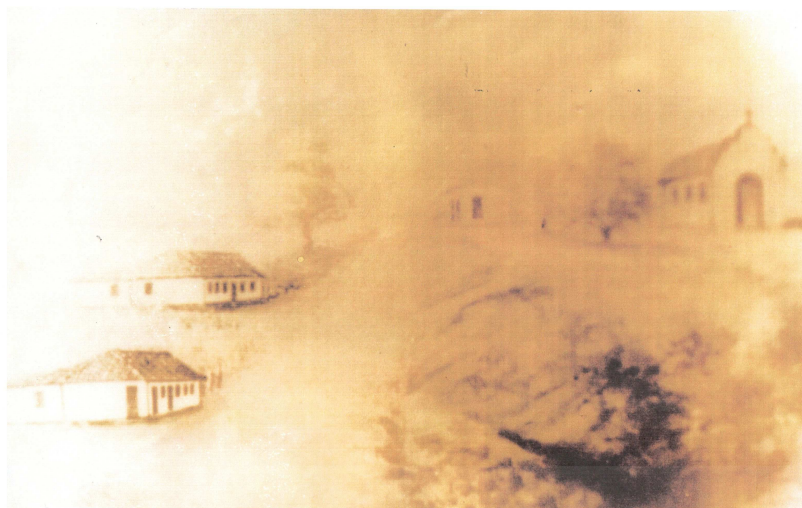


Figura 11 – Chácaras e Capela no Calafate.
Fonte: Acervo particular de Maria Inês Morais Rubioli¹⁶.

A partir de então, o desenvolvimento do Calafate se deu de forma intensa e contínua. O primeiro hipódromo de Belo Horizonte, o Prado Mineiro, foi construído em 1909 e está localizado ao longo da principal via do bairro. Texeira (1996) afirma ainda que a colônia agrícola do Carlos Prates, a vila operária do Barro Preto e o núcleo suburbano do Calafate, nas proximidades do Prado Mineiro, induziram a ocupação do setor oeste, tornando-se uma das áreas mais populosas já no período inicial de Belo Horizonte (TEXEIRA, 1996).

As exposições agropecuárias, realizadas no Prado Mineiro, intensificaram o movimento turístico e os negócios em Belo Horizonte. Na década de 1930, quando o

¹⁶ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no Bairro Calafate em 26/01/2009.

asfalto chegou oficialmente ao bairro Calafate, foi erguida no lugar de uma pequena capela a atual Igreja São José do Calafate. A principal via do bairro era – e continua sendo – a Rua Platina. Além de ser via de acesso e de passagem, a rua permanece também como uma via comercial. De acordo com Borges (2006, p. 86), “a região do bairro do Prado¹⁷, sobretudo ao longo da Rua Platina, [...] era uma zona de atividade comercial”.



Figura 12 – Hipódromo Prado Mineiro (1928)
Fonte: BH 110 Anos, 1997.



Figura 13 - Residência dos Batista. Rua Platina, 1.407, Calafate (1931).
Fonte: Acervo particular de Maria Inês Morais Rubioli¹⁸.

Desde os primórdios, a importância comercial da Rua Platina é comprovada quando observa-se, já no início da década de 1940, a presença de duas salas de

¹⁷ A Rua Platina faz parte dos bairros Calafate e Prado.

¹⁸ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no Bairro Calafate em 26/01/2009.

cinema: o Cine São José¹⁹ e o Cine Eldorado²⁰, dois dos primeiros cinemas implantados fora do eixo central de Belo Horizonte. Quando os bairros começam a se consolidar como centros da vida social e de prestação de serviços, vão aparecendo salas de cinema em seus pontos de concentração de comércio secundário. Destinados ao público da vizinhança, os cinemas conquistam novos espaços nessa fase em que tais bairros estavam em pleno desenvolvimento (BELO HORIZONTE, 1995). O importante a se destacar aqui é o entendimento dos cinemas como pontos de encontro do bairro.



Figura 14 - Cine São José. Rua Platina, Calafate. (Década de 1940).
Fonte: BELO HORIZONTE, 1995.

O conto “Paz” em “Carlos Prates”, livro sobre as memórias do bairro homônimo, menciona uma padaria da Rua Platina que “pôs o forno à disposição para os assados” em 1945, em função do final da guerra (PEREIRA, 2009, p. 100). Esse trecho evidencia a importância comercial da Rua Platina para além dos limites do próprio bairro.

Um antigo morador do bairro, Waldemar Boggione, entrevistado por Borges (2006), evidencia a função de via principal da Rua Platina: “O acesso aqui era pela Rua Platina. E depois se estendeu até a Gameleira. E havia nessa época bonde. Mais tarde, apareceu o ônibus [...]” (BORGES, 2006, p.88).

De acordo com o estudo “Gestão do espaço metropolitano: homogeneidade e desigualdade na RMBH²¹” (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2007), a região do

¹⁹ Inaugurado em 16 de maio de 1942 e fechado em 14 de fevereiro de 1980. Propriedade do Sr. Abraão João até 1942 quando foi vendido para a Empresa Cine Teatral Ltda. (BELO HORIZONTE, 1995).

²⁰ Inaugurado em 24 de fevereiro de 1945 e fechado em 14 de fevereiro de 1980. Propriedade de Abraão João (BELO HORIZONTE, 1995).

²¹ Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH).

Calafate experimentou, nas primeiras décadas do século XX, ensaios de industrialização e construção de vilas operárias. Também abrigou atividades agropecuárias que só foram desativadas com a construção da Via Expressa e do trem metropolitano.

Como se verá posteriormente, o povoado do Calafate foi incorporado à zona suburbana da cidade de Belo Horizonte, como bairro suburbano, apenas em 1912.

2.3. Calafate ou Prado?

Em junho de 1898, o então presidente de Estado, Crispim Jacques Bias Fortes, utilizou a expressão “vastos subúrbios”, em sua última mensagem ao Congresso Mineiro, para se referir aos espaços suburbanos da nova capital. Essa mensagem noticiava o estabelecimento de núcleos coloniais agrícolas nos subúrbios da cidade.

Sendo de vital importância para esta capital o povoamento de seus vastos subúrbios por pequenos agricultores, e a fixação do pessoal operário atualmente aqui existente, o governo já tomou providências nesse sentido, fazendo medir e demarcar lotes para serem distribuídos e colonizados (MINAS GERAIS, 1898, p. 31²²).

No início do século XX, muitas das zonas agrícolas implantadas diretamente na Zona Suburbana começaram a ser loteadas. A Colônia Carlos Prates deu origem a dois bairros suburbanos: o Carlos Prates e o Prado. De acordo com Aguiar (2006), o povoado Calafate, antes de se configurar como um bairro suburbano, se encontrava na porção sul do que veio a se tornar o bairro Prado. A proximidade iria, em um futuro próximo, estabelecer uma continuidade intrínseca entre os dois bairros.

No dia 6 de agosto de 1898, foi oficialmente instalado o Núcleo Colonial Carlos Prates. Mesmo tendo sido dividido e parcelado, esse núcleo colonial, que também recebeu os colonos, na sua maioria imigrantes italianos, para cultivar as suas terras, em pouco tempo foi extinto, assim como os outros da cidade. No dia 21

²² Também citado por Aguiar (2006, p. 222). A expressão também nomeia a tese de doutorado desse autor.

de outubro de 1911, o governo mineiro emancipou o Núcleo Colonial Carlos Prates. Por meio da Lei Municipal nº 55, de 5 de fevereiro de 1912²³, a Prefeitura de Belo Horizonte incorporou a ex-colônia Carlos Prates à zona suburbana da cidade, juntamente com o povoado do Calafate, vizinho à sua parte sul (AGUIAR, 2006).

[...] a incorporação dos antigos núcleos coloniais à zona suburbana, em 1912 e 1914, não converteu de pronto esses espaços rurais em espaços urbanos. De fato, a emancipação e a incorporação à cidade foram os pontos de partida para vários processos que foram transformando os espaços rurais das antigas colônias em bairros suburbanos (AGUIAR, 2006, p.302).

No entanto, ainda de acordo com o autor, verificou-se que nas décadas de 1920 e 1930, a ex-colônia Carlos Prates, convertida em bairro suburbano, era a que crescia em ritmo mais acelerado na cidade. Observa-se também que:

boa parte dos colonos que estavam assentados no antigo núcleo Carlos Prates em 1911, quando ocorreu o fim da tutela do Estado sobre a colônia, participou do processo de transformação dos espaços rurais em espaços suburbanos. Essa participação se deu quase sempre vendendo seus lotes a negociantes, investidores e construtores que, ao parcelarem as terras e sobre elas edificar casas e barracões, puderam efetivamente tirar proveito do processo de adensamento que tomou impulso em meados dos anos 1929 (AGUIAR, 2006, p.334).

Um dado sobre o Núcleo Colonial Carlos Prates é especialmente importante para o presente trabalho. A sua localização proporcionou aos seus colonos um contato direto com a vida urbana. A maior parte dos lotes dos outros núcleos coloniais se encontrava distante dos bairros urbanos e do centro da cidade (AGUIAR, 2006).

[...] os lotes do núcleo colonial Carlos Prates estavam próximos o bastante para permitir um contato mais frequente com a vida cotidiana da cidade. E, também, para estimular colonos e suas famílias a buscar ocupações urbanas, quase sempre assalariadas, em lugar de se empenharem no cultivo dos seus lotes coloniais. (AGUIAR, 2006, p.340).

Esse fato pode justificar a presença significativa de herdeiros dos colonos entre os promotores das subdivisões e vendas de lotes na ex-colônia Carlos Prates.

²³ BELO HORIZONTE. Lei Municipal n 55, de 5 de fevereiro de 1912. Incorpora á zona suburbana da capital o povoado do Calafate e as ex-colonias Bias Fortes, America Wernerck, Carlos Prates e Adalberto Ferraz e dá outras providências a respeito. **JusBrasil Legislação**. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/239398/lei-55-12-belo-horizonte-mg>. Acesso em: 11 mai. 2010

Segundo o autor, isso se deve a uma possível mobilidade social e mudança na estrutura ocupacional dos colonos durante as primeiras décadas do século XX.

Favorecidos pela posição desse antigo núcleo no território da cidade e estimulados pelo estabelecimento da linha de bonde, em 1915, esses herdeiros teriam buscado novas formas de explorar o patrimônio legado por seus pais, abandonando qualquer veleidade de cultivar os lotes herdados e integrando-se de vez à vida urbana (AGUIAR, 2006, p.326).

É possível afirmar que as atividades buscadas pelos filhos dos colonos relacionavam-se com a vida na cidade. Eles “provavelmente encontraram melhores oportunidades de trabalho nas indústrias, no comércio, nos serviços urbanos e na administração pública do que no cultivo dos lotes coloniais” (AGUIAR, 2006. p. 326).

[...] o simples ato de parcelar o lote colonial trazia maiores perspectivas de lucro aos antigos colonos do que a manutenção de suas terras como áreas indivisas, fossem cultivadas ou não. Assim, o mercado imobiliário ditou os termos da transformação do espaço rural do antigo núcleo colonial Carlos Prates em espaço suburbano, abrindo caminho para a ocupação do bairro por uma população de operários, funcionários de baixo escalão, comerciantes e pequenos comerciantes e industriais, ao longo dos anos 1920 e 1930. (AGUIAR, 2006, p. 327).

Segundo Guimarães (1991), a política de Núcleos Agrícolas visava ao incremento da produção agrícola para abastecer a cidade. Mas, além disso, e principalmente, visava a garantir o povoamento da área em torno da zona urbana. Prova disso é “[...] a rápida incorporação dos Núcleos à zona suburbana da cidade, passando a constituir novos bairros [...]” (MONTEIRO, 1973, p. 166), sendo que, “[...] o do Carlos Prates, por exemplo, [...] nunca chegou a adquirir as características de Núcleo Agrícola”. (PLAMBEL, 1979, p. 51).

Outro fator que pode explicar a ocupação dos antigos Núcleos Agrícolas por trabalhadores urbanos é a especulação imobiliária, como sugere Guimarães (1991). Por volta de 1925, “[...] a especulação imobiliária havia elevado o preço dos terrenos mais centrais, tornando-os inacessíveis e obrigando os servidores públicos a procurar distantes subúrbios para morar” (GUIMARÃES, 1991, p. 150).

O primeiro hipódromo da cidade, o Prado Mineiro, também foi considerado um importante indutor de formação e crescimento do bairro Prado.

A ocupação do Prado tem origem no antigo Prado Mineiro, inaugurado em 1909 pelo então prefeito Prado Lopes, com a primeira exposição Comercial

e Industrial. Durante o evento também foi inaugurada uma nova modalidade de lazer na cidade – as corridas de cavalos, que perduraram por muito tempo e que estimularam a construção de um hipódromo. Posteriormente, o local foi ocupado pelo comando da Polícia Militar que ali instalou o Departamento de Instrução para a formação de recrutas de corporação e depois a Academia de Polícia Militar (JACINTO, 2000, p.-).

O bairro Prado mereceu um romance muito reconhecido nacionalmente: **O Amanuense Belmiro**, de Cyro dos Anjos. Sobre os seus moradores, o autor afirma que: “O amanuense mora na Rua Erê, no Prado, onde convive com [...] funcionários públicos, como o Prudêncio Gouveia, ‘chefe de seção e pessoa muito conceituada” (ANJOS, 2001, p. 24).

Aguiar (2006) afirma:

A subdivisão dos lotes coloniais [na ex-colônia Carlos Prates] revelou ser negócio rentável, multiplicando o valor da terra urbana e atraindo investidores de várias classes sociais, vindos de toda a cidade, inclusive membros das elites locais (AGUIAR, 2006, p. 396).

A oferta de terrenos economicamente acessíveis, mesmo que relativamente distantes do centro da cidade, atraía aqueles que buscavam uma moradia. Segundo Aguiar (2006), os moradores asseguraram a ocupação efetiva do Prado, bairro que surgiu do loteamento da então ex-colônia Carlos Prates. Essa procura estimulou e atraiu, posteriormente, linhas de bonde, pequeno comércio, grupos escolares, igrejas e até mesmo campos esportivos e clubes sociais.

Durante a pesquisa de campo, observou-se que a menção ao Prado foi recorrente nos discursos dos moradores do Calafate. Daí a necessidade de explorar a formação histórica do Prado, para entender o Calafate.

Iniciando a discussão do Prado em relação ao Calafate, observa-se que os loteamentos no bairro Prado, que são posteriores ao Calafate, atingiram os estratos médios da população, ou seja, os funcionários públicos com padrão de vida urbano, contrastando diretamente com a população rural e operária do Calafate. Ainda de acordo com Aguiar (2006), os loteamentos nessa área mostravam-se muito rentáveis, o que atraiu empreendedores até mesmo das elites locais da cidade.

Levando-se em consideração as diferenças de formação dos bairros Calafate e Prado e, conseqüentemente, a inexorável proximidade entre os dois, os moradores do Calafate tiveram com quem ser comparados, o que pode, por assim dizer, ter reforçado um sentimento de inferioridade ligado ao seu passado rural e operário. Ou

melhor, o surgimento de um bairro próximo, inicialmente para os estratos médios e urbanos, pode ter constituído, para o Calafate, as bases da formação de sua identidade fundamentada na diferença correlacionada ao bairro Prado. Uma das hipóteses deste trabalho é que essa identidade, marcada pelo contraste com um grupo superior do ponto de vista socioeconômico, foi em parte responsável por alimentar nos moradores certa indiferença ou 'esquecimento' em relação ao seu passado.

Isso justifica a não consolidação de uma identidade para o bairro Calafate baseada em referências históricas. Uma das causas desse processo é o anseio de se aproximar, em termos de ambiência, do bairro Prado, o que faz com que seus moradores não procurem se diferenciar deste bairro. Ao contrário, eles preferem ser confundidos com ele. Uma das evidências desse fato pode ser percebida na pesquisa quando muitos moradores entrevistados do bairro Calafate se identificavam como moradores do Prado.

Uma diferença elementar na constituição dos bairros Calafate e Prado é que o primeiro, mesmo depois de ter sido incorporado à zona suburbana, ao que tudo indica, não sofreu um intenso processo de transformação. Nem com relação aos seus moradores e nem com relação ao seu aspecto urbanístico. O desenho, que foi se formando com a constituição do povoado, resistiu. Além disso, outra diferença primordial é o fato de o Calafate ter sido um local destinado a uma vila operária.

Esse é um processo observado em outros bairros de Belo Horizonte, não apenas no Calafate. Ribeiro (2008), ao realizar um estudo sobre o bairro Concórdia, observou a possibilidade de apreender duas dimensões desse espaço: a local e a extralocal. A dimensão local se refere aos modos de vida, às relações de sociabilidade e às representações simbólicas dos moradores.

A dimensão extralocal refere-se às possíveis correlações e comparações entre o bairro e seus espaços adjacentes ou em relação a outras partes da cidade construídas pela população local, o que pode envolver diferenças ou semelhanças entre aspectos sociais, econômicos, culturais e outros. (RIBEIRO, 2008).

No caso do Concórdia, Ribeiro (2008) observou que as comparações entre ele e os bairros vizinhos, feitas por seus moradores, foram recorrentes. Essas comparações se devem, especialmente, à proximidade física do Concórdia com bairros onde residem pessoas com nível socioeconômico mais alto. De acordo com a autora:

[...] morar no bairro Concórdia não constitui um prestígio se for comparado com os bairros vizinhos. Como salientaram os moradores entrevistados ao assegurarem que é prática corrente entre alguns moradores do bairro falar que moram nos bairros Da Graça, Renascença ou Colégio Batista. Ou seja, o endereço não é prestigioso (RIBEIRO, 2008, p. 59).

Além dos moradores utilizarem o ditado popular “tem uma cabeça de burro enterrada aqui” para explicar a estagnação do bairro, Ribeiro (2008) também observa, e nesse ponto há mais uma aproximação com o Calafate:

que a estagnação do bairro Concórdia [...] esteja diretamente relacionada com a **permanência das famílias que passaram a residir nesse espaço logo após sua fundação** e que a presença da Favela Tiradentes também reforça a concepção de que seja um bairro favelado (RIBEIRO, 2008, p. 57, grifo nosso).

Além da presença de favelas²⁴ e de bairros vizinhos socioeconomicamente superiores, Calafate e Concórdia compartilham outro elemento que os constroem socialmente estigmatizados: “O surgimento do bairro Concórdia é fruto da política de vilas operárias implementada em alguns espaços da Zona Suburbana de Belo Horizonte, a partir da década de 1920” (RIBEIRO, 2008, p. 21).

Como se pode observar, a origem de vila operária é um demarcador muito expressivo na constituição desses bairros. Tanto que, depois de tantos anos, mesmo que inconscientemente, esse fator continua determinando a relação que, não apenas os moradores destes bairros, como também de outros, estabelecem com esses lugares específicos da cidade.

O caso do Prado é diferente. Em primeiro lugar, era uma colônia agrícola. Com sua incorporação à zona suburbana, fica claro no trabalho de Aguiar (2006) que essa área sofreu um intenso processo de transformação. Os loteamentos foram feitos de forma a atrair não apenas investidores, mas moradores também. A proximidade com o Centro e o acesso ao bonde propiciaram aos seus antigos colonos contato com um modo de vida urbano e aos novos moradores, de perfil urbano e de estratos médios, acesso à moradia em um local um pouco distante, mas com a facilidade do transporte. E mesmo que também fosse constituído por

²⁴ No bairro, como se verá adiante, existe a Favela do Calafate.

operários, sua denominação e efetiva constituição, como vila operária, nunca existiram.

No Prado, os ofícios rurais rapidamente foram extintos com os loteamentos no início do século XX. Já o Calafate abrigou “atividades agropecuárias que só foram desativadas com a construção da Via Urbana Leste Oeste e os trilhos do trem metropolitano” (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2007, p. 324). Isso foi, aproximadamente, nas décadas de 1970 e 1980.

A história pode ser reinventada, tornando-se, dessa forma, uma boa narrativa identitária. É o que se observa no bairro Santa Tereza, por exemplo. A história de sua formação é o que dá unidade à conformação de sua identidade atual. É um bairro boêmio que favoreceu a efervescência cultural. Ao mesmo tempo é um bairro antigo que conserva relações de vizinhança baseadas no conhecimento pessoal. São a essas características que os moradores do bairro se agarram para evitar uma possível descaracterização por meio da especulação imobiliária que poderia atrair novos moradores que não comungariam com esse modo de vida. Isso pode não ter ocorrido com o Calafate em função de sua própria história. O bairro Prado é uma possibilidade de interpretação, mas, provavelmente, não deve ser a única. Deve-se levar em conta que essa hipótese não é exclusiva.

Diferentemente do Calafate, o bairro Prado não surgiu como uma vila operária. O loteamento do Prado é posterior à formação do bairro Calafate, que era uma mistura de fazenda, povoado, vila operária com a presença de antigos moradores do Arraial Curral del Rei e imigrantes italianos. Em uma das entrevistas, um morador disse que, em função da Academia²⁵, o Prado era habitado por oficiais de postos médios e altos da Polícia Militar. Outro entrevistado também afirmou que o Prado sempre se apresentou, esteticamente, mais belo, quando comparado ao bairro Calafate.

Os moradores do Prado eram tudo Capitão. Eram mais graduados por causa do Quartel. Sempre foi. O Prado é mais rico. Sempre foi assim (Aposentado, 78 anos²⁶).

²⁵ Antigo hipódromo Prado Mineiro.

²⁶ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no Bairro Calafate em 20/01/2010.

Dessa forma, verifica-se que os setores ferroviários no Brasil foram ocupados pelas camadas de mais baixa renda. Ainda de acordo com Villaça (2001), assim como as ferrovias seccionam os espaços, o rio, no caso de Belo Horizonte, o Arrudas, também é considerado uma barreira, principalmente porque constrange os fluxos de transporte. É como se fosse um obstáculo a transpor. Segundo o autor, “por essa razão, as áreas situadas além das barreiras são rejeitadas pelas classes de maior renda e seus terrenos passam a ter preço inferior aos daqueles localizados aquém das barreiras” (VILLAÇA, 2001, p. 130). Essas áreas são, então, ocupadas por residências e comércios das camadas de renda mais baixa.

As partes elevadas da cidade, próximas ao Centro e sem a necessidade de cruzar barreiras, são as mais valorizadas, sendo, então, eleitas pelas camadas de renda mais alta local de moradia. Em Belo Horizonte, como bem pontuou Villaça (2001), as barreiras eram o Arrudas, seu vale e a ferrovia, que segue o traçado do rio. O autor afirma que, “a capital mineira [...] implantou-se num sítio constituído por um vale – o do ribeirão dos Arrudas – com várzea frequentemente inundada, e onde vieram se alojar os trilhos de uma estrada de ferro, a então Central do Brasil” (VILLAÇA, 2001, p. 119). O Calafate cresceu induzido exatamente por essas barreiras. Isso pode explicar a sua rejeição pelos estratos de renda média e alta e a sua abertura aos estratos inferiores.

Entretanto, é interessante observar que alguns moradores entrevistados dizem que essa relação ‘Calafate *versus* Prado’ é recente, de aproximadamente vinte anos. Pelos relatos, dá a entender que o Calafate tinha uma vida independente e autônoma. A presença dos cinemas, das festas na Praça da Igreja, do comércio, do Bonde do Calafate e do *footing*, demonstra isso. De acordo com um entrevistado, a construção do metrô isolou o bairro Calafate do bairro Padre Eustáquio, com o qual tinha uma relação bastante consolidada, o que pode ter resultado numa relação forçadamente mais próxima com o bairro Prado.

O bairro Prado é mais valorizado que o bairro Calafate. O Calafate parece que deixou de existir. Ficou com a parte pior. O Prado engoliu o Calafate. A Avenida Silva Lobo fica erma à noite por causa da favela. Tem a linha do trem. Dá mais *status* morar no Prado. Isso começou na década de 80/90, 1985, mais ou menos. Antes não tinha. Antes do metrô, o Calafate tinha umas características fortes de centro comercial que sustentavam até o bairro Padre Eustáquio. O metrô foi uma barreira entre o Calafate e o Padre Eustáquio. Os jovens do Padre Eustáquio vinham aos cinemas do Calafate.

Depois do metrô o comércio da Platina caiu e o Padre Eustáquio teve que se desenvolver (Comerciante, 69 anos²⁸).

Parece que os moradores entrevistados do bairro Calafate almejam ser como o Prado. É como se o bairro Prado possuísse atributos que o Calafate não possui, tais como progresso, riqueza e prédios mais bonitos, como aparece nas falas dos entrevistados. O Prado é representado sempre como um bairro bom, de classe média, sem favela nas proximidades e de habitantes selecionados. Sempre com relação ao bairro Calafate, o Prado é considerado, pelas representações dos entrevistados, mais nobre, mais rico, mais bonito, mais luxuoso, mais valorizado, mais chique e mais moderno.

O Prado é visto como bairro bom. Bairro de classe média. Não tem favela. Só aluguel caro. Bairro bem visto, central e valorizado (Policia Militar, 32 anos²⁹).

O Prado era mais nobre [que o Calafate], casas mais bonitas, bairro de rico. Sempre senti isso (Professora, 53 anos³⁰).

O Prado é um bairro bom, ótimo. Sempre elogiam o bairro. Habitante selecionado. Já o Calafate não falam que é bom. Não falam nada. Perguntam onde fica (Aposentada, 80 anos³¹).

Essa representação do Prado como um bairro mais tipicamente de classe média e do Calafate como um bairro de estratos médio inferiores é corroborada pela classificação da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, Administrativas e Contábeis de Minas Gerais (Ipead) sobre os bairros belo-horizontinos a partir do critério da renda do chefe do domicílio. Na hierarquia dos bairros que vai de Popular a Luxo, passando por Médio e Alto, o Prado é considerado um bairro de Alto *status* e o Calafate de Médio *status* (FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS, ADMINISTRATIVAS E CONTÁBEIS DE MINAS GERAIS, 2005).

Já com relação à representação do bairro Calafate, os entrevistados dizem que a favela atrapalha, que a Rua Platina é um problema, que a proximidade do Rio Arrudas é um fator negativo. Outras características são apontadas como bairro

²⁸ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no Bairro Calafate em 19/01/2010.

²⁹ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no Bairro Calafate em 13/01/2010.

³⁰ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no Bairro Calafate em 18/01/2010.

³¹ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no Bairro Calafate em 14/01/2010.

humilde, sem vizinhança boa e sem uma linha de ônibus específica³². Resumindo, a Favela do Calafate, o Rio Arrudas, a linha de trem e de metrô são alguns fatores considerados que poderiam ter contribuído negativamente para a formação do bairro Calafate.

O Rio Arrudas inundava as casas, tinha mau cheiro, debaixo da Silva Lobo era aberto. Atrapalhou o desenvolvimento. Até hoje tem problema de entupimento dos bueiros. Quem vai querer modernizar? (Aposentada, 61 anos³³).

Prado é mais luxo. Prado é bairro melhor para os olhos da sociedade. Para mim é a mesma coisa. Desde que acabou a linha de ônibus Calafate, acabou o Calafate. (Estudante, 24 anos³⁴).

Quando se fala Calafate, as pessoas reagem como se ele fosse um bairro mais afastado. Demonstram certo preconceito. A favela, perto do Rio Arrudas. Sempre foi assim. O Calafate tinha mais boteco, aparência de bordel em 1960. O Calafate era mais humilde [que o Prado]. Não tinha vizinhança boa. (Professora, 53 anos³⁵).

A favela atrapalha muito. A sujeira, os mendigos... O que atrapalha o Calafate é a Platina. (Costureira, 80 anos³⁶).

Esse capítulo tentou traçar um paralelo entre a construção de Belo Horizonte, uma capital planejada e moderna, e a formação de sua primeira periferia, pobre e desordenada, que, em princípio, rompe com seus ideais urbanísticos. É dentro dessa perspectiva que surge o Calafate, localizado na região suburbana da cidade. Depois tentou buscar a formação histórica do bairro Calafate, uma região marcada não apenas pela moradia dos operários pobres, mas também por trabalhadores rurais, em especial imigrantes italianos. Percebeu-se necessário enveredar pela história de um bairro tão próximo, mas que guarda diferenças, ao mesmo tempo, tão sutis e tão demarcadoras, para uma análise mais apropriada a que se propõe esse trabalho. Por fim, através das representações, de cada bairro, dos moradores entrevistados, buscou-se explorar suas diferentes imagens que podem estar relacionadas com a história e com a proximidade entre eles.

³² A linha de bonde Calafate foi muito marcante em Belo Horizonte. Com a extinção dos bondes, foi implantada a linha de ônibus Calafate. Hoje existe, no Calafate, a linha de ônibus Prado.

³³ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no Bairro Calafate em 29/01/2010.

³⁴ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no Bairro Calafate em 19/01/2010.

³⁵ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no Bairro Calafate em 18/01/2010.

³⁶ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no Bairro Calafate em 14/01/2010.

3 O BAIRRO E O SEU LUGAR NA METRÓPOLE: LOCALIZANDO O CALAFATE

“É o delírio noturno de Belo Horizonte...
Não nos esqueçamos da cor local:
Itacolomi... Diário de Minas... Bonde do Calafate...”.
Mário de Andrade, 1924/1976³⁷

3.1. Calafate: um bairro pericentral na hierarquia socioespacial de Belo Horizonte

O objetivo deste capítulo é discutir o conceito de área pericentral e localizar o bairro Calafate na hierarquia socioespacial da cidade de Belo Horizonte. Para tanto, fez-se uso do artigo de Mendonça (2008), que trabalha com uma metodologia desenvolvida pelo Observatório das Metrópoles, compartilhada por mais onze regiões metropolitanas brasileiras. Também se utilizou do trabalho de Teixeira e Souza (2003), de uma pesquisa que trata os Indicadores de Desenvolvimento Humano e de condições de vida na Região Metropolitana de Belo Horizonte (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO/ INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADA, 1998), de um relatório sobre a Gestão do Espaço Metropolitano (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2007) e dos dados do Censo Demográfico 2000 (AMORIM, 2010).

Posteriormente, tentou-se caracterizar a área pericentral da cidade e suas funções metropolitanas. Logo após, na mesma vertente de caracterização do bairro, buscou-se identificar o perfil dos entrevistados do Calafate a partir dos dados produzidos através da pesquisa de campo e da realização das entrevistas. E por fim, analisou-se o conceito de modos de vida e procurou-se explorá-lo nas relações de vizinhança e nas apropriações dos locais de sociabilidade no bairro pelos moradores.

Mendonça (2008) analisa as transformações na organização social do espaço metropolitano de Belo Horizonte pela observação da distribuição socioespacial de

³⁷ (ANDRADE, 1924/1976).

seu território. De acordo com a autora, o território metropolitano é marcado pela distribuição espacial hierárquica das categorias sócio-ocupacionais³⁸. Os diversos grupos sociais ocupam o espaço metropolitano usufruindo das oportunidades, benefícios e recursos urbanos, oferecidos por esse espaço, de forma desigual. A identificação da distribuição socioespacial, presente em uma região metropolitana, torna possível a análise de seu grau de segregação espacial. Por isso, localizar as categorias sócio-ocupacionais, assim como sua densidade, e analisar a constituição de suas diferentes categorias é contribuir para a necessidade de se discutir o equilíbrio dos investimentos públicos e a priorização das políticas de interesse social.

Segundo a autora, os novos padrões de urbanização e de ocupação e uso do solo têm acirrado o padrão centro-periferia de organização do espaço da RMBH³⁹. Mesmo que novas forças produzam uma nova distribuição dos grupos sociais no território, as elites, ao se concentrarem, ‘empurram’ os outros segmentos da estrutura social para as periferias distantes e precárias. A novidade da ocupação pelas elites intelectuais e dirigentes de novas áreas periféricas, na forma de condomínios fechados, representou pouco para a mudança do padrão geral de segregação socioespacial, uma vez que na RMBH essas áreas de condomínios se caracterizam como uma extensão da região central. Dessa forma, as distâncias físicas entre os grupos sociais continuaram profundas.

A distribuição territorial dos grupos sociais da RMBH mostra um espaço em que a hierarquia social descende do centro para a periferia. Dessa forma, as características principais da estruturação socioespacial da RMBH são representadas pelos

[...] espaços centrais e pericentrais, com grande representação das elites dirigentes e intelectuais, [que se] **elitizaram** e passaram a ocupar um território maior, [...], coerentemente com a diminuição relativa de população nas áreas mais centrais [...] (MENDONÇA, 2008, p. 52, grifo do autor).

Ainda tem-se que:

³⁸ Categoria construída a partir da variável ocupação dos Censos Demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de modo a se constituir uma possível hierarquização da estrutura social brasileira.

³⁹ A configuração centro-periferia da organização socioespacial da RMBH vem sofrendo transformações que ainda deverão demandar novos estudos. Como Mendonça (2008) mostra, trata-se de um fenômeno em curso.

[...] a distribuição espacial das categorias sócioocupacionais marca fortemente o território metropolitano. As áreas mais centrais são aquelas onde se concentram os dirigentes, intelectuais e pequenos empregadores (MENDONÇA, 2008, p. 68).

Desse modo, pode-se dizer que o bairro Calafate, por estar inserido na área pericentral, faz parte dessa organização socioespacial do espaço metropolitano, onde, Mendonça (2008) verificou um contínuo ‘espraçamento’ dos grupos médios.

Ao se desenvolver uma pesquisa sobre bairro, é necessário que se estabeleça um diálogo mais amplo, nesse caso, do bairro Calafate, com o espaço metropolitano de Belo Horizonte, para perceber a relevância do bairro, através de seu percurso histórico, no dinamismo da metrópole. O bairro está inserido, dentro da estrutura do espaço metropolitano, na macrounidade⁴⁰ denominada área pericentral. Teixeira e Souza (2003, p. 24) destacam a “importância regional [...] crescente [da área pericentral para o contexto metropolitano] graças à substituição do uso residencial pelo comercial e de serviços ao longo de suas vias arteriais”.

Geralmente, as áreas pericentrais se desenvolvem a partir das principais vias de acesso à cidade, seu tamanho varia de acordo com o traçado, e com suas modalidades de extensão territorial [...] as vias de acesso concentram, nesse setor, uma forte proporção de estabelecimentos comerciais, seja no lugar onde elas se afastam do centro, seja sobre os pontos mais próximos aos subúrbios. [...] Tal fenômeno é confirmado em Belo Horizonte, onde as principais vias de acesso da periferia ao centro da cidade cortam esses bairros pericentrais, destacando-se entre elas, nos períodos primitivos da cidade: [...] a Rua Platina [...] A facilidade de acesso permite a concentração de grande número de estabelecimentos comerciais ao longo dos principais eixos viários, característica dos bairros pericentrais [...] A proximidade dos polos de atividade do núcleo central estabelece para o bairro pericentral a condição de bairros de passagem (TEXEIRA, 1996, p. 72)

De acordo com Teixeira e Souza (2003, p. 23), a estrutura do espaço metropolitano “mostra as forças que o diferenciam quanto à forma de comprometimento, evidenciando as dificuldades da gestão municipal e a capacidade de estruturação da ordem econômica, política e social mais distante”. As macrounidades metropolitanas, dentre as quais a área pericentral, são determinadas por essa regionalização. Na área pericentral, observa-se recentemente certa elitização, conjugada a uma perda significativa de sua população. No entanto, nota-se nela uma composição hierárquica inferior à do Núcleo Central. A área pericentral

⁴⁰ Unidade de divisão da RMBH feita de acordo com a caracterização conceitual do Planejamento da Região Metropolitana de Belo Horizonte (Plambel), antigo órgão.

não é o lugar destacado de um único grupo, é um espaço socialmente bastante heterogêneo, apesar de sua clara elitização.

A outra pesquisa utilizada nesse trabalho se refere ao desenvolvimento humano e às condições de vida na RMBH, realizada por uma parceria entre a Fundação João Pinheiro (FJP) e o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicada (IPEA). O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é uma medida sintética criada para analisar as condições de vida de uma população. Esse índice também é utilizado para o monitoramento e para a comparação da evolução das condições de vida entre países ao longo do tempo. O IDH foi criado na década de 1990 pela Organização das Nações Unidas (ONU) e serve como base empírica dos **Relatórios de Desenvolvimento Humano**, que são utilizados para monitorar o desenvolvimento mundial. Já o Índice de Condições de Vida (ICV) é outro indicador criado através da mesma metodologia utilizada na construção do IDH. A diferença é que o ICV incorpora um número mais amplo de indicadores de desenvolvimento socioeconômico de modo a captar de forma mais abrangente o processo de desenvolvimento social (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO/ INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADA, 1998).

Dessa forma, **Relatórios de Desenvolvimento Humano** nacionais são realizados periodicamente por diversos países a fim de não apenas acompanhar a evolução das condições de vida de sua população, mas, especialmente, devido ao elevado grau de desigualdade existente no interior dos países, o IDH busca analisar também o seu grau de desigualdades regionais com relação às condições de vida.

Assim, fez-se necessário analisar e monitorar o nível de desenvolvimento humano e de condições de vida em âmbito municipal. A FJP e Ipea promoveram essa pesquisa (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO/ INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADA, 1998), em conjunto, sobre a avaliação das condições de vida em nível municipal, resultando em dois relatórios

O primeiro relatório está voltado para as condições de vida somente dos municípios do Estado de Minas Gerais. Já o segundo relatório trata das condições de vida dos municípios em nível nacional. Um dos principais resultados desses relatórios foi a verificação de que a desagregação do território nacional em municípios ainda não foi capaz de averiguar a desigualdade das condições de vida no país (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO/ INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADA, 1998).

Constatou-se, então, que a maior parte das desigualdades nacionais está localizada, na realidade, dentro dos próprios municípios. Portanto, buscou-se averiguar as desigualdades em condições de vida e desenvolvimento humano intramunicipais. Desse modo, foram desenvolvidos um estudo e uma metodologia específica pelas instituições mencionadas anteriormente, tentando obter as estimativas dos indicadores de condições de vida para um nível que se aproxima dos bairros. Esse estudo foi possível através da consistência entre a desagregação da cidade em bairros, aproximada por meio de ajustamentos, com a desagregação em setores censitários. (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO/ INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADA, 1998).

A escolha pelos 'campos'⁴¹, como um nível de aproximação utilizado, se deve à necessidade de organização informacional. Desse modo, o cotidiano das pessoas, como força de estruturação espacial, e as forças que estruturam as especificidades dessas áreas puderam ser retratadas de forma mais eficaz.

Em outras palavras, a desagregação em 'campos' possibilitou delinear a estrutura e a organização social do cotidiano, bem como suas formações identitárias e históricas, suas ordens social, política, econômica e cultural. "Tem-se, portanto, nesse nível a visão [...] de como as pessoas se organizam para viver seu cotidiano, caracterizando-se como a abordagem o mais próximo possível da realidade dos bairros da região" (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO/ INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADA, 1998, p. 4). Os bairros Prado / Calafate foram considerados, conjuntamente, nesse estudo, um 'campo' inserido dentro da macrounidade **área pericentral** da RMBH.

A RMBH foi dividida em oito macrounidades, de acordo com a caracterização conceitual do Plambel, e por meio de alguns dados obtidos nessa pesquisa. São elas: Núcleo Central, Área pericentral, Pampulha, Periferias, Eixo Industrial, Franja, Áreas de Expansão Metropolitana e Áreas de Comprometimento Mínimo (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO/ INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADA, 1998). No entanto, como o foco do presente trabalho está voltado para a área pericentral, a abordagem feita não privilegiará as outras macrounidades.

⁴¹ A área homogênea 'campo' pode corresponder a um 'bairro', mas não necessariamente.

A caracterização da área pericentral pode ser sintetizada como aquela macrounidade que:

gravita ao redor do centro metropolitano como espaço intermediário entre ele e as periferias. Aparentemente, constitui o espaço da classe média metropolitana, com exclusão progressiva das classes de menor renda, que tendem a permanecer apenas em suas porções mais afastadas do Núcleo Central (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO/ INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADA, 1998, p. 6).

A importância regional da área pericentral aumentou com a expansão das atividades de abrangência metropolitana, em especial aquelas que são ligadas ao setor terciário. A área pericentral possui a mais alta densidade demográfica da região, contudo, foi a única macrounidade que apresentou taxa média de crescimento anual negativa da população nas últimas décadas (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO/ INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADA, 1998).

Ao analisar o dado populacional do Prado / Calafate, é possível verificar que o bairro realmente apresentou decréscimo absoluto da população durante o período analisado. Inclusive, todas as outras variáveis sobre a dimensão populacional também se apresentaram em franca queda.

De acordo com essa pesquisa, sistematizar a organização espacial da RMBH em macrounidades e 'campos' revelou-se adequada para atingir seus objetivos, assim como para chegar a alguns resultados surpreendentes. Um desses resultados se refere à melhoria generalizada que se observou nas condições de vida da população. Para praticamente todas as macrounidades, observou-se uma melhoria expressiva nos indicadores de condições de vida como educação, longevidade, infância e habitação (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO/ INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADA, 1998).

Retomando a discussão sobre as macrounidades, essa pesquisa também detectou que são evidentes e elevadas as disparidades internas da RMBH em seus distintos níveis.

De fato, existe um fosso marcante e crescente nas condições de vida entre as macrounidades, destacando-se como sensivelmente melhores o Núcleo Central, a Área Pericentral e a Pampulha, macrounidades que conformam a parte mais central do espaço metropolitano [...] (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO/ INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADA, 1998, p. 8).

Por outro lado, o Eixo Industrial, as Periferias e as Áreas de Expansão e de Comprometimento Mínimo foram as que apresentaram as piores condições de vida na região (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO/ INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADA, 1998).

Ao desagregar ainda mais essas áreas em unidades menores, nesse caso, nos campos, são reveladas mais disparidades nas condições de vida. E é exatamente nos campos que essa desigualdade tem maior visibilidade e são mais perceptíveis, uma vez que apenas a travessia de uma rua pode desvendá-la.

A Área Pericentral, juntamente com o Núcleo Central e a Pampulha, foram as primeiras a cruzar a linha do alto desenvolvimento humano. Os maiores ganhos absolutos em termos de IDH também ocorreram nessas macrounidades, que podem, por assim dizer, ser consideradas as mais desenvolvidas da região. Esse grupo, do qual a Área Pericentral faz parte, é também aquele que está, em termos de renda *per capita*, entre as macrounidades mais ricas. Todos esses fatos reforçaram e demarcaram ainda mais as disparidades sociais entre estas e as demais macrounidades (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO/ INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADA, 1998).

De um modo geral, pode-se dizer que os índices parciais do IDH revelaram um fosso crescente entre as macrounidades na dimensão Renda. Já na dimensão Educação, essa disparidade é menor e levemente decrescente. Na dimensão longevidade, a desigualdade entre as macrounidades é pouco expressiva, embora crescente. As condições de vida, medidas pelo ICV, melhoraram, e “entre as macrounidades mais ricas em termos de renda, as que apresentavam as piores condições de vida foram as que mais avançaram” (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO/ INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADA, 1998, p. 10).

Na Área Pericentral predominam, desde a década de 1990, os campos de alto desenvolvimento humano, em termos de IDH, neles residindo 66% de sua população total. Ela também apresentava reduzidos graus de carência em termos de ‘campos’ e de população. No entanto, comparecia, na categoria de carência, apenas em função da Favela Barroca-Querosene e do campo do Flamengo. “[...] dos 45 campos mais afluentes da RMBH, três quartos se encontravam em apenas duas macrounidades – Núcleo Central e Área Pericentral [...]” (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO/ INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADA, 1998, p. 30).

Cerca de 60% dos campos da Área Pericentral classificam-se entre os mais afluentes da RMBH.

A desigualdade de renda é, de uma maneira geral, maior nas unidades de maior renda *per capita*, incluindo aí a Área Pericentral. São nessas macrounidades que também se observam as maiores desigualdades de renda intercampo, ou entre bairros. Contudo, a Área Pericentral também se encontra entre os campos com menor volume de carência e em processo de decrescente minoria (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO/ INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADA, 1998).

Historicamente, a área pericentral de Belo Horizonte foi caracterizada e destinada a acolher os trabalhadores que participaram da construção da cidade. Foi nessa mesma área que se observou também a conversão das antigas colônias agrícolas e da zona rural em áreas urbanas. No entanto, essa unidade espacial, com o passar dos anos, foi modificando o seu espaço de moradia e as especificidades de suas funções metropolitanas. Até o início dos anos 40 do século passado, a principal marca característica dessa macrounidade foi fixar os limites da cidade metropolitana. Assim sendo, era possível observar, na composição da metrópole mineira, dois espaços bastante diferenciados: a área central e a área suburbana. Espaços esses, ao mesmo tempo, desiguais e complementares, em suas funções metropolitanas. Atualmente a área pericentral é delimitada pelo Anel Rodoviário, o que também lhe conferiu determinadas características no período contemporâneo (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2007).

Com base no relatório sobre a **Gestão do Espaço Metropolitano** (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2007), toda a área pericentral de Belo Horizonte foi dividida em unidades que apresentam essa especialização. Para o caso específico do presente trabalho, o subcomplexo de campos⁴² utilizado será o que agrega os bairros Calafate e Barroca, nos eixos da Avenida Amazonas e da Rua Platina. Outro subcomplexo de campos, que também pode ser importante aqui, se refere à unidade constituída pelas estradas de Ferro Central do Brasil e Rede Mineira de Viação, assim como pelo Prado Mineiro, a primeira área de lazer e de esporte da cidade.

No intuito de analisar a homogeneidade dessas unidades, foram selecionadas algumas áreas que pudessem retratar os diversos processos pelos quais a área

⁴² Unidades que mostram as funções metropolitanas e a especialização da área pericentral (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2007).

pericentral vem sofrendo nos últimos anos. A unidade do Calafate / Barroca abarca os bairros Barroca e Salgado Filho e as favelas Barão Homem de Melo e Morro do Querosene. Como mencionado anteriormente, o subcomplexo de campo Calafate / Barroca é delimitado pelo eixo viário da Avenida Amazonas e pelo sistema ferroviário. A demarcação também passou a ser feita, mais recentemente, pela Via Urbana Leste Oeste e pelo Núcleo Central em direção à zona sul.

A região do Calafate, vinculada às experiências de industrialização e de moradia operária desde o início do século XX, por sua vizinhança com as vias férreas, foi um dos principais polos de desenvolvimento do subcomplexo em exame. Situou-se, em seu entorno, o que se chamou, no passado, de 'Prado Mineiro', no qual se localizaram o primeiro 'campo de aviação' da cidade e uma área de lazer com ênfase para competições desportivas. (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2007. p. 323).

No entanto, com a implantação da Cidade Industrial Juventino Dias⁴³, essa região passou a ser articulada através da Avenida Amazonas. Desse modo, o bairro Calafate perdeu sua centralidade, que foi remanejada para as áreas lindeiras àquela Avenida. Essa mudança, então, favoreceu o desenvolvimento dos bairros localizados às margens da Avenida Amazonas, como o próprio Barroca, mas também o Prado e o Nova Suíça.

Em meados dos anos 40, a criação do centro industrial Juventino Dias, assim como a implantação da Avenida Amazonas reconfiguraram a hierarquia viária da região, o que confirma a ocupação residencial do Calafate e Prado. "Neste novo desenho urbano, percebeu-se, inclusive, certo isolamento da região, uma vez que o setor oeste da cidade passou a ser preferencialmente a Avenida Amazonas e não mais a Rua Platina⁴⁴". (JACINTO, 2000, p.-).

As áreas homogêneas⁴⁵ que compõem a região original do Calafate têm, em sua formação, o eixo ferroviário e, em sua posterior demarcação, a Avenida Amazonas. Como foi dito, a região do Calafate experimentou, nas primeiras décadas do século XX, ensaios de industrialização e construção de vilas operárias. O Calafate tem a Rua Platina como o seu principal eixo viário e o Prado Mineiro como um de seus desmembramentos. Contudo, algumas intervenções viárias, realizadas

⁴³ Localizada no município de Contagem / Minas Gerais.

⁴⁴ Trecho transcrito da entrevista realizada com Cláudio Bahia, na época chefe do departamento de arquitetura da PUC Minas.

⁴⁵ Destaca a diversidade e os padrões de ocupação dos domicílios em competição com outros usos. (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2007).

nas últimas décadas, têm modificado a estrutura urbana da região do Calafate. A Avenida Silva Lobo, que articula as áreas dos bairros Padre Eustáquio e Carlos Prates e a Via Urbana Leste Oeste à Avenida Amazonas e à zona sul, tem conferido significativas intervenções na estrutura urbana do Calafate. A importância da Avenida Silva Lobo é tal que atribuiu uma nova dinâmica identitária à área articulada pela Rua Campos Sales, que, na realidade, é um desmembramento da Rua Platina (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2007).

Uma unidade de homogeneidade, utilizada nessa pesquisa (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2007), devido à sua importância histórica, é a área denominada Calafate / Igreja São José. Observa-se que essa área preserva características bastante peculiares.

Destaca-se, de início, que ela praticamente manteve o mesmo número de domicílios ocupados – acréscimo de 2,4% - entre 1982 e 2002, mas acusou significativa recomposição do grupo familiar, com perda de 36,5% em sua população – queda no tamanho médio da família de 4,4 pessoas para 2,7 pessoas no período (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2007, p. 324).

Pode-se dizer que a perda de população é uma característica geral da área pericentral. De acordo com o Censo Demográfico 2000 (AMORIM, 2010), o bairro Calafate conta com 1.697 domicílios particulares permanentes (98,61%)⁴⁶. Segundo os indicadores para a RMBH (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO/ INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADA, 1998), no bairro Prado / Calafate, a porcentagem da população que vive em domicílios com densidade superior a duas pessoas por dormitório caiu consideravelmente.

A área do Calafate / Igreja São José é muito pouco homogênea. Ao se examinar o aspecto da composição de renda, observa-se que a marca da heterogeneidade dos seus grupos socioeconômicos se manteve.

Em 1982, 19,1% dos domicílios eram ocupados por famílias com renda inferior a três salários mínimos, 45,2% das famílias percebiam rendimentos médios entre três e 15 salários e 35,7% tinham renda superior a 15 salários. A marca da heterogeneidade permanece em 2002, com ligeiras modificações (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2007, p. 325).

⁴⁶ Esse número sobe para 1.721 ao considerar domicílios particulares improvisados (0,52%) e unidades em domicílios coletivos (0,87%).

Os dados do Censo Demográfico 2000 (AMORIM, 2010) confirmam a heterogeneidade característica do bairro Calafate. O rendimento nominal mensal dos responsáveis por domicílios particulares permanentes, residentes no bairro Calafate, se circunscreve da seguinte forma:

TABELA 1 - Rendimento mensal dos responsáveis por domicílios no Calafate em 2000

De 1/5 a 2 salários mínimos	De 3 a 5 salários mínimos	De 6 a 10 salários mínimos	De 11 a 15 salários mínimos	De 16 a 20 salários mínimos	Mais de 20 salários mínimos	Sem rendimento nominal
253 (14,92%)	284 (16,74%)	434 (25,55%)	162 (9,55%)	214 (12,61%)	281 (16,56%)	69 (4,07%)

Fonte: Amorim, 2010.

Nota: Dados oriundos do Censo Demográfico 2000 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2000).

Como mérito de comparação, é interessante notar que na área Prado / Turfa e na área Prado / Departamento de Instruções da Polícia Militar de Minas Gerais (DI) se verifica uma resistência da homogeneidade, mesmo em face do tempo e da queda abrupta de domicílios ocupados, “[...] dobrando a participação das famílias com renda superior a 15 salários mínimos em 20 anos” (FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, 2007, p. 325).

Com relação à homogeneidade urbanística, observa-se que área Calafate / Igreja São José resiste à atuação dos agentes imobiliários, tanto no que diz respeito à substituição do uso domiciliar por outros usos, quanto nos investimentos domiciliares que podem transformar as diferenças internas de renda. No que diz respeito às características dos domicílios particulares permanentes no Calafate, podem ser observados, pelo Censo Demográfico 2000 (AMORIM, 2010), três tipos de moradia: casa, apartamento e cômodo. Na área Calafate / Igreja São José, constatou-se que 53,74 % dos domicílios são do tipo apartamento; 43,19% são do tipo casa; e 3,06% são domicílios do tipo cômodo. Esses dados podem ser enganadores. Apesar de parecer, não há mais prédios do que casas. A questão é que cada prédio comporta muitas unidades de moradia. No entanto, deve-se atentar para o fato de que a pesquisa acima analisava a área homogênea Calafate / Igreja São José, na qual, realmente, não se observa um forte processo de substituição das casas por apartamentos.

3.2. Perfil dos entrevistados

Como já foi dito anteriormente, a pesquisa de campo assim como a metodologia utilizada no presente trabalho foram desenvolvidas por meio de uma investigação sobre bairros pericentrais de Belo Horizonte financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig). Basicamente, o roteiro das entrevistas, composto por questões abertas e fechadas, buscava, em primeiro lugar, identificar o perfil dos entrevistados. Dessa forma, procurou-se conhecer o sexo, a naturalidade, a idade, o nível educacional, a classe social e a profissão dos entrevistados. A **moradia** foi outro foco da entrevista em que se buscou caracterizar o bairro através de dados como o número de moradores por residência, a relação de propriedade, o tempo de moradia no bairro e a relação afetiva com o imóvel. A **percepção do bairro**, por parte dos moradores entrevistados, foi outro ponto explorado: afetividade para com o bairro, motivo de mudança, assim como a representação, o diferencial e a avaliação do bairro. Também se tentou caracterizar os moradores, identificar a percepção dos limites do bairro, os lugares significativos e os espaços públicos mais frequentados pelos moradores entrevistados (Apêndice A).

De acordo com as 50 entrevistas realizadas, contou-se com metade do sexo masculino e metade feminino. A faixa etária mais encontrada foi a de até 29 anos (15) e a menor foi a de 30 a 44 anos de idade (7). Talvez o que explique a baixa incidência dessa faixa etária, entre os entrevistados, seja o horário em que o trabalho de campo foi feito. Na maior parte das vezes, as entrevistas foram realizadas no horário comercial.

TABELA 2 - Idade dos entrevistados

Idade	Nº	%
Até 29 anos	15	30
De 30 a 44 anos	7	14
De 45 a 59	10	20
De 60 a 74	10	20
De 75 anos ou mais	8	16
Total	50	100

Fonte: Nazario, 2010.

Nota: Dados oriundos da pesquisa Bairros históricos de BH – Calafate – FAPEMIG; PPGCS/PUC Minas; DIPC/DPC/PBH, 2010.

Metade dos entrevistados nasceu em Belo Horizonte e 21 nasceram no interior de Minas Gerais, 2 nasceram na Região Metropolitana de Belo Horizonte, um em outro estado e um em outro país. Do ponto de vista da escolaridade, 18 entrevistados possuem ensino médio completo e 13 possuem ensino superior completo.

TABELA 3 - Nível educacional dos entrevistados

Nível educacional	Nº	%
Fundamental incompleto	4	8
Fundamental completo	3	6
Ensino médio incompleto	5	10
Ensino médio completo	18	36
Superior incompleto	4	8
Superior completo	13	26
Pós graduação – Especialização	3	6
Total	50	100

Fonte: Nazario, 2010.

Nota: Dados oriundos da pesquisa Bairros históricos de BH – Calafate – FAPEMIG; PPGCS/PUC Minas; DIPC/DPC/PBH, 2010.

Como era de se esperar, em se tratando de um bairro pericentral, 49 entrevistados se consideraram pertencentes às classes médias, nenhum morador entrevistado se considerou pertencente à classe alta e apenas 1 se considerou de classe baixa. Esse dado, da auto-representação de classe social pelos moradores entrevistados, corrobora as outras pesquisas que caracterizam a região pericentral como a que mais concentra os grupos médios (FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS, ADMINISTRATIVAS E CONTÁBEIS DE MINAS GERAIS, 1998; MENDONÇA, 2008).

TABELA 4 - Classe social

Classe social	Nº/%
Classe média alta	2 (4,00%)
Classe média	32 (64,00%)
Classe média baixa	15 (30,00%)
Baixa	1 (2,00%)
Total	50 (100,00%)

Fonte: Nazario, 2010.

Nota: Dados oriundos da pesquisa Bairros históricos de BH – Calafate – FAPEMIG; PPGCS/PUC Minas; DIPC/DPC/PBH, 2010.

É importante observar a presença marcante entre os entrevistados de pessoas que nasceram ou vieram do interior de Minas Gerais para o bairro Calafate,

mesmo que a maioria seja de Belo Horizonte. Sendo uma cidade relativamente nova, isso é esperado. Sobre a relação de propriedade, 29 entrevistados são proprietários e 19 vivem em residência alugada⁴⁷.

Quando perguntados sobre o tempo de moradia na casa, 35 afirmaram viver na casa há mais de 10 anos. Com relação à moradia anterior, 13 entrevistados relataram que antes de se mudar para a casa atual, já moravam no bairro Calafate. Ou seja, há nesse grupo, pessoas com longo tempo de residência no bairro. Logo após, aparecem aqueles que, antes de se mudar para a casa atual, vieram do interior do Estado (10). Os outros vieram de bairros diversos da cidade. Com relação à profissão e à ocupação atual dos entrevistados, contou-se na maioria, em ambas as categorias, com aposentados. No caso da ocupação atual, 12 entrevistados são aposentados. Esse dado demonstra que, apesar de a faixa etária mais presente durante a aplicação das entrevistas não corresponder a essa categoria, é alta a presença de pessoas que já se encontram fora da vida profissional ativa. No entanto, deve-se atentar para o fato de os aposentados estarem mais disponíveis para as entrevistas.

3.3. Calafate e seus modos de vida: relações de vizinhança e locais de sociabilidade

Para analisar o modo de vida do bairro Calafate será, nesse momento, explorado o significado desse conceito a partir da obra de Giddens (2002). O autor trabalha esse conceito de forma contemporânea, de modo que será mais apropriado para a abordagem analítica que se pretende aqui.

Giddens (2002) começa sua discussão sobre os modos de vida, caracterizando o contexto do que chama de modernidade tardia. Para o autor, é nessa conjuntura que surge a possibilidade de pensar os modos de vida como possibilidade de escolha individual.

⁴⁷ Os outros dois (02) moradores vivem em residência cedida.

O pano de fundo é o terreno existencial da vida moderna tardia. Num universo social pós-tradicional, organizado reflexivamente, permeado por sistemas abstratos, e no qual o reordenamento do tempo e do espaço realinha o local com o global, o eu sofre mudança maciça. (GIDDENS, 2002, p. 79).

Esse é o cenário no qual, para Giddens (2002), um componente fundamental da atividade cotidiana surge no nível do eu: a escolha. Mesmo nessa conjunção, é importante pontuar que essa escolha se dá dentro de determinados constrangimentos. Não é um processo inteiramente livre.

Mesmo as culturas tradicionais, ou pré-modernas, não eliminam de forma completa as escolhas relacionadas ao cotidiano. A tradição também se faz de escolhas entre uma gama de padrões comportamentais, apesar de isso ser feito dentro de determinados canais relativamente fixos. Já a modernidade, por sua vez, coloca o indivíduo em confronto direto com uma complexa variedade de escolhas. Não obstante, essa mesma modernidade se omite no momento em que poderia auxiliar o indivíduo na seleção dessas diversas opções. (GIDDENS, 2002).

Para Giddens (2002), várias consequências podem se desdobrar a partir desse quadro. A primeira está relacionada com o modo de vida. Segundo o autor, na alta modernidade, não há escolha: é preciso escolher. Nesse contexto, seguir modos de vida é uma questão de inevitável sobrevivência para o agente individual.

Um estilo de vida⁴⁸ pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade (GIDDENS, 2002, p. 79).

Às culturas tradicionais, o conceito de modo de vida não se aplica, pois esse termo alude necessariamente a um processo de escolhas dentro de uma vasta pluralidade de opções possíveis. Mesmo que as culturas pré-modernas apresentem escolhas, elas se dão dentro de um limite fixo e diminuto, diferentemente da modernidade em que as escolhas se dão dentro de um universo muito vasto e crescente. E mais do que isso: nessas opções, é mais apropriada a adoção do modo de vida do que, efetivamente, sua outorga.

⁴⁸ O autor faz uso do termo “estilo de vida”. Mas pelo fato deste estar mais relacionado ao mundo do consumismo e da publicidade, optou-se, nesse trabalho, por usar o termo “modo de vida”.

Para o autor, os modos de vida são práticas rotinizadas que se incorporam aos hábitos cotidianos. No entanto, dada a natureza móvel da autoidentidade, essas rotinas estão reflexivamente abertas às mutações. As sutis decisões diárias de um indivíduo contribuem para a constituição dessas rotinas. E são exatamente essas escolhas, inclusive as mais evidentes, que determinam, ao indivíduo, não apenas como se deve agir, mas, e principalmente, quem ser. “Quanto mais pós-tradicionais as situações, mais o estilo de vida diz respeito ao próprio centro da autoidentidade, seu fazer e refazer” (GIDDENS, 2002, p. 80).

Contudo, é importante mencionar que a multiplicidade de escolhas não está diretamente relacionada com o pleno conhecimento, por parte do indivíduo, da gama de alternativas possíveis ou que todas as escolhas estejam disponíveis para todos. Da mesma forma, deve-se deixar claro que um modo de vida engloba hábitos e orientações que têm, entre si, certo padrão e unidade. Isso se deve à necessidade de segurança e continuidade que as opções que estão dentro de um padrão mais ou menos ordenado oferecem ao indivíduo.

Os ambientes da vida social moderna são muito mais diversos e segmentados. A segmentação inclui particularmente a diferenciação entre os domínios público e privado – mas cada um deles também está sujeito internamente à pluralização. Os estilos de vida estão caracteristicamente ligados a ambientes específicos de ação, que também expressam. (GIDDENS, 2002, p. 81).

Nesse sentido, Giddens (2002) pondera que a coexistência de inúmeros ambientes de ação tende a segmentar as escolhas do modo de vida pelo indivíduo. É o que o autor chama de setores do estilo de vida. “Um setor do estilo de vida se refere a uma ‘fatia’ do tempo-espaco do conjunto das atividades de um indivíduo, dentro do qual um conjunto de práticas relativamente consistentes e ordenadas é adotado e encenado” (GIDDENS, 2002, p. 81-82).

Pode ser profícua a aplicação do conceito de modos de vida nos estudos sobre bairros. Utilizando a terminologia de Giddens (2002), os bairros podem ser considerados “ambientes específicos de ação”, que não apenas se expressam, mas se ligam diretamente aos modos de vida que os caracterizam. Dessa forma, o modo de vida de um bairro pode ser analisado como um conjunto de atividades e práticas ordenadas em função de seu espaço. “As escolhas do estilo de vida não são simplesmente constitutivas da vida cotidiana dos agentes sociais, mas constituem

ambientes institucionais que ajudam a dar forma a suas ações” (GIDDENS, 2002, p. 83).

Compreender o modo de vida específico de um bairro é localizá-lo, diferenciá-lo e caracterizá-lo dentro de um espaço mais amplo. Os bairros também expressam um sistema de estratificação da sociedade. É importante, nesse ponto, deixar claro que os modos de vida não são apenas resultados de diferenças de classe. As variações dos modos de vida são, fundamentalmente, características que estruturam a estratificação.

Outro conceito importante de ser tratado no presente trabalho é o de sociabilidade. Simmel (1983) utiliza o conceito de forma clássica e é o principal marco teórico referencial na discussão sobre sociabilidade.

[...] ‘sociedade’ propriamente dita é o estar com um outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços. É isto precisamente o fenômeno a que chamamos sociabilidade (SIMMEL, 1983, p. 168).

Com o propósito de ampliar o conceito *simmeliano*, as reflexões sobre sociabilidade podem se pautar também em Frúgoli (2007), que também explora o conceito de relação de vizinhança:

[...] uma segunda leitura possível do tema da sociabilidade adviria, por sua vez, de sua já mencionada qualidade ‘intraclassista’, implícita em Simmel, ligada à ideia de que tais relações seriam praticadas principalmente entre ‘iguais’. Isso teria levado à ênfase posterior em pesquisas sobre espaços sociais circunscritos onde predominariam condição social, valores e sentidos de certo modo compartilhadas; em outras palavras, talvez tenha resultado no enfoque empírico em bairros residenciais marcados por determinada homogeneidade, onde haveria uma significativa articulação entre sociabilidade e vizinhança ou comunidade (FRÚGOLI, 2007, p. 30).

As relações de vizinhança vivenciadas em um bairro também dizem respeito ao modo de vida que o caracteriza. Nesse sentido, faz-se necessário analisar como os moradores entrevistados do bairro Calafate consideraram as relações de vizinhança inseridas e vividas em seu cotidiano. De acordo com os dados produzidos pelas entrevistas, é possível averiguar que as relações de vizinhança no

bairro Calafate são fortemente presentes e comprovam uma consolidada rede de sociabilidade entre os seus moradores.

A afetividade para com o bairro, o que inclui as relações de vizinhança, foi uma das principais motivações da mudança para o bairro Calafate, citadas pelos entrevistados. Esse mesmo motivo – afetividade com o bairro / relações de vizinhança – foi o segundo mais citado na questão que abordava as razões para gostar do bairro.

As relações de vizinhança também foram consideradas, de forma expressiva, entre outros motivos, a principal diferença do bairro em relação a outros de Belo Horizonte. O fato de todos os moradores serem conhecidos, o que reforça um relacionamento de amizade e união entre os vizinhos, pode ser explicado pela questão geracional. O bairro é caracterizado, de acordo com os entrevistados, pela terceira geração de moradores. Na avaliação de alguns aspectos do bairro nos últimos dez anos, a maioria dos entrevistados considera que as relações de vizinhança permaneceram iguais. Esse é mais um dado que confirma a importância de uma forte rede de sociabilidade ancorada nas relações de vizinhança entre os moradores entrevistados.

Também foram explorados, nas entrevistas, os locais de sociabilidade apropriados pelos moradores entrevistados. Na mesma questão que solicita aos entrevistados uma avaliação do bairro nos últimos dez anos, surgiram alguns dados interessantes com relação aos locais de sociabilidade. Os entrevistados avaliaram que o estado de conservação das praças do bairro melhorou nos últimos dez anos. Já os lugares de lazer não sofreram muitas alterações, tendo permanecido iguais nos últimos dez anos. No entanto, essa resposta pode ser clarificada ao se verificar que muitos dos entrevistados não responderam, não sabem ou não souberam responder. ‘Ficou igual’ significa dizer que não apareceu nada novo, está como antes. E já que antes não havia nada, como a alta porcentagem de entrevistados deixou transparecer, o bairro foi considerado, pelos moradores, no mesmo ‘patamar’ com relação aos lugares de lazer. Os entrevistados utilizaram, para tal, expressões como: “Não tem lugar de lazer aqui” (Professora, 42 anos)⁴⁹.

⁴⁹ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no bairro Calafate em 12/01/2010.

Os lugares que mais caracterizam o bairro, citados pelos entrevistados, são exatamente os principais locais de sociabilidade dos moradores, como se verá adiante. Quando os entrevistados foram questionados sobre os lugares que mais caracterizam o bairro, as respostas foram respectivamente: Praça e/ou Igreja São José do Calafate; Praça e/ou Colégio Bernardo Monteiro; Academia da Polícia Militar de Minas Gerais; Rua Platina e/ou seu comércio e Igreja Cura D'ars.

Analisando-se o resultado, é possível ponderar algumas questões. A Igreja São José do Calafate é, de acordo com os entrevistados, o símbolo maior do bairro. O fato de ser uma referência se deve à sua antiguidade – a igreja foi construída em 1931 – e por nela constar o nome do bairro. Como foi mencionado na fala de um entrevistado: “Se existe bairro Calafate, ele fica aqui na Praça da Igreja São José do Calafate!” (Produtor cultural, 26 anos⁵⁰). Mesmo a praça, em que a igreja se localiza, ter outro nome – Praça Ignácio Fonseca – é muito comum se referir a ela como “Praça da Igreja do Calafate”. É muito corriqueiro também se referir à igreja simplesmente por “Igreja do Calafate”. Mais um motivo para reforçar a relação referencial entre a igreja e o bairro.



Figura 16 - Praça Ignácio Fonseca e Igreja São José do Calafate.
Fonte: GOOGLE, 2011.

⁵⁰ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no bairro Calafate em 21/01/2010.



Figura 17 - Igreja São José do Calafate.
Fonte: GOOGLE, 2011.



Figura 18 - Igreja São José do Calafate.
Fonte: GOOGLE, 2011



Figura 19 - Praça Ignácio Fonseca, no Calafate.
Fonte: GOOGLE, 2011

Em segundo lugar apareceu a Praça e/ou Colégio Bernardo Monteiro. Nesse caso, também há diferença entre o nome da praça e do colégio. A praça, na realidade, se chama Doutor Carlos Marques, mas todos os moradores entrevistados se referiram a ela como “Praça do Bernardo Monteiro”. Contudo, da mesma forma que ocorre com a praça e a igreja, há uma indissociabilidade entre a praça e o colégio. O Colégio Bernardo Monteiro é uma escola pública estadual muito antiga no

bairro Calafate. Foi fundada em 1914, sendo um dos colégios mais antigos de Belo Horizonte. Pode-se afirmar que a praça e o colégio são referências no bairro pela antiguidade e pelo fato de a praça ser um importante espaço público de sociabilidade e de apropriação espacial do bairro.



Figura 20 - Praça Doutor Carlos Marques e Grupo Escolar Bernardo Monteiro, no Calafate (Década de 1920).

Fonte: Acervo particular de Maria Inês Morais Rubioli⁵¹.



Figura 21 - Praça Doutor Carlos Marques e Colégio Bernardo Monteiro, no Calafate.

Fonte: GOOGLE, 2011.

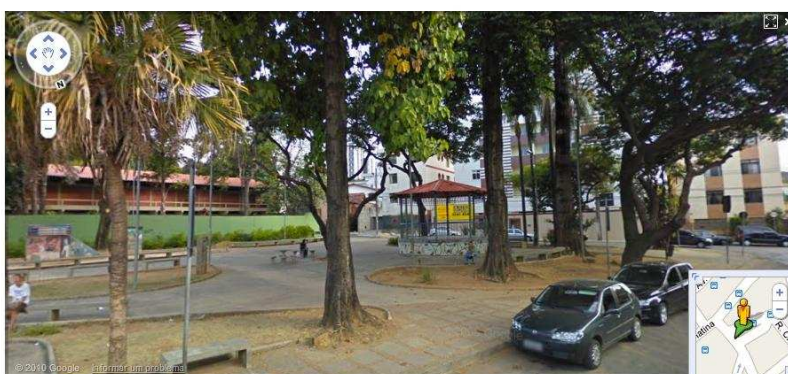


Figura 22 - Praça Doutor Carlos Marques e Colégio Bernardo Monteiro, no Calafate.

Fonte: GOOGLE, 2011.

⁵¹ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no Bairro Calafate em 26/01/2009.

É muito curioso observar que em terceiro lugar apareça a Academia da Polícia Militar de Minas Gerais (APM-MG). Primeiramente pelo fato de ela se localizar, na verdade, no bairro Prado. Mesmo muitos dos entrevistados, que se referem ao bairro como 'Calafate', citaram a APM-MG como lugar que identifica o bairro. O impacto da APM-MG também se faz notar em função das fronteiras entre os bairros Calafate e Prado, que não parecem muito rígidas. Realmente, a APM-MG é um equipamento de grandes proporções. Foi construído originalmente em 1909 para ser o hipódromo de Belo Horizonte – o Prado Mineiro. Esse complexo engloba atualmente a Academia, Escola Técnica de Formação, Cavalaria da Polícia, Colégio Tiradentes, Clube Recreativo dos Oficiais e Clube Social dos Oficiais. Dessa forma, é inegável o impacto desse grande equipamento não apenas no bairro Prado, como também no Calafate. Como se pode observar, há um movimento muito grande de policiais no bairro, tanto usufruindo do comércio da Rua Platina quanto alugando casas ou apartamentos durante os cursos de formação. Pode-se observar também a presença consistente de pensões direcionadas a esse público no Calafate. Entretanto, apesar de os policiais povoarem intensamente o bairro, são moradores voláteis. Eles chegam para fazer o curso de formação e, quando terminam, voltam para as suas respectivas cidades. Seguidamente, chegam novos estudantes. Há um movimento constante de moradores policiais no Calafate.



Figura 23 - Academia da Polícia Militar de Minas Gerais, no Prado.
Fonte: GOOGLE, 2011.

Logo após, a referência mais citada foi a Rua Platina e/ou seu comércio. É inegável a importância da rua para o bairro. Primeiramente pelo fato de ela ser uma passagem que já existia quando o Calafate ainda era uma fazenda. Em segundo lugar, por ser a principal via de acesso ao bairro. E hoje sua funcionalidade

aumentou dentro da dinâmica da metrópole, já que a Rua Platina se tornou também via de acesso que liga outros bairros ao centro de Belo Horizonte. Por fim, como se pode notar, o comércio instalado ao longo da rua é um forte referencial para o bairro.

O comércio da Rua Platina é bastante ativo e diversificado, sendo constituído por lojas de vestuário e calçados, supermercados, bancos, farmácias, padarias, papelarias, correio, perfumarias, restaurantes, *shopping* (Platina *Street Mall*), seguradoras, financeiras, bares, oficinas mecânicas, sorveterias, autoescolas, floriculturas, loterias, livrarias e uma infinidade de outros serviços e produtos.



Figura 24 - Rua Platina, Calafate.
Fonte: GOOGLE, 2011.



Figura 25 - Rua Platina, Calafate.
Fonte: GOOGLE, 2011



Figura 26 - Rua Platina, Calafate.
Fonte: GOOGLE, 2011.



Figura 27 - Rua Platina, Calafate.
Fonte: GOOGLE, 2011.



Figura 28 - Rua Platina, Calafate.
Fonte: GOOGLE, 2011.

A Igreja Cura D'Ars está localizada no bairro Prado. É uma referência muito forte para esse bairro. No entanto, é significativo considerar sua presença expressiva na lista dos lugares mais representativos. Não há dúvida de que os entrevistados que mencionaram essa Igreja se consideram moradores do bairro Prado.



Figura 29 - Basílica de Santo Cura D'Ars, no Prado.
Fonte: GOOGLE, 2011.

É importante também levar em conta os outros lugares citados durante as entrevistas. Mesmo tendo sido pouco mencionados, eles também querem dizer alguma coisa sobre a representação do bairro. A Padaria Romanina está situada no bairro Prado. O INSS/Sesi são equipamentos presentes no bairro Gameleira. Outro lugar mencionado foi a Estação de Metrô Calafate, que logicamente faz referência direta ao bairro Calafate. As praças do bairro também foram citadas como lugares que identificam o bairro. Ainda foi mencionado o Colégio Nossa Senhora da Piedade, mas em menor intensidade, apesar de este também ser antigo (1939). O Colégio Técnico Polimig não foi citado talvez por ser o mais recente. Foi instalado no bairro na década de 1980, quando substituiu o Colégio Santo Agostinho, que já havia substituído o Colégio Sagrada Família. Todos esses são colégios particulares.

Com relação aos espaços públicos do bairro frequentados pelos moradores entrevistados, as respostas ficaram divididas meio a meio. Metade dos entrevistados respondeu que não frequenta os espaços públicos do bairro, a outra metade respondeu que sim, aludindo aos seguintes espaços, nessa ordem: Praça do Bernardo Monteiro, Praça e / ou Igreja São José do Calafate, praças e bares do bairro no geral.

Os motivos pelos quais os moradores entrevistados disseram que não frequentam os espaços públicos do bairro foram: falta de tempo, não gostam, preferem ficar em casa, não têm hábito ou costume, preferem sair do bairro e em função das drogas na Praça do Bernardo Monteiro. Outros motivos foram: violência / mendigo e a inexistência de lugares de lazer. Dos entrevistados que frequentam e que mencionaram a Praça do Bernardo Monteiro, um número expressivo disse que leva regularmente crianças para brincar nela. Entretanto, alguns entrevistados mencionaram o uso de drogas nessa mesma praça no turno da noite.

O próximo capítulo começa buscando analisar o bairro como uma unidade sociológica identitária para seus moradores. Posteriormente, tentar-se-á fazer uma análise das representações simbólicas do Calafate sob a perspectiva dos entrevistados, e como estas representações reverberam, ou não, na constituição de sua identidade em relação ao bairro. Por fim, busca-se perceber se há uma diferença significativa entre as percepções e representações simbólicas do Calafate entre seus novos e antigos moradores entrevistados.

4 O BAIRRO COMO ESPAÇO SOCIAL: ANALISANDO O CALAFATE

“[...] Os bondes... Por uma ida ao Calafate pagava-se um tostão. Viagem divertida, com enormes voltas, gente descendo, gente subindo e o motorneiro a todos saudando familiarmente”.

Cyro dos Anjos, 1937/2001⁵².

4.1. O bairro como uma unidade sociológica identitária

De acordo com Andrade e Mendonça (2007), bairro é uma referência espacial de interação para seus moradores. Os bairros devem, então, ser compreendidos como uma unidade de interação com uma base espacial, ou seja, como uma referência espacial que pode abrigar distintas formas de interação. Além disso, o bairro também é um lugar social, é uma referência identitária para seus moradores.

A vizinhança é um tipo específico de interação que ocorre no interior dos bairros. E mesmo que abrigue distintos conteúdos, a interação de vizinhança pode favorecer a construção da identidade por meio das trocas simbólicas e permanentes entre as pessoas que residem próximas. Em outras palavras, estudar os bairros significa pensá-los como unidades de interação com uma base espacial. Já a vizinhança, como uma dessas formas de interação, é também o lugar social de referência física e identitária para seus moradores.

Assim sendo, neste trabalho o conceito de identidade será utilizado para compreender e analisar como os moradores do Calafate se identificam com seu bairro e como ele é identificado pelos outros. Inicialmente, tomaremos como principais referências as obras de Goffman (1988), representando uma vertente mais clássica e tradicional do conceito e Woodward (2004), que, por meio de um viés mais contemporâneo, se pretende, ao empregar o seu aparato conceitual, complementar a discussão.

Goffman (1988) distingue como se verá a seguir os conceitos de **identidade social**, **identidade pessoal** e **identidade do eu**. Para ele, a sociedade categoriza os indivíduos, assim como os atributos considerados tácitos para os membros

⁵² (ANJOS, 1937/2001).

destas categorias. Em outras palavras, os ambientes sociais categorizam as pessoas que podem ser neles encontradas.

As relações sociais estabelecidas em ambientes específicos podem ser consideradas previsíveis, no sentido de que os que ali estão foram categorizados de acordo com aquele ambiente, o que dispensaria cuidados especiais na interação. No entanto, quando um 'estranho' a determinado ambiente se encontra nele, seus primeiros aspectos são tomados de modo a constituir a sua **identidade social**, em outras palavras, a sua categoria e os seus atributos, o seu prestígio ou o seu estigma.

O autor usa o termo **identidade pessoal** ao se referir a duas ideias: “marcas positivas ou apoio de identidade e a combinação única de itens da história de vida que são incorporados ao indivíduo com o auxílio desses apoios para a sua identidade” (GOFFMAN, 1988, p. 67). Nesse sentido, o autor pondera que a **identidade pessoal** pressupõe a diferenciação do indivíduo com relação aos outros. Em torno desses meios de diferenciação, cria-se, então, uma história particular e contínua de fatos sociais, à qual se agregam outros fatos biográficos. “O que é difícil de perceber é que a identidade pessoal pode desempenhar e desempenha um papel estruturado, rotineiro e padronizado na organização social justamente devido à sua unicidade” (GOFFMAN, 1988, p. 67).

Goffman (1988), em sua obra, tentou estabelecer uma diferença conceitual entre a **identidade social** e a **identidade pessoal**. No entanto, para ele, esses dois tipos de identidade podem ser mais bem compreendidos se comparados com um outro tipo: **identidade do eu**. A definição do terceiro tipo de identidade foi considerada por Goffman (1988, p.116) como “o sentido subjetivo de sua própria situação e sua própria continuidade e caráter que um indivíduo vem a obter como resultado de suas várias experiências sociais”.

Para o autor, “as identidades social e pessoal são parte, antes de mais nada, dos interesses e definições de outras pessoas em relação ao indivíduo cuja identidade está em questão” (GOFFMAN, 1988, p. 116). Já a **identidade do eu** está relacionada com questões reflexivas e subjetivas, que devem ser experimentadas diretamente pelo indivíduo. Obviamente, apesar de o indivíduo construir sua própria imagem a partir do que as outras pessoas já construíram a respeito dele – sua **identidade pessoal e social** – esse indivíduo dispõe de uma considerável liberdade na sua elaboração.

De maneira geral, pode-se dizer que as normas relativas ao conceito de **identidade social** “referem-se aos tipos de repertórios e papéis ou perfis que consideramos que qualquer indivíduo pode sustentar” (GOFFMAN, 1988, p. 74). Por outro lado, as normas relativas à **identidade pessoal** pertencem “ao tipo de controle de informação que o indivíduo pode exercer com propriedade” (GOFFMAN, 1988, p. 74). Resumindo:

O conceito de identidade social nos permitiu considerar a estigmatização. O de identidade pessoal nos permitiu considerar o papel do controle de informação na manipulação do estigma. A ideia de identidade do eu nos permite considerar o que o indivíduo pode experimentar a respeito do estigma e sua manipulação, e nos leva a dar atenção especial à informação que ele recebe quanto a essas questões (GOFFMAN, 1988, p. 117).

Goffman (1988) queria demonstrar que tanto **identidade social** quanto a **pessoal** estão sempre relacionadas aos outros, incluindo a visão deles sobre nós. Já a **identidade do eu** pode até se valer da visão dos outros, mas considera, sobretudo, a nossa visão sobre nós mesmos. É um tipo de identidade complementar que se remete apenas ao próprio indivíduo. No caso específico desse trabalho, os conceitos de Goffman (1988) explorados serão os de **identidade pessoal e social**, que estão, por assim dizer, relacionados diretamente ao estigma e à consciência dele ou não pelos outros.

Utilizando a terminologia de Goffman (1988), pode-se dizer que um morador autodeclarado do bairro Calafate estará sujeito à imputação de uma **identidade social** baseada no que os outros postulam como atributos de um morador desse bairro. Obviamente, o bairro foi anteriormente categorizado, segundo determinados critérios classificatórios, de forma que engendrasse um tipo específico de morador.

No entanto, esse mesmo morador do bairro Calafate pode lançar mão de sua **identidade pessoal**. Mesmo que utilize aqueles critérios e atributos da categorização de sua **identidade social**, esse morador pode conseguir ‘mudar’ o seu lugar social ao manipular seu possível estigma por meio do controle de informação. Essa mudança é alcançada simplesmente ao dizer que mora no bairro Prado.

De acordo com Woodward (2004, p. 39-40, grifo nosso):

as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas **simbólicos** de

representação quanto por meio de formas de exclusão **social**. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade **depende** da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de **sistemas classificatórios**. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la (e a todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos – nós / eles [...]; eu / outro.

A identidade ainda é marcada por meio de símbolos. Existe, por exemplo, uma associação entre a identidade de uma pessoa e as coisas que ela usa que podem funcionar como um significante importante da diferença e da identidade. Dessa forma, Woodward (2004) pondera que a construção da identidade não é apenas social, mas também simbólica.

Ainda de acordo com a autora, na base da discussão sobre identidade, verifica-se uma tensão entre as perspectivas **essencialistas** e **não-essencialistas**. Basicamente, uma definição **essencialista** da identidade pressupõe a existência de um conjunto de características autênticas que não se modificam ao longo do tempo. Já a definição **não-essencialista** se refere às diferenças intergrupais, assim como às formas pelas quais a definição de determinada característica se modifica com o passar do tempo.

Ao afirmar a primazia de uma identidade [...] parece necessário não apenas colocá-la em oposição a uma outra identidade que é, então, desvalorizada, mas também reivindicar alguma identidade [...] ‘verdadeira’, autêntica, que teria permanecido igual ao longo do tempo (WOODWARD, 2004, p. 13).

Para compreender de forma mais ampla os processos que estão envolvidos na construção da identidade, a autora divide o conceito em suas diversas dimensões. “A identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma **marcação simbólica** relativamente a outras identidades” (WOODWARD, 2004, p. 14, grifo nosso). A identidade também está vinculada a condições **sociais** e **materiais**, o que determina não apenas desvantagens materiais, mas exclusão social.

O **social** e o **simbólico** referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades. A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são ‘vivas’ nas relações sociais. (WOODWARD, 2004, p. 14, grifo nosso).

Para a autora, afirmar uma identidade consiste em contrapor-la a outra identidade. Nesse sentido, pode-se dizer que afirmar a identidade como um morador do bairro Prado é opor-se à identidade de um morador do bairro Calafate. A manutenção de uma identidade é alcançada por meio de uma marcação simbólica que define a diferenciação entre, por exemplo, os “incluídos” e os “excluídos”. A marcação simbólica que determina a manutenção da identidade é a mesma que diferencia e aparta. Pode-se dizer que existe uma marcação simbólica que determina e mantém a identidade e a diferença entre os moradores do bairro Prado e os moradores do bairro Calafate.

Como mencionado, a identidade de determinados grupos é construída por meio da marcação da diferença. E essa marcação da diferença ocorre, dentre outras formas, pela exclusão social. Um grupo, ao se afirmar “incluído”, se assegura **diferente** do “excluído”. Portanto, cria-se, nesse sentido, um sistema classificatório que divide esse grupo em “nós” e “eles”. Em outras palavras, “nós, moradores do bairro Prado” e “eles, moradores do bairro Calafate”. E esse processo de exclusão social é reforçado, ainda mais, quando os moradores do Calafate omitem seu real espaço de moradia. A desigualdade na afirmação da inclusão e da exclusão se deve aos diferenciais de poder de um grupo em relação ao outro.

No caso dos bairros Calafate e Prado, que são muito próximos e semelhantes, nem sempre essa diferença é muito clara, diferentemente do que ocorre entre uma favela e um bairro de classe média, por exemplo. Quando se trata de grupos semelhantes, caso deste trabalho, torna-se necessário se apegar a pequenos detalhes.

4.2. Representações simbólicas do bairro Calafate

Um dos principais pontos, para esse trabalho, colocados por Woodward (2004), com relação ao seu conceito de identidade, está associado à sua discussão sobre representação. Para Woodward (2004), a representação, através de seus

sistemas simbólicos, produz significados que não apenas posicionam o indivíduo dentro de uma ordem social, mas diz quem ele é.

Para ela, as identidades adquirem sentido por meio dos sistemas simbólicos e da linguagem pela qual elas são representadas. A representação atua simbolicamente de modo a classificar o mundo e as relações de seu interior. Para Woodward (2004), a ideia de representação pode ser utilizada para analisar a maneira como as identidades são construídas.

A conceitualização da identidade também envolve, segundo a autora, a análise dos **sistemas classificatórios** que evidenciam o modo como as relações sociais são ordenadas e divididas. Esses são alguns elementos que contribuem para analisar e explicar como as identidades são formadas e mantidas.

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar (WOODWARD, 2004, p. 17).

A representação estabelece identidades individuais e coletivas, além de construir os lugares a partir dos quais os indivíduos se posicionam e podem falar. A produção de significados e de identidades posicionadas nos e pelos sistemas de representação são estreitamente vinculadas. Portanto, a autora considera um deslocamento de foco e ênfase da representação para as identidades. “Diferentes significados são produzidos por diferentes sistemas simbólicos, mas esses significados são contestados e cambiantes” (WOODWARD, 2004, p. 18).

As relações sociais são (re) produzidas através de rituais e símbolos que classificam as coisas. Dito de outro modo, para compreender os significados compartilhados que caracterizam as diversas dimensões da vida social, é necessário explorar a forma como esses significados são simbolicamente classificados.

As formas pelas quais a cultura estabelece fronteiras e distingue a diferença são cruciais para compreender as identidades. A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, frequentemente na forma de oposições, [...]. A marcação da diferença é, assim, o componente-chave em qualquer sistema de classificação (WOODWARD, 2004, p. 41).

A classificação simbólica está intimamente relacionada com a ordem social, pois uma identidade é produzida sempre em relação a uma outra.

Aplicar esses conceitos à vida social prática, ou organizar a vida cotidiana de acordo com esses princípios de classificação e de diferença, envolve, muito frequentemente, um comportamento social repetido ou ritualizado, isto é, um conjunto de práticas simbólicas partilhadas (WOODWARD, 2004, p. 46).

Ao analisar a forma como as identidades são construídas, a autora sugere que elas são formadas em relação a outras identidades, relativamente ao que não é. Comumente, essa construção surge como uma oposição binária. Em outras palavras, a produção da diferença se dá especialmente por meio de oposições binárias. Contudo, críticos à oposição binária defendem que os termos em oposição são considerados de modo que um deles sempre recebe mais importância diferencial do que o outro. A própria dicotomia pode ser um meio no qual o significado é fixado.

Adequando a reflexão, acerca da representação na construção da identidade, de Woodward (2004), no presente trabalho, é possível obter o seguinte quadro. Os sistemas simbólicos, assim como as representações do bairro Calafate dão sentido à identidade de seus moradores. Essa representação do Calafate atua simbolicamente de modo a classificar não apenas as relações vigentes em seu interior, mas também de maneira a classificar e dizer quem são os seus moradores. A análise da representação de um bairro pode esclarecer a maneira como as identidades de seus moradores são construídas.

Explorar como esses significados são simbolicamente classificados é uma maneira de compreender a representação compartilhada que caracteriza as diversas dimensões da vida social no bairro Calafate. Pela compreensão dos sistemas de classificação do bairro, torna-se possível analisar a constituição da identidade de seus moradores.

Nesse sentido, faz-se necessário explorar de forma mais profunda o conceito de representação e a maneira como ele deve ser trabalhado. Para tanto, nos valeremos aqui da contribuição de Becker (1993).

De acordo com Becker (1993), tanto cientistas sociais quanto cidadãos comuns utilizam cotidianamente uma multiplicidade de representações da realidade social. Essas representações fornecem, por assim dizer, um retrato parcial daquela

realidade que é adequadamente apropriada a uma determinada proposta. Ainda segundo o autor, essas representações surgem em ambientes organizacionais que não apenas limitam o que pode ser feito como deliberam os fins a serem obtidos. De tal modo, Becker (1993) questiona as necessidades e as práticas das organizações que moldam as representações da realidade social e os critérios utilizados para defini-las como adequadas.

Ver organizacionalmente representações de conhecimento sobre a sociedade significa incorporar à análise todos os aspectos das organizações nas quais elas são feitas: estruturas burocráticas, orçamentos, códigos profissionais, características e aptidões do público são todos aspectos que marcam o falar sobre a sociedade (BECKER, 1993, p. 138).

As questões que permeiam todos os meios de produção da representação são as mesmas, embora Becker (1993) reconheça que a forma e o conteúdo das representações variam em função da organização social, assim como em função do que o público demanda. Ainda, diferem, nesse caso, os recursos e propostas organizacionais no tratamento das soluções.

De acordo com o autor, toda e qualquer representação da realidade social é necessariamente parcial, “menor do [que] aquilo que se poderia vivenciar e achar disponível no ambiente real” (BECKER, 1993, p. 140). As representações servem para relatar apenas o que é necessário. “Uma representação eficiente diz tudo que se precisa saber para um objetivo determinado, sem desperdiçar tempo com o que não é necessário” (BECKER, 1993, p. 140). Dessa maneira, Becker (1993) enumera algumas operações necessárias para atingir, na representação, a compreensão da realidade social proposta.

Seleção. De todos os meios, quaisquer que sejam eles, nenhum consegue abarcar a realidade social de maneira absoluta. No entanto, a incompletude da representação é – e deve ser – naturalmente reconhecida como uma condição desse tipo de trabalho. Ao se reconhecer o fato de que a toda e qualquer representação escapa à maior parte da realidade, deve-se atentar para a escolha dos elementos possíveis de serem incluídos. (BECKER, 1993).

Tradução. Analogicamente, pode-se dizer que a tradução é um processo no qual se faz um mapeamento dos elementos da realidade que se quer representar, transpondo-os para outros elementos inteligíveis. Dessa forma, ao utilizar as representações, o usuário não estará lidando diretamente com a realidade social em

si mesma, mas com uma realidade traduzida em materiais e linguagens convencionais. “Maneiras padronizadas de fazer representações fornecem aos produtores um conjunto padronizado de elementos a ser empregado na produção de seus artefatos, inclusive materiais e suas possibilidades, [...]” (BECKER, 1993, p. 142).

Essa padronização de elementos objetiva a unificação dos efeitos nos usuários. Dito de outra maneira, a padronização de elementos almeja que os usuários das representações respondam de maneira uniformizada. Embora não seja possível atingir essa condição de forma plena, pode-se considerá-la suficiente quando possibilita aos usuários responder às representações de forma mais aproximada daquilo que os produtores pretendiam.

Tanto os produtores quanto os usuários de representações científicas gostariam que as linguagens verbal, numérica e visual que empregam em seus artigos e relatórios fossem elementos neutros padronizados, que não acrescentassem nada àquilo que está sendo relatado. Como uma limpa janela de vidro limpo, os resultados poderiam simplesmente ser vistos através destas linguagens sem serem afetados pelo fato de serem vistos através de alguma coisa (BECKER, 1993, p. 142-143).

Não obstante, essa linguagem que se quer ‘transparente’ é impossível de ser atingida. Qualquer método ou elemento utilizado para retratar a realidade social, mesmo que aceite como padrão, afeta, inevitavelmente, de alguma forma, a interpretação daquilo que é reportado.

A padronização de elementos torna possível a comunicação eficiente pela constituição de uma forma reduzida compartilhada por todos aqueles que, por ventura, façam uso de determinada representação. No entanto, essa mesma padronização, que possibilita a comunicação, é a que restringe a atuação do produtor. E essa restrição vai além daquelas que advêm da maneira com que a atividade de representação é burocraticamente organizada.

Arranjo. “Os elementos de uma situação que uma representação descreve, tendo sido escolhidos e traduzidos, têm que ser arrumados numa ordem qualquer, de modo que os usuários possam absorvê-los” (BECKER, 1993, p. 144). Esse ordenamento pode ser tanto arbitrário quanto determinado, de acordo com alguma padronização específica. Segundo o autor, os arranjos montam narrativas através da noção de causalidade, pois a ordem dos elementos determina as ‘condições’ e as ‘consequências’.

De acordo com Becker (1993), essa questão é elementar para o produtor de representações da sociedade. Vários estudos comprovaram que os usuários de representações sempre veem ordenamento lógico em um arranjo de elementos. Mesmo naquelas em que o arranjo foi feito de forma aleatória.

Interpretação. O processo de representação só se completa na interpretação de seus resultados e na construção, feita pelo usuário, da realidade que se pretendeu mostrar. Dessa forma, a interpretação dos usuários se converte em uma restrição ao que a representação pode desempenhar. Os elementos e formatos convencionais de representação devem ser compartilhados pelos usuários. Não obstante, essa habilidade de interpretação não pode ser considerada como dada. E o produtor de representações deve estar atento a isso em seu processo de construção representacional. (BECKER, 1993).

Dois tipos de questões surgem aos usuários ao procurar respostas na interpretação de representações.

Por um lado, querem conhecer ‘os fatos’: [...] – questões, nos mais variados níveis de especificidade, cujas respostas ajudam as pessoas a orientar suas ações. Por outro lado, os usuários querem respostas para questões morais: [...], quase todas as questões factuais sobre a sociedade ostentam uma poderosa dimensão moral, a qual contribui para as batalhas ferozes que ocorrem tão frequentemente sobre o que parecem ser questões menores de interpretação técnica (BECKER, 1993, p. 146).

A sociologia busca compreender a organização social através de situações e regras que orientam as relações sociais. Nesse sentido, é muito importante para esse trabalho, especificamente, atentar para o campo da atividade representacional. O estudo das representações de um bairro visa a compreender não apenas as regras das interações sociais, mas, sobretudo, a organização social que estrutura essas interações.

A representação é uma forma possível de localizar um bairro dentro de contextos amplos e específicos, a fim de caracterizá-lo e diferenciá-lo. Além disso, através da representação, é possível chegar à sua significação simbólica, o que propicia a constituição de uma identidade relacionada a ele.

Por fim, é importante pontuar que, de acordo com Becker (1993), uma representação pode ser considerada deturpada quando “[...] o uso rotineiro de procedimentos padronizados aceitáveis deixou de fora algo que, se fosse incluído, mudaria a interpretação do fato [...]” (BECKER, 1993, p. 151). O que prejudicaria

também os julgamentos morais que se constituem através e por meio da representação.

Na análise das representações do bairro Calafate, obtidas pelos dados produzidos por meio da entrevista, entre os 50 moradores entrevistados, observou-se que ao lhes perguntarmos o que respondem quando lhes perguntam em que bairro moram, 26 entrevistados disseram Calafate, e o restante respondeu Prado ou Calafate / Prado. Os entrevistados que respondem Prado sempre têm um motivo para tal. Na maior parte das vezes, eles utilizam a divisão dos bairros Calafate e Prado como justificativa. Colocam as linhas divisórias dos bairros sempre para diante ou para trás dependendo da localização de sua residência. Muitos também fazem referência ao CEP e às correspondências que afirmam vir como bairro Prado. Muito interessante, porém, é observar que alguns entrevistados reconhecem espontaneamente que, na realidade, moram no bairro Calafate, mas que por vício ou hábito falam que moram no Prado. Como fica claro nas seguintes passagens, há uma ligeira rejeição ao Calafate:

Falar Prado é um vício porque o CEP é Calafate. Sempre foi assim essa situação geográfica. Aparência, facilidades [...] Usa mais Prado. (Aposentado, 59 anos⁵³).

Falo Prado. Apesar de que aqui é Calafate, mas acho feio nome e bairro (Vendedora, 44 anos⁵⁴).

É Calafate, mas falo Prado que é melhor, mais bonito. (Vendedora, 44 anos⁵⁵).

A identificação passada é facilmente descartada como se pode observar no depoimento de outro entrevistado que comenta a mudança de ‘nomes’ com o tempo:

Eu tenho ele como Prado. Na realidade, no passado, tinha essa parte como Calafate. Mas hoje o CEP vem como Prado. (Comerciante, 69 anos⁵⁶).

⁵³ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no bairro Calafate em 13/01/2010.

⁵⁴ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no bairro Calafate em 19/01/2010.

⁵⁵ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no bairro Calafate em 19/01/2010.

⁵⁶ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no bairro Calafate em 19/01/2010.

No caso dos entrevistados que usaram o termo Calafate / Prado, as justificativas fazem referência à localização ou ao fato de que o lugar em que moram pertence à Igreja Cura D'ars, importante referencial do Prado.

Ao analisar essas respostas, chega-se a alguns dados interessantes. A maioria dos entrevistados que respondeu Prado ao ser questionada sobre em que bairro mora, reside no entorno mais longínquo daquilo que se identifica como a parte mais significativa do bairro Calafate: as adjacências da Igreja São José do Calafate, a Rua Platina e sua parte inferior. Esses moradores se encontram 'mais próximos' do bairro Prado e sua ambiência é bem semelhante a esse bairro. Os entrevistados que residem nessas regiões, considerada 'a parte mais significativa do bairro Calafate', sempre dizem Calafate. Mas há algumas exceções.

Antes, porém, pode ser necessário analisar outro dado: as pessoas que vivem em casas alugadas no bairro Calafate. Dos entrevistados que moram de aluguel no bairro, um número significativo é composto por policiais que vieram do interior para fazer curso na Academia de Polícia Militar de Minas Gerais. Isso explica o fato de um morador de aluguel residente da 'parte mais significativa do bairro Calafate' dizer que mora no bairro Prado. De acordo com ele, 'na Polícia sempre se fala Prado e isso vai passando para os que chegam posteriormente'.

Dos outros entrevistados que moram na 'parte significativa do bairro', e mesmo assim dizem que residem no bairro Prado, mais da metade tem alto grau de escolaridade, mora no bairro há mais de 20 anos e busca algum tipo de ascensão social.

Na época dos meus pais, aqui era Calafate. Depois da mudança do CEP virou Prado. [...]. Meus filhos vão sair fora. Vão batalhar por um bairro melhor, por qualidade de vida. [...]. Já pensei em me mudar daqui. Buscar outros ares, pessoas novas, bairros diferenciados [...] Depois de 40 anos aqui, chega! (Aposentada, 57 anos⁵⁷).

Mesmo dizendo que mora no Prado, esse entrevistado reconhece que a ambiência da região em que reside se aproxima daquilo que se considera como Calafate. Foi por esse motivo que, para a presente pesquisa, decidiu-se voltar para a Platina, onde está localizada a Igreja do Calafate, e a parte debaixo dela. Realmente há uma diferença muito grande entre o padrão construtivo da parte de cima e de

⁵⁷ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no bairro Calafate em 19/01/2010.

baixo da Platina. Entretanto, como mencionado, quase todos que residem nessa região falam Calafate.



Figura 30 - Rua localizada na parte de baixo da Platina, no Calafate.
Fonte: GOOGLE, 2011.



Figura 31- Rua localizada na parte de cima da Platina, no Calafate, mas simbolicamente associada ao Prado
Fonte: GOOGLE, 2011.



Figura 32 - Rua localizada na parte de cima da Platina, no Calafate, mas simbolicamente associada ao Prado
Fonte: GOOGLE, 2011.



Figura 33 - Rua localizada na parte de cima da Platina, no Calafate, mas simbolicamente associada ao Prado

Fonte: GOOGLE, 2011.

Quando foram questionados sobre o motivo de mudança para o bairro, a maior parte dos entrevistados alegou motivos familiares. A segunda resposta mais recorrente fez referência à localização estratégica e à boa acessibilidade. A afetividade com o lugar e as relações de vizinhança aparecem como outro motivo de mudança para o bairro. Dentro desse grupo, um número significativo de entrevistados confirma a descendência direta de imigrantes italianos que receberam glebas para explorar na região⁵⁸ e até mesmo descendentes diretos de ex-moradores do Arraial Curral Del Rey que vieram para o Calafate depois de desapropriados para a construção da Nova Capital. Como mencionado, há também aqueles que afirmaram que o motivo de ir morar no bairro foi o curso na Academia da Polícia Militar de Minas Gerais e/ou por outros motivos profissionais.

Os motivos que justificam a mudança para o bairro foram familiares, afetividade com o lugar e as relações de vizinhança. Todos dizem respeito a uma rede de sociabilidade que o bairro guarda e que essas pessoas, de alguma forma, já conheciam. Os outros motivos alegados, localização estratégica e boa acessibilidade, estão mais relacionados às características de um bairro pericentral. Talvez seja esse o principal motivo de mudança dos novos moradores.

Ao serem interrogados sobre se gostam do bairro, a maioria dos entrevistados respondeu que sim. Os motivos mais citados foram: tranquilidade, afetividade com o bairro (relações de vizinhança), localização estratégica / boa acessibilidade e infraestrutura. É curioso observar que o fato de o Calafate ter uma identidade frágil não gera, por parte dos seus moradores entrevistados, falta de afetividade para com

⁵⁸ Sobrenomes que revelam a origem italiana dos moradores do Calafate: Lazarott, Zuccheratte, Pizarolli, Furlleti, Travessone, Pressotti, Zandoni.

ele, haja vista a alta porcentagem de moradores entrevistados que afirmam gostar do bairro. Apesar de suas características de localização, de acessibilidade e de infraestrutura serem apreciadas, elas não são capazes de lhe especificar uma identidade, uma vez que são características que dizem respeito, de um modo geral, aos bairros pericentrais.

Para considerar os motivos que levaram dois entrevistados a dizer que não gostam de morar no bairro, deve-se delinear antes o perfil de cada um. O primeiro mora de aluguel no bairro há oito anos e reclama do barulho da praça, do ônibus e do bar. Esse entrevistado mora em frente à Praça Doutor Carlos Marques, onde se localiza o Colégio Bernardo Monteiro, um ponto final de ônibus e um bar. Esse entrevistado se refere ao bairro como Prado. O outro entrevistado também mora de aluguel, há apenas três anos. Segundo ele, o Calafate “é um bairro muito parado e só tem idoso” (Estudante, 16 anos)⁵⁹. Isso é explicado ao se observar sua idade. No entanto, esse morador se refere ao bairro como Calafate. Ambos os entrevistados moram de aluguel, relativamente, há pouco tempo. Isso pode explicar a falta de vínculos que têm com o lugar.

Quando os entrevistados foram questionados sobre a diferença do Calafate em relação aos outros bairros de Belo Horizonte, as respostas mais recorrentes foram: a localização central, assim como a facilidade de deslocamento; a afetividade com o bairro por meio das relações de vizinhança; a infraestrutura e a tranquilidade, que foram os principais fatores associados ao bairro por seus moradores entrevistados. A localização, avaliada como estratégica, e a infraestrutura são características que podem ser consideradas específicas de bairros pericentrais. As relações de vizinhança podem significar uma forte rede de sociabilidade, ainda mais ao levar-se em conta que os entrevistados, em sua maioria, moram há muitos anos no bairro. E a tranquilidade, como característica tão recorrente, é, ao mesmo tempo, geral e pouco específica para caracterizar um bairro.

Uma questão importante para este trabalho, a representação do bairro, será explorada agora. Sobre o que o bairro representa, em apenas uma palavra, os entrevistados responderam: tranquilidade, em primeiro lugar, e bom, em segundo lugar. Novamente, características gerais que não conseguem especificar determinado espaço. Esse dado é, no mínimo, curioso, uma vez que, em se tratando

⁵⁹ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no bairro Calafate em 21/01/2010.

de um bairro antigo, era de se esperar uma identidade mais consolidada e específica. E esse dado – tranquilidade – aparece em três questões e está colocado entre as respostas mais citadas pelos moradores entrevistados: na questão da afetividade com o bairro, da sua diferença em relação a outros bairros de Belo Horizonte e, por fim, da representação do bairro em apenas uma palavra. Essas são características muito genéricas e amplas, que, inclusive, podem ser conferidas a contextos diversos, para ter um peso tão grande na caracterização do bairro Calafate.

A propósito da percepção que possuem sobre o futuro do bairro, a maior parte dos entrevistados respondeu que ele se tornará cada vez mais, ou totalmente, verticalizado por meio da demolição de casas antigas e a construção de prédios novos e altos. A substituição também foi pontuada com relação ao comércio: a segunda resposta mais recorrente fez menção ao fato de o bairro se tornar cada vez mais um reduto comercial, com a substituição do uso residencial por comercial, outra característica de bairro pericentral. E, por fim, a terceira resposta mais mencionada fez referência a uma postura mais cética, por parte dos entrevistados, com relação a qualquer mudança significativa no bairro. Os moradores entrevistados responderam que não haverá, no futuro, nenhuma mudança significativa no bairro.

Quando questionados sobre o passado do bairro, é curioso notar a expressiva quantidade de entrevistados que não souberam responder. Observa-se certo desconhecimento dos moradores de sua própria história. Esse dado é intrigante, ainda mais ao levar-se em conta o tempo de moradia da maior parte dos entrevistados. Contudo, é possível notar também uma associação do bairro com uma cidade de hábitos interioranos e tradicionais quando os entrevistados se referem ao passado do bairro.

Era interior. Só casa. As pessoas na rua conversando. Todo mundo se conhecia. (Professora, 42 anos⁶⁰).

Era bem interiorano. Muita casa, construção antiga que não vê mais. (Psicultora, 37 anos⁶¹).

⁶⁰ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no bairro Calafate em 12/01/2010.

⁶¹ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no bairro Calafate em 18/01/2010.

Outros entrevistados consideraram que o bairro era melhor e/ou têm boas lembranças do passado. Foram recorrentes termos como tranquilidade, segurança, amizade com vizinhos e até mesmo a menção à presença de um centro comercial bastante ativo. Desses entrevistados, um número significativo mencionou o bonde do Calafate, que passava na Rua Platina, e os cinemas São José e Eldorado, ambos situados na mesma rua.

Era um bairro alegre. Tinha cinema, comércio muito ativo, que caiu com o metrô. Agora está voltando. Muitos jovens encontravam nos cinemas, ficavam no bairro nas décadas de 1960/70. Tinha Escola Hipismo do D.I.⁶². (Comerciante, 69 anos⁶³).

Naquela época o D.I era um *Jockey Club*. Vinha gente assistir à corrida de cavalo. Mistura de operário e grã-fino. Tinha os cinemas também. (Produtor cultural, 26 anos⁶⁴).

Havia convivência maior entre as famílias. Todo mundo era conhecido. Era mais aconchegante. Parecia um vilarejo, uma aldeia. Tinha o *footing* na Praça da Igreja. (Aposentado, 78 anos⁶⁵).

Não tinha bandido. Podia dormir com janela aberta. Podia deixar bicicleta na porta que ficava. (Moveleiro, 55 anos⁶⁶).



Figura 34 - Antigo Cine São José e atual Teatro Kléber Junqueira, no Calafate.
Fonte: GOOGLE, 2011.

⁶² Departamento de Investigação e antigo Prado Mineiro. Hoje é a Academia da Polícia Militar de Minas Gerais.

⁶³ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no bairro Calafate em 19/01/2010.

⁶⁴ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no bairro Calafate em 21/01/2010.

⁶⁵ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no bairro Calafate em 20/01/2010.

⁶⁶ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no bairro Calafate em 29/01/2010.



Figura 35 - Antigo Cine Eldorado, no Calafate.
Fonte: GOOGLE, 2011.

No entanto, essas características não são suficientes para diminuir uma imagem negativa do bairro no passado, como aparece nessas outras falas.

Era difícil, não tinha supermercado, só tinha vendinha. (Costureira, 80 anos⁶⁷).

Pior. Não tinha infraestrutura, esgoto, comunicação. (Vendedora, 50 anos⁶⁸).

Era mais precário. Banco só na Avenida Silva Lobo. (Estudante, 24 anos⁶⁹).

Alguns entrevistados também mencionaram equipamentos públicos de lazer, como quadras esportivas ou áreas usadas como tal, que deixaram de existir em função da construção do metrô, de viadutos ou por ocupação ilegal em forma de favela. Houve menção também a uma vida religiosa mais intensa no passado. Esse ponto é corroborado pela entrevista em outra questão, que trata sobre a caracterização dos moradores: 26 entrevistados consideraram que os moradores do bairro são pessoas pouco religiosas.

Mais tranquilo, mais religioso. Tinha procissões, coroações. A comunidade era voltada mais para religiosidade. (Aposentada, 61 anos⁷⁰).

Outro dado interessante é o fato de o bairro – de acordo com uma pesquisa realizada por um morador entrevistado na Secretaria Municipal de Esporte – ter sido

⁶⁷ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no bairro Calafate em 14/01/2010.

⁶⁸ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no bairro Calafate em 15/01/2010.

⁶⁹ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no bairro Calafate em 19/01/2010.

⁷⁰ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no bairro Calafate em 19/01/2010.

polo de práticas esportivas em Belo Horizonte⁷¹. Resumindo, de uma maneira geral, os moradores entrevistados tiveram um olhar positivo com relação ao passado do bairro. Todavia, mais do que isso, parece que os moradores acham que o bairro piorou. O que se percebe é que o Calafate tinha uma vida social bastante intensa com a presença dos cinemas, dos esportes, da religiosidade, do comércio, do hipódromo, da prática do *footing*. Ao que tudo indica, era um bairro que atraía moradores de outros bairros da cidade em função da oferta de serviços e atrações. No entanto, parece que é algo que se perdeu.

Os principais pontos positivos de morar no bairro, em ordem crescente, apontados pelos entrevistados foram: comércio e infraestrutura, tranquilidade, transporte, localização central e vizinhança. Os principais aspectos negativos de morar no bairro foram: trânsito da Rua Platina, poluição sonora, mendigos da Rua Platina e alagamento da Rua Platina quando chove. É interessante notar que a maioria dos pontos negativos se volta para aspectos físicos e para a principal via do bairro: trânsito, barulho, mendigos e alagamento. Isso sem contar com a poluição da rua, que também foi mencionada.

Nada muito peculiar considerar como os pontos fortes do bairro, pontuados pelos moradores entrevistados, a localização e a infraestrutura, já que se trata de um bairro pericentral. Novamente, a impressão é de um bairro sem uma identidade específica, principalmente ao se considerar que o fator ‘tranquilidade’ é novamente mencionado de forma tão expressiva. Um dado interessante: parte considerável dos entrevistados não mencionou nenhum aspecto negativo com relação ao bairro. Quando arguidos, eles respondiam: “Não tem. Não há aspecto negativo” (Aposentado, 59 anos⁷²; Dona de Casa, 77 anos⁷³; Aposentada, 80 anos⁷⁴).

Com relação aos principais aspectos negativos de se morar no bairro, nota-se que a maioria deles se volta para a Rua Platina: trânsito, barulho, mendigos, poluição e alagamento. Dessa forma, torna-se problemática a questão da representação do bairro. Se a Rua Platina é a que mais representa o bairro, também representa problemas, conseqüentemente, a visão do bairro será associada a esses

⁷¹ Para o seu curso de pós-graduação em Educação Física. De acordo com o morador, no bairro Calafate existiam muitos times de vôlei e de futebol. Assim como existiam muitas quadras esportivas. Alguns desses times tiveram reconhecimento internacional. A pesquisa do morador foi comentada durante a entrevista.

⁷² Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no bairro Calafate em 13/01/2010.

⁷³ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no bairro Calafate em 14/01/2010.

⁷⁴ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no bairro Calafate em 14/01/2010.

problemas. Quando se ‘pensar’ em bairro Calafate, por conseguinte virá a imagem de trânsito, barulho, mendigos e poluição. Na rua também se encontra um rico acervo arquitetônico. No entanto, quase que completamente descaracterizado. Esse pode ser mais um fator que acresce à Rua Platina, e, por conseguinte, ao bairro Calafate, um tom de empobrecimento. No entanto, não se pode dizer que a rua seja deteriorada, decadente e abandonada. Pelo contrário, a Platina conserva um intenso fluxo de pedestres e, até os dias de hoje, um forte e ativo centro comercial.



Figura 36 - Acervo arquitetônico da Rua Platina, no Calafate.
Fonte: GOOGLE, 2011.



Figura 37 - Acervo arquitetônico da Rua Platina, no Calafate.
Fonte: GOOGLE, 2011



Figura 38 - Acervo arquitetônico da Rua Platina, no Calafate.
Fonte: GOOGLE, 2011.

Quando questionados sobre a possibilidade de se mudarem do bairro, 29 entrevistados afirmaram que não pensam em se mudar do bairro, e os outros 21 responderam que sim. Os motivos alegados por aqueles que responderam negativamente a essa questão estão relacionados, em primeiro lugar, ao fato de gostarem do bairro e, em segundo lugar, de já terem se acostumado com ele. Foi mencionada também a tranquilidade como um motivo para não se mudarem do bairro. Em outras palavras, os principais motivos alegados pelos moradores entrevistados para que não pensem em se mudar do bairro são: gostar do bairro, estar acostumado com ele e a sua tranquilidade.

Por outro lado, a maioria dos motivos citados por aqueles que já pensaram em se mudar do bairro se referem à mudança para o interior de Minas Gerais. Adquirir casa própria foi outro motivo colocado por alguns dos entrevistados ao justificar a vontade de se mudar do bairro. O trânsito e o barulho da Rua Platina e a falta de tranquilidade também foram mencionados. Querer voltar para o interior do estado, provavelmente, está relacionado com o alto contingente de moradores entrevistados que vieram de lá. Outro dado importante é que, dos entrevistados que disseram querer sair do bairro, a maioria mora de aluguel. Isso explica o motivo “adquirir casa própria” colocado por alguns entrevistados. A busca de mais tranquilidade e conforto dos que pensam em se mudar, evidentemente, se deve a seu local de moradia. Os que buscam tranquilidade moram na Rua Platina, os que estão satisfeitos com ela, residem mais afastados dessa via.

O estudo também questionou os moradores entrevistados sobre a possibilidade de se mudarem para outros lugares da cidade. A intenção dessa questão era conhecer esses outros lugares da cidade com o quais os moradores entrevistados mais se identificavam. Nesse caso, os bairros Prado e Gutierrez foram as opções mais recorrentes apresentadas pelos entrevistados. Os motivos da escolha do bairro Prado foram, principalmente, a proximidade e a semelhança com o Calafate. Para o bairro Gutierrez, as razões se devem ao fato de já terem morado ou de terem parentes lá e pela infraestrutura que o bairro oferece. É importante mencionar, nesse momento, que ambos os bairros mencionados se encontram na mesma região do Calafate, a região oeste, mas abrigam estratos superiores. De acordo com a classificação da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, Administrativas e Contábeis de Minas Gerais (2005) sobre bairros belo-horizontinos,

a partir do critério da renda do chefe de domicílio, a hierarquia vai de popular a luxo, passando por médio e alto. O Gutierrez é considerado um bairro de luxo, o Prado, um bairro de alto *status* e o Calafate, um bairro de médio *status*, como mencionado anteriormente.

Especificamente para os proprietários, foi questionado se já pensaram em alugar ou vender a residência em que moram. Dos 31 entrevistados que se encaixaram nessa categoria, 24 responderam que não e 7 alegaram que já pensaram em alugar ou vender a residência em que moram. Os motivos citados por aqueles que não pensam em alugar ou vender a casa são: gostar do bairro, ser um patrimônio familiar, por morar nela, qualidade do imóvel e localização. Por outro lado, os motivos apresentados por aqueles que pensam em alugar ou vender a casa são na maioria relacionados à obrigatoriedade de inventário para a divisão entre herdeiros.

Quando questionados sobre a construção de prédios novos no bairro, mais da metade dos entrevistados respondeu que considera isso “bom”, 16 disseram que será “ruim” e 6 avaliaram ser, ao mesmo tempo, “bom e ruim”. Dentre os motivos citados por aqueles que são a favor da construção de prédios, prevaleceu o da valorização, enobrecimento, modernização e embelezamento do bairro. Também foi muito recorrente a alusão à necessária demolição das casas antigas consideradas velhas e feias por esses moradores. Além disso, alegaram que o aumento do número de habitantes proporciona, automaticamente, a ampliação de benefícios no bairro, tais como comércio e serviços, assim como a melhoria da segurança. É curioso observar que, para esses moradores, a construção de prédios enobrece o bairro porque, por serem de mais alto valor monetário, acabam por atrair moradores com maior nível social e de instrução.

Para aqueles que consideram “ruim” a construção de prédios no bairro, os motivos que apareceram mais vezes nas respostas se referem à descaracterização da estética residencial e à perda da história do bairro. Foram colocadas também questões como a superpopulação, o aumento do tráfego e a perda de privacidade. As respostas dos entrevistados que consideraram, paralelamente, “bom e ruim” a construção de prédios no bairro, giraram em torno da valorização imobiliária e da descaracterização do mesmo.

Esses dados mostram um fraco apego dos moradores ao patrimônio e à imagem do bairro. Pode-se ponderar que, se o bairro tivesse uma identidade forte e

positiva, os moradores não concordariam com sua transformação. Essa não-consciência patrimonial e histórica dos moradores pôde ser percebida, durante as entrevistas, em frases, tais como:

Com prédios, o bairro fica melhor do que com casa velha (Dona de casa, 66 anos⁷⁵).

Prédio é mais bonito e acaba com casa velha. (Vendedora, 50 anos⁷⁶).

Fica tudo novo. Acaba com casa velha. (Costureira, 66 anos⁷⁷).

Moderniza. Arranca as casas velhas, feias. (Moveleiro, 55 anos⁷⁸).

As casas estão impedindo o crescimento do bairro. (Empresária, 23 anos⁷⁹).

De uma maneira geral, a maior parte dos entrevistados é a favor da construção de prédios no bairro. Eles acreditam que assim o bairro irá melhorar, no sentido de um enobrecimento. Nota-se também fraca relação afetiva pelas casas antigas, consideradas “velhas” e “feias”, e um empecilho para o desenvolvimento do bairro. Isso, provavelmente, está relacionado com a má conservação dos casarões históricos, além do maior *status* que as novas construções representam. Esse fenômeno pôde ser observado em vários momentos na pesquisa, como na questão da entrevista que se referia ao que os moradores entrevistados menos gostavam em suas residências. O fato de residirem em imóveis antigos foi o mais considerado. Esse é um dado muito importante e tem um grande significado. Os moradores entrevistados não agregam valor ao fato de residirem em imóveis antigos, pelo contrário. Quando os entrevistados avaliaram alguns aspectos do bairro nos últimos dez anos, uma alta porcentagem não soube avaliar a situação atual do patrimônio histórico do bairro, utilizando expressões como: “Aqui não tem”.

Da mesma forma, observa-se expressiva porcentagem de entrevistados que considera que as novas construções melhoraram o bairro nos últimos dez anos. Nesse sentido, pode-se pensar em uma falta de consciência patrimonial e histórica dos moradores, associada à valorização da atuação imobiliária no bairro.

⁷⁵ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no bairro Calafate em 14/01/2010.

⁷⁶ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no bairro Calafate em 15/01/2010.

⁷⁷ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no bairro Calafate em 20/01/2010.

⁷⁸ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no bairro Calafate em 20/01/2010.

⁷⁹ Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no bairro Calafate em 20/01/2010.



Figura 39 - Novas construções no Calafate.
Fonte: GOOGLE, 2011.

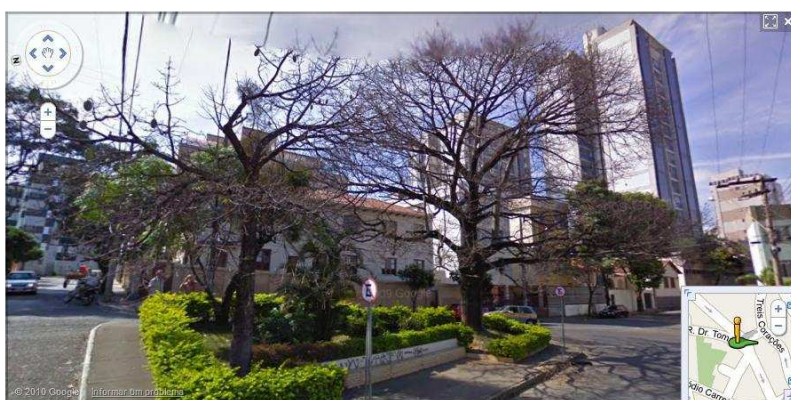


Figura 40 - Novas construções no Calafate.
Fonte: GOOGLE, 2011.



Figura 41 - Novas construções no Calafate.
Fonte: GOOGLE, 2011.

Nesse contexto, pode-se dizer que o patrimônio do bairro não encontra “ressonância” no cotidiano dos moradores do Calafate, ou na sua relação com ele (GONÇALVES, 2005). De acordo com esse autor, para o patrimônio encontrar “ressonância” junto a setores da população, é preciso que ela reconheça e dê respaldo a determinado bem cultural como patrimônio (GONÇALVES, 2005). Não é o que parece acontecer no Calafate. Além de o patrimônio do bairro não ser

reconhecido, há um grande desejo, por parte de seus moradores entrevistados, de substituí-lo.

De um modo geral, pode-se afirmar que os moradores entrevistados valorizam pouco a história do bairro. Praticamente nada é mencionado nas entrevistas. Com exceção da questão que explorou especificamente o passado do bairro, o aspecto histórico não foi pontuado como valor, característica e diferença do bairro. É um bairro antigo, mas a sua história não é apropriada de forma positiva. É uma história que eles tendem a interpretar de forma negativa, ou mesmo esquecendo-a, como se eles quisessem se livrar dela. Eles olham mais para o futuro do que para o passado, principalmente no momento em que se observa um alto contingente de moradores a favor das novas construções. Para esses moradores, a mudança é bem-vinda. Não existem, *a priori*, problemas em se modificar o bairro. E essa mudança está diretamente relacionada com a possibilidade de aproximação da semelhança e da ambiência com o bairro Prado. A questão talvez seja que os moradores entrevistados não se mobilizam para mudar, o que revela o laço fraco com o bairro.

Os moradores entrevistados do bairro Calafate rejeitam sua história, eles a ligam a algo negativo, principalmente pelo fato de o lugar ter sido uma vila operária, um bairro de trabalhadores e de pobres. Talvez a substituição das “casas velhas” – que remetem a esse bairro proletário – por prédios, possa apagar essa história de vila operária. E cada vez mais o bairro possa se aproximar do Prado⁸⁰ que, ao que tudo indica, se formou como um bairro para os estratos médios e urbanos.

Em uma entrevista para o Jornal Estado de Minas (JACINTO, 2000), já fica evidente a importância da renovação do bairro pelo relato de um antigo morador. “A Rua Platina era a mais importante do bairro. A mais movimentada e a única via de acesso. As casas simples dos operários foram sendo renovadas aos poucos pelas novas gerações”. (Antônio Pozzolini. Morador do bairro há 50 anos⁸¹).

Em seu livro, Andrade (2004) cita um trecho em que o autor Pedro Nava classifica o Calafate como um “bairro de proletários”. O bairro também é mencionado, em outro momento, pelo mesmo autor, como o “inacessível Calafate”. Talvez a falta de infraestrutura e o consequente isolamento do Calafate o tenham

80 Atualmente, o bairro Prado apresenta uma aquecida atuação imobiliária de substituição e verticalização. Apesar do Calafate também apresentá-la, nele este processo tem menos vigor.

81 Entrevista realizada em reportagem (JACINTO, 2000).

tornado distante e ruim naquele momento, e essa representação negativa de alguma forma foi sendo transmitida para as novas gerações.

Outro dado que ajuda a elucidar essas características do Calafate, nos primórdios da construção de Belo Horizonte, é a escolha de suas intermediações como local apropriado, dentro do plano higienista da cidade, para construir um hospital de isolamento. De acordo com Guimarães (1991), um médico que compunha a Comissão Construtora da Nova Capital refletia sobre o aspecto sanitário do plano da capital, cujo objetivo era:

[...] dotar a cidade de requisitos urbanos necessários à prevenção de epidemias. Foi criado [...] simultaneamente aos trabalhos de construção da cidade um hospital de isolamento nas imediações do Calafate, para evitar o contágio dos trabalhadores (PLANEJAMENTO DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE, 1979, p. 105; GUIMARÃES, 1991, p. 72).

Goffman (1988) discute o estigma da pobreza em sua obra, conceito que pode ajudar a esclarecer ainda mais a discussão desse trabalho. Para o autor, os membros das classes baixas trazem, de forma bastante perceptível, “a marca de seu *status* na linguagem, aparência e gestos” (GOFFMAN, 1988, p. 157). O autor pondera que os indivíduos pertencentes às classes baixas, provavelmente, se verão em situações que os coloquem como estigmatizados e “inseguros sobre a recepção que os espera na interação face a face” (GOFFMAN, 1988, p. 157). Nesse sentido, é possível compreender a negação dos moradores pela história do Calafate. A história do bairro poderia ser mais um elemento que legitimaria a condição estigmatizante para seus moradores entrevistados. O estigma da pobreza reforçaria ainda mais, por assim dizer, as diferenças entre os bairros Calafate e Prado.

Quiçá o que pode ter reforçado e afirmado, na posteridade, a condição do Calafate como um bairro de *status* inferior tenha sido não apenas a edificação de um bairro limítrofe que foi ocupado por estratos médios, nesse caso, o Prado. Mas, também, os recentes processos de estruturação urbana que podem ter isolado o Calafate numa simbiose direta com o Prado. Assim, os moradores do Calafate passaram a ter com quem ser comparados, o que pode ter reforçado em alguns dos seus moradores um sentimento de inferioridade. Como discutido anteriormente, a identidade é relacional, uma vez que depende de algo fora dela, “de outra identidade [...], de uma identidade que ela não é, que difere [dela], mas que, entretanto, fornece

as condições para que ela exista. [...]. A identidade é, assim, marcada pela diferença” (WOODWARD, 2004, p. 9).

Finalmente, chega-se à última, mas não menos significativa questão que será analisada neste trabalho, com relação à representação do bairro Calafate. Os entrevistados foram questionados sobre a reação das pessoas quando eles dizem em que bairro moram. Os entrevistados que respondem Calafate (26) disseram que, na maior parte das vezes, as pessoas não conhecem e/ou não sabem onde se localiza o bairro. Dessa forma, eles fazem o uso de algumas referências, como o próprio bairro Prado, a estação do metrô Calafate, a Rua Platina, a Igreja São José do Calafate e a Academia da Polícia Militar de Minas Gerais. Os entrevistados que respondem Prado (19) alegaram que a reação das pessoas está relacionada à imagem de um bairro de nível social e *status* mais alto, de um bairro valorizado e com elevado custo de vida, de um bairro bem localizado, conhecido e famoso. Um bairro de moradores selecionados e sem favela nas proximidades.

Nesse sentido, a “Favela do Calafate” tem um papel significativo na construção da representação do bairro. De acordo com um entrevistado, essa favela cresceu consideravelmente na década de 1970 e a partir de então as pessoas passaram a associar o bairro à favela, prova disso é que ambos compartilham o mesmo nome, Calafate. Hoje a favela está bastante reduzida devido ao processo de desapropriação para a construção da Avenida Tereza Cristina e da linha do metrô. Entretanto, ainda hoje alguns moradores entrevistados mencionam a Favela do Calafate e sua incômoda proximidade.

A presença do Rio Arrudas⁸² e da linha férrea⁸³ foi pontuada como agravante na percepção do bairro. Como já foi observado, é nítida a diferença entre os padrões construtivos da parte de baixo da Rua Platina (perto do Arrudas e do trem) da ambiência da parte de cima (próxima ao bairro Prado). Talvez, tanto o rio quanto a linha férrea favoreceram a oferta de loteamentos para ocupação dessas áreas por uma população de renda mais baixa. É nessa mesma área que se encontra a Favela do Calafate. O metrô também, apesar de ser mais recente, foi pontuado como agravante, no momento em que constituiu uma barreira que, por assim dizer, pode

⁸² “que inundava as casas” (Aposentada, 61 anos). Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no bairro Calafate em 20/01/10.

⁸³ “quem quer morar perto do trem?” (Aposentada, 57 anos). Dados da entrevista. Pesquisa de Campo realizada no bairro Calafate em 19/01/10.

ter isolado ainda mais o bairro. Apesar de o metrô ligar um bairro a outras partes da cidade, no caso do Calafate, esse meio de transporte dificultou o acesso ao vizinho Padre Eustáquio por ser de superfície e, por isso, constituir uma barreira física entre os dois bairros. Isso sem contar com a poluição sonora proveniente da linha férrea e do metrô. A extinção da linha de ônibus Calafate também levanta dúvidas sobre a representação do bairro, principalmente ao se levar em conta que o ponto final da linha de ônibus Prado é no bairro Calafate. Por fim, o perfil rural do Calafate que perdurou até as últimas décadas do século XX, através das atividades agropecuárias, também é um fator importante na construção da representação do bairro.

Além das entrevistas com os moradores, julgou-se importante buscar a percepção de um olhar exterior. Nesse sentido, foram feitas duas entrevistas: uma com o Presidente da Associação de Bairros e a outra com um antropólogo, morador da região.

No dia 26 de novembro de 2010, foi realizada uma entrevista com o Presidente da Associação de Bairros⁸⁴, Guilherme Neves (Apêndice B). Para o Presidente, antigo morador do bairro Prado, a explicação para o fenômeno analisado neste trabalho, que engloba os bairros Calafate e Prado, está relacionada, única e exclusivamente, com a especulação imobiliária, que construiu uma falsa imagem de valorização do Prado, em detrimento do Calafate, em busca de repercussão econômica.

Guilherme Neves (Presidente da Associação de Bairros) afirmou que esse processo é recente, no máximo dez anos, e começou com a ocupação das casas do Prado por comércios de confecção de roupas. Este teria sido o mote utilizado pelas construtoras para estabelecer uma imagem diferenciada do Prado com relação ao Calafate, e assim desenvolver o processo de verticalização do bairro.

Para ele, não há diferenças significativas entre os bairros Calafate e Prado. Muito pelo contrário, ele reitera que os bairros possuem mais semelhanças do que diferenças, principalmente com relação às edificações. Ambos os bairros possuem o mesmo perfil. São constituídos por casas, o que lhes daria um ar de “cidade do interior”, mesmo que se observe atualmente no Prado um intenso processo de

⁸⁴ A Associação chamada “S.O.S Bairros” existe desde 2007 e engloba os bairros Barroca, Calafate, Gutierrez e Prado.

verticalização, que não é tão presente no Calafate, já que ainda é incipiente (Guilherme Neves, Presidente da Associação de Bairros).

Com relação aos problemas enfrentados pelos moradores do bairro Calafate, Guilherme Neves (Presidente da Associação de Bairros) apenas confirmou o que já tinha sido apontado pelos entrevistados. A presença de mendigos, o trânsito, as condições de pavimentação da Rua Platina e o mau estado de conservação das edificações localizadas na mesma via.

Diferentemente das falas dos moradores entrevistados, o presidente de uma associação que congrega vários bairros precisa mostrar-se equilibrado em relação aos julgamentos valorativos, como se pode constatar nas suas avaliações. Isso não significa que seu depoimento não tenha valor, ou seja, a hipótese de uma supervalorização de um bairro pelo mercado imobiliário é uma atitude típica daqueles que investem nele.

A mesma postura foi observada quando questionado sobre a Favela do Calafate. Mesmo afirmando que os moradores do bairro Calafate a considerem negativamente, Guilherme Neves (Presidente da Associação de Bairros) pontuou a importância de considerar a “Vila Calafate” elemento constitutivo e de conformação do bairro. Para ele, os moradores da “Vila” são proprietários informais, compondo a área residencial do bairro, tendo os direitos de propriedade e de urbanização, que têm sido requeridos junto às agendas governamentais através da Associação.

No dia 13 de dezembro de 2010, também foi realizada uma entrevista com um antropólogo e professor, morador da região⁸⁵. O antropólogo afirmou que já havia percebido o fenômeno pesquisado. Ele considera que existe uma hierarquia social entre os bairros. Mesmo não conhecendo a fundo a formação de ambos, ele ponderou que essa diferença hierárquica talvez esteja relacionada com a história.

O professor conferiu ao passado de vila operária do Calafate o principal fator para a explicação das diferenças percebidas pelos entrevistados entre o Calafate e o Prado. Para ele, é perceptível a presença de uma arquitetura mais sofisticada no Prado, em comparação ao Calafate, assim como uma possível ocupação de estratos superiores. Ainda ponderou a presença do padroeiro dos operários (**São José**) na Igreja do Calafate e, no bairro Prado, a presença do *Jockey Club* (Hipódromo Prado Mineiro). No entanto, afirmou que esse significado é inconsciente. Um morador do

⁸⁵ Pedido de anonimato.

Calafate quando se diz morador do bairro Prado faz isso sem a real consciência motivacional da ação.

De 1977 a 1984, o antropólogo residiu numa rua distante da parte significativa do Calafate, apesar dela pertencer a este bairro. Já nessa época sempre considerou essa parte do bairro como Prado. Certa feita, ao procurar um endereço no mapa de Belo Horizonte, se inteirou de que, na realidade, essa rua já fazia parte do bairro Calafate. Foi dessa forma que ele começou a perceber o fenômeno. Os antigos moradores e vizinhos, já nessa época, consideravam essa parte do bairro como Prado. De toda forma, mesmo para ele, essa rua possui uma ambiência que se aproxima mais do bairro Prado do que do Calafate.

Cordeiro e Costa (1999), em um estudo sobre bairros lisboetas, podem auxiliar na reflexão sobre o aspecto da zona de indefinição entre os bairros Calafate e Prado, apesar de diferenciados os enfoques e as abordagens dos respectivos trabalhos. Os autores ponderam que as fronteiras dos e entre bairros podem ser pouco claras em função de vários fatores sociorrelacionais. Para eles, essas fronteiras se fazem mais por demarcações sociais do que por definições exógenas e oficiais.

[...], as fronteiras do que, nos enunciados correntes, se designa como os bairros de Alfama ou da Bica são tudo, menos nítidas. Pelo contrário, revelam-se ambíguas, plásticas, contextuais e estratégicas, dependentes de quem se pronuncia e das situações relacionais em que está envolvido. Em particular, as representações simbólicas locais acerca destes bairros como entidades colectivas (sic) de referência e pertença constituem-se mais por núcleos de enraizamento identitário e demarcações sociais face a terceiros – uns e outras mutáveis e manipuláveis, de carácter largamente circunstancial – do que por delimitações cognitivas de contornos precisos, como é habitual nas definições administrativas ou cartográficas. (CORDEIRO; COSTA, 1999. p. 72-73).

Nesse sentido, pode-se compreender que essa indefinição de fronteiras entre os bairros Calafate e Prado se dá dentro de situações relacionais e, por isso, as tornam “ambíguas, plásticas, contextuais e estratégicas”, “dependentes de quem se pronuncia” e “face a terceiros”.

Para o professor, quando comparadas, a identidade do Prado é referente a um bairro de determinado nível social superior, enquanto a identidade do Calafate é mais popular. Contudo, ele logo pontua exceções. No Calafate também se observa a presença de famílias de nível social mais elevado e que têm afetividade para com o bairro. Ele se refere também a uma mudança e renovação no perfil do comércio da

Rua Platina, com o aparecimento de lojas mais sofisticadas. Em outras palavras, em referência ao Prado, o Calafate é considerado modesto em termos de classe social. Não obstante, há exceções, o que pode gerar certa dificuldade de formação identitária no bairro.

O antropólogo menciona que a Rua Platina é, atualmente, uma referência na cidade, e seu comércio é muito utilizado, inclusive, pelos próprios moradores do bairro Prado. A explicação para o fato de o Calafate ter sido, em um período do passado, uma referência para a cidade, mais forte, inclusive, que o Prado, para ele, se deve ao seu antigo e ativo comércio.

4.3. Novos e antigos moradores: diferentes construções identitárias

Outra proposta do presente trabalho é analisar as diferentes representações do bairro Calafate pela interpretação dos antigos e dos novos moradores entrevistados. O objetivo em compreender a forma como, tanto os novos quanto os antigos moradores entrevistados, percebem o bairro é também uma maneira de averiguar não apenas a sua apropriação social, mas também o modo como se identificam ou não com ele.

Os novos e os antigos moradores entrevistados do Calafate foram divididos da seguinte forma: os novos moradores entrevistados contam com até nove anos residindo no bairro e os antigos moradores entrevistados, a partir de dez anos de residência. Dessa forma, o número de moradores entrevistados para cada uma das categorias foi de 35 para os antigos moradores entrevistados e de 14 para os novos. É interessante mencionar que muitos dos que foram considerados aqui 'novos moradores' têm ligações e raízes antigas com o Calafate. Moraram no bairro durante a infância e juventude, se casaram e voltaram. Muitos voltaram para a casa dos pais.

Na maior parte dos aspectos analisados, não foram encontradas diferenças significativas nas percepções dos novos e dos antigos moradores entrevistados. Dessa forma, essa análise se pautará apenas nas diferenças relevantes entre as duas categorias, na medida em que não há diferenças muito significativas.

Ao serem interrogados sobre a possibilidade de mudar do bairro, entre os novos moradores entrevistados, a maioria respondeu que sim. Os motivos alegados foram: busca de mais conforto e a possibilidade da compra de imóvel. O principal motivo alegado pelos novos moradores entrevistados que não pensam em se mudar do bairro foi o pouco tempo de residência nele. Entre os moradores antigos, a maioria não pensa em se mudar. Gostar do bairro, considerá-lo bom e tranquilo foram alguns motivos alegados por eles. O fato de terem se acostumado e/ou acomodado no bairro também foi citado. A minoria dos antigos moradores entrevistados que pensam em se mudar do bairro alegou motivos particulares e subjetivos não passíveis de categorização. De uma maneira geral, pode-se dizer que a maioria dos novos moradores entrevistados gostaria de se mudar. Já a maioria dos antigos moradores entrevistados não gostaria de se mudar. Essa diferença se faz presente entre os laços mais fortes de uns e os laços mais fracos de outros.

Quando questionados sobre o que pensam da construção de novos prédios no bairro, o resultado foi, de certa forma, surpreendente. Dentre os novos moradores entrevistados, as opiniões acerca das novas construções no bairro são bastante equilibradas, contando com o mesmo número entre os que acham “bom” e “ruim” (7 cada). Os motivos alegados por aqueles que são favor das novas construções no bairro foram a valorização e o aumento de opções para a moradia. Já os que são contra, citaram a descaracterização e o aumento da poluição no bairro. O que alegou ser, ao mesmo tempo, “bom e ruim” a construção de prédios mencionaram a paralela descaracterização e modernização do bairro. Com relação aos antigos moradores entrevistados, a maioria (20) considera “bom” a construção de novos prédios no bairro. Os motivos alegados foram modernização, aumento da segurança e da população (no sentido positivo). “Acabar com as casas velhas” também foi significativamente mencionado. Os antigos moradores entrevistados que consideram “ruim” (8) citaram a descaracterização do bairro, o aumento da população e do tráfego. Os motivos alegados por aqueles que consideram “bom e ruim” a construção de novos prédios no bairro não foram passíveis de categorização.

Os números relacionados aos novos moradores entrevistados são bastante equilibrados. Entretanto, com relação aos antigos moradores entrevistados, a maioria é a favor da construção de novos prédios no bairro. Menor ainda é o número de pessoas, nesse grupo, que se preocupa com a descaracterização do bairro e com a perda de suas casas antigas. Esse dado ainda é mais revelador quando associado

a outros dados encontrados nessa análise. Ao que tudo indica, os novos moradores entrevistados agregam mais valor ao bairro quando o consideram, como fator positivo, parecido com uma cidade do interior, como um bairro residencial⁸⁶. As opiniões acerca das novas construções não são discrepantes, percebendo-se, dessa forma, um apreço ao que o bairro representa em termos de patrimônio.

Por outro lado, por mais que os antigos moradores entrevistados demonstrem uma forte afetividade com o local de sua moradia e uma consolidada rede de vizinhança, não há entre eles, na maior parte, uma preocupação com a possível mudança e descaracterização do bairro através das novas construções. Pelo contrário, eles almejam essa mudança. Pode-se supor que os antigos moradores entrevistados não se apropriaram da história do bairro de forma positiva porque a conhecem. Para os novos moradores entrevistados, as casas antigas têm outra representação: não a de um bairro com um histórico proletário e pobre, mas a de um bairro residencial com um tom bucólico e interiorano. E também não contam da sua história, do seu passado, mas de um passado a qual eles atribuem algum valor.

Quando questionados sobre o passado do bairro, a maioria dos novos moradores entrevistados não soube responder, seguida daqueles que disseram que era um bairro residencial, parecido com uma cidade do interior. Dentre os antigos moradores entrevistados, houve muitas respostas específicas que o caracterizaram como uma vila operária, como um bairro de casas, parecido com uma cidade do interior. Também foram mencionados o Bonde do Calafate, a amizade entre os vizinhos, as procissões e as festas da Igreja do Calafate. Contudo, as respostas mais recorrentes foram nessa ordem: bom, melhorou e tranquilo. Apesar de os antigos moradores entrevistados relacionarem, nesse momento, o bairro com uma cidade do interior, essa associação só aconteceu devido à questão que especificamente perguntava sobre o passado do bairro. Para os antigos moradores entrevistados, essa relação não aparece em outros contextos, como se observou com os novos moradores entrevistados, que afirmaram ser motivo para gostar de morar no bairro o fato de ele se parecer com uma cidade do interior. Evidentemente muitos dos novos moradores entrevistados não sabem como foi o passado do bairro. A maioria dos antigos moradores entrevistados considera que o bairro era melhor ou

⁸⁶ Quando questionados se gostam de morar no bairro, os novos moradores entrevistados valorizaram o fato do bairro 'parecer uma cidade do interior', motivo que não foi apontado por nenhum antigo morador entrevistado.

que era bom. Esse grupo também considera que o bairro era tranquilo e seguro. Mencionaram ainda a amizade com vizinho e o passado de vila operária do bairro.

Por fim, um último dado importante e muito revelador para o presente trabalho. O maior contingente de moradores entrevistados que mencionam Calafate (17), ao responder em que bairro reside, é constituído pelos antigos moradores entrevistados. Logo após, os antigos moradores entrevistados reaparecem representando dez dos que respondem que moram no bairro Prado. Os novos moradores entrevistados se dividiram igualmente (7 cada) entre aqueles que mencionam Calafate ou Prado. Finalmente, observa-se que o restante dos moradores entrevistados que respondem Calafate / Prado é constituído exclusivamente por antigos moradores. Esses dados demonstram que a indefinição de identificação para com o bairro está presente principalmente entre os antigos moradores entrevistados. Não apenas pelo fato de eles constituírem a maioria dos que respondem Prado, mas, e principalmente, por serem os únicos que respondem Calafate / Prado.

5 CONCLUSÃO

Uma das principais conclusões a que foi possível chegar, pela pesquisa realizada, é que o bairro Calafate não tem uma identidade clara e forte. Daí as ambiguidades presentes nas suas representações. O que ele tem de mais positivo também é o pior: Rua Platina. ‘Tranquilidade’, um atributo tão genérico, e que cabe a muitos contextos, é colocado pelos moradores entrevistados como sua principal característica. Apesar de ser um bairro antigo, a tradição também não aparece como uma de suas características mais destacadas pelos entrevistados, principalmente ao se levar em conta que a maioria deles era composta por moradores antigos.

Um dado bastante curioso e revelador é o fato de os moradores entrevistados quererem que o bairro mude por meio da construção de novos prédios. Isso indica uma insatisfação com o bairro. Pode-se dizer que há uma rejeição, por parte dos moradores entrevistados, com relação à sua própria história. Nesse sentido, é importante ter o Prado como uma referência para entender o Calafate. A construção de novos prédios significa, na visão dos entrevistados, mudar para melhor, significa enobrecer e, portanto, se aproximar do que é hoje o bairro do Prado. Prédios, para alguns grupos sociais, são um sinal positivo, pois substituem o velho e pobre da habitação operária por moradias ‘melhores’ e com mais alto *status*.

Ficou bastante claro nos depoimentos dos moradores entrevistados que a Rua Platina é um problema para o Calafate. Não obstante, esta via é uma referência simbólica para o bairro, além de concentrar o tão celebrado, pelos moradores entrevistados, centro comercial. Os problemas se referem ao trânsito intenso, à poluição, à presença de mendigos, ao barulho e ao alagamento quando chove. A rua, na condição de referencial e centro comercial para o bairro, é a mesma que macula sua imagem.

A identidade pode ter como referência a história, ou até mesmo a modernidade. Mas o bairro Calafate não se identifica nem com a sua história, que o situa como um dos mais antigos bairros da capital, nem com a modernidade, uma vez que, comparativamente, o bairro vizinho é que se traduz, para eles, como o espaço da modernidade. Nesse confronto, os entrevistados revelaram que se espelham e almejam ser como o Prado.

Foi possível perceber que os moradores entrevistados consideram que o Calafate não possui determinados atributos conferidos ao Prado, como riqueza progresso e prédios novos. O Prado é sempre representado como um bairro de classe média e sem favela nas proximidades. Um bairro de habitantes selecionados, mais nobre, mais valorizado, mais moderno e esteticamente mais bonito do que o bairro Calafate.

Quando abordada a questão dos limites do bairro, não houve nenhuma resposta que coincidissem. Esse fato se deve a uma volatilidade espacial do bairro, que está relacionada a certo alargamento das fronteiras do bairro nos limites com o Prado. Pode-se dizer que essa questão de indefinição de limites também está ligada a uma indefinição de identidade.

Já a representação do bairro Calafate, está associada com proximidade da favela. A Rua Platina, um dos principais símbolos do bairro, é considerada um problema. A presença do rio Arrudas, das linhas férreas e do metrô também são apontados como fatores negativos. Algumas características mencionadas se referem ao Calafate como bairro humilde, sem uma vizinhança boa e sem uma linha de ônibus específica própria. Todos esses são alguns fatores que contribuem, de alguma forma, negativamente para a representação do Calafate, de acordo com os moradores entrevistados.

Tudo leva a crer que as diferenças de representação entre os bairros Calafate e Prado estão relacionadas também a uma questão de formação histórica. O bairro Calafate foi uma vila operária e esse fato determinou não apenas sua ocupação por moradores de estratos sociais inferiores, como circunscreveu o espaço com um tipo construtivo de moradia bastante demarcado. Além disso, o Calafate foi um espaço demarcado por atividades rurais que perduraram até a década de 1980. Outro fator que pode dificultar a formação de uma identidade forte e compartilhada por seus moradores é a presença da APM-MG, que preenche o bairro de policiais militares, mas que não se fixam como moradores. É uma população flutuante e de constante passagem.

Por outro lado, a formação do Prado é diferente. Apesar de o bairro também estar situado na zona suburbana da cidade, área destinada à moradia de estratos mais populares, alguns fatores, como a proximidade com o centro, o acesso ao bonde e, até mesmo, a forma de loteamento, favoreceram a presença no Prado de uma população de estratos médios e de hábitos urbanos.

Através da pesquisa, observou-se que a proximidade entre os bairros Calafate e Prado foi um dos principais motivos que geraram a demarcação da diferença. E essa proximidade foi avigorada por meio da edificação de determinadas barreiras como a linha do metrô, que separou o Calafate do bairro Padre Eustáquio, a construção da Avenida Amazonas, que fez com que o bairro perdesse a centralidade e, por fim, a implantação da Avenida Silva Lobo, que deu à Rua Campos Sales, desmembramento da Rua Platina, outra dinâmica identitária. Dessa forma, o Calafate foi cercado, sobrando apenas uma abertura em direção ao bairro Prado.

Outro fator considerado que pode dificultar a formação de uma identidade mais consolidada para o Calafate é exatamente a sua heterogeneidade. De acordo com os dados do Censo Demográfico 2000 (AMORIM, 2010), apresentados na Tabela 1, pôde-se observar como é heterogênea sua população com relação às classes sociais. No bairro Calafate, é quase igualitário o número de moradores que pertencem a diferentes estratos sociais. De toda forma, é importante pontuar que, de uma maneira geral, não existem bairros completamente homogêneos em Belo Horizonte. No entanto, um grupo pode ser mais expressivo que o outro, gerando uma referência para o bairro. No caso do Calafate, devido à sua característica heterogênea, essa caracterização não é possível.

O bairro Calafate não compartilha estigmas de um território da pobreza e/ou criminalidade, como ocorre com muitas favelas, ou de uma região moral⁸⁷ (PARK, 1987), como se observa em áreas da cidade que concentram grupos com uma moralidade distinta. No entanto, quando os moradores comparam o Calafate ao Prado, os atributos do primeiro são depreciativos e, às vezes, estigmatizantes, como a origem pobre, a proximidade com a favela e com partes menos valorizadas da cidade, como linhas de trem e rios. Talvez seja esse o motivo que o faz ser pouco conhecido. De acordo com a pesquisa, o Calafate é considerado, por seus moradores, um bairro desconhecido na cidade⁸⁸.

⁸⁷ “(...) regiões onde prevalece um código moral divergente, por uma região em que as pessoas que a habitam são dominadas, de uma maneira que as pessoas normalmente não o são, por um gosto, por uma paixão, ou por algum interesse que tem sua raiz diretamente na natureza original do indivíduo”. (PARK, 1987, p. 66).

⁸⁸ Observou-se que bairro Calafate é desconhecido pelos moradores de outros bairros. Na entrevista havia uma questão que explorava a percepção dos moradores de/por todos os bairros investigados na pesquisa. A maior parte dos entrevistados afirmou não conhecer o Calafate. O mesmo não foi observado em relação aos outros bairros pesquisados.

Existem inúmeros elementos que também podem conformar uma identidade, como um estigma, uma identidade negativa, a boemia, a cultura, entre outros. Entretanto, de acordo com os dados desse estudo, não se verificou alguma fonte possível de identidade para o bairro Calafate que não esteja diretamente relacionada a uma projeção do bairro Prado.

Perceber que a origem, nesse caso “operária”, é realmente um fator definidor de demarcação de um bairro, a ponto de ela ser propositalmente “esquecida” quando este bairro não sofre um intenso processo de transformação, foi um ponto importante desvencilhado nessa pesquisa. No entanto, a mais significativa descoberta desse trabalho foi compreender que a antiguidade por si só não é um infalível fator de constituição da identidade de um bairro, como se pôde verificar.

REFERENCIAS

AGUIAR, Tito Flavio Rodrigues de. **Vastos subúrbios da nova capital:** formação do espaço urbano na primeira periferia de Belo Horizonte. 2006. 445f. Tese (Doutorado em Historia) - Faculdade de Filosofia e Ciencias Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

AMORIM, Nayara de. **Tabelas IBGE Final.** Belo Horizonte: Fapemig, 2010. Tabelas desenvolvidas com base nos dados do INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA. Censo Demográfico 2000. Brasília: IBGE, 2000

ANDRADE, Carlos Drummond (Antônio Crispim) Da Velha Cidade. **Jornal Minas Gerais**, Belo Horizonte, 26 mai. 1931. Notas Sociais. p. 12

ANDRADE, Luciana Teixeira de. **A Belo Horizonte dos Modernistas:** representações ambivalentes da cidade moderna. Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

ANDRADE, Luciana Teixeira de.; MENDONÇA, Jupira Gomes de. Estudos de bairros: construindo uma metodologia qualitativa com suporte quantitativo. In: Encontro Anual da ANPOCS - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 31, 2007, Caxambu. Sessão **Temática 1: A metrópole e a questão social.** Caxambu: ANPOCS, 2007. p. 01-23.

ANDRADE, Mário de. Noturno de Belo Horizonte. In: ANDRADE, Mário de. **Poesias Completas.** São Paulo: Círculo do Livro, 1976.

ANGOTTI-SALGUEIRO, Heliana. Belo Horizonte: o nascimento de uma capital. In: FABRIS, Annaterra. **Ecletismo na arquitetura brasileira.** São Paulo: Nobel; Edusp, 1987. p. 106.

ANJOS, Cyro dos. **O amanuense Belmiro.** 17 ed. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 1937/2001.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. **Coleção de fotos do Arquivo Público Mineiro.** Disponível em: <
<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/brtbusca/index.php?action=results&query=Planta+de+Belo+Horizonte&x=26&y=11>>. Acesso em: 15 fev. 2011.

BAHIA, Cláudio L. M. Metamorfoses da metrópole. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, a. 43, nº 2, p. 60-75, jul./dez. 2007.

BARRETO, Abílio. **Belo Horizonte**: memória histórica e descritiva: história antiga e história média. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995. 2 v.

BECKER, Howard S. Falando sobre a sociedade. In: BECKER, Howard, S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1993.

BELO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Cultura. **O fim das Coisas**. Belo Horizonte, PBH, 1995. p. 97

BORGES, Maria E. L. (Coord.) Pequenos Ofícios em Belo Horizonte: na história e na memória, 1920-1960. In: BORGES, Maria E. L. (Coord.) **Vozes de Minas: ambientalistas, artistas, professores e cidade (discurso e restituição)**. 2006. Relatório de Pesquisa – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de História Oral do Centro de Estudos Mineiros, Belo Horizonte, 2006.

COMISSÃO CONSTRUTORA DA NOVA CAPITAL DE MINAS. Ofício do secretário da Agricultura ao engenheiro-chefe sobre demarcação da Fazenda Calafate. **Acervo da Comissão Construtora da Nova Capital de Minas**, SA-375, p. 173, 1895. Disponível em: < <http://www.comissaoconstrutora.pbh.gov.br>>. Acesso em 30 set. 2008.

COMISSÃO CONSTRUTORA DA NOVA CAPITAL DE MINAS. Certidão referente aos autos de divisão e demarcação da Fazenda Calafate. **Acervo da Comissão Construtora da Nova Capital de Minas**, 1896. Disponível em: < <http://www.comissaoconstrutora.pbh.gov.br>>. Acesso em 30 set. 2008.

COMISSÃO CONSTRUTORA DA NOVA CAPITAL DE MINAS. **Acervo da Comissão Construtora da Nova Capital de Minas**. Disponível em: < <http://www.comissaoconstrutora.pbh.gov.br>>. Acesso em 30 set. 2008

CORDEIRO, Graça Índias; COSTA, António Firmino. Bairros: contexto e intersecção. In: VELHO, Gilberto (Org.) **Antropologia Urbana**: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

FRÚGOLI JR., H. **Sociabilidade urbana**. 1 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS, ADMINISTRATIVAS E CONTÁBEIS DE MINAS GERAIS. **Classificação dos Bairros de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, Administrativas e Contábeis de Minas Gerais, 2005. Disponível em: http://www.ipead.face.ufmg.br/site/siteipead/downloads/Classes_Bairros_BH_com_mapa.pdf. Acesso em: 14 out. 2009. (Nota Técnica).

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO/ INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADA. **Desenvolvimento humano e condições de vida: indicadores para a Região Metropolitana de Belo Horizonte 1980-1990**. Belo Horizonte: PNUD, 1998. (Coleção Desenvolvimento Humano).

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Gestão do Espaço Metropolitano: Homogeneidade e Desigualdade na RMBH**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2007.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Monumentalidade e cotidiano: os patrimônios culturais como gênero de discurso. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. (Org). **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. 108-123.

GOOGLE. **Google Maps**. Disponível em: < <http://maps.google.com.br>>. Acesso em 05 mar. 2011.

GUIMARÃES, Berenice Martins. **Cafuas, barracos e barracões**: Belo Horizonte, cidade planejada. 1991. 323f. Tese (Doutorado em Sociologia) –Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

JACINTO, Vanessa. Difícil é saber onde começa o Prado e termina o Calafate, pois os dois conservam as mesmas características. In: BAIRROS guardam história e resistem à especulação. **Jornal Estado de Minas**. Belo Horizonte, 2000.

LIMA, Benvindo. **Canteiro de Saudades** – Pequena História Contemporânea de Belo Horizonte (1910/1950). Belo Horizonte: CL Assessoria em Comunicação, 1996.

MENDONÇA, Jupira Gomes de. Estrutura socioespacial da RMBH nos anos 2000: há algo de novo? In: ANDRADE, L. T.; MENDONÇA, J. G.; FARIA, C. A. P. **Metrópole território, sociedade e política: o caso da Região Metropolitana de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Observatório das Metrópoles/Núcleo Minas Gerais; Editora Pucminas, 2008.

MINAS GERAIS. **Mensagem dirigida pelo Presidente do Estado de Minas Geraes Dr. Chrispim Jacques Bias Fortes ao Congresso Mineiro em sua quarta sessão ordinária da segunda legislatura**.Ouro Preto: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1898. 46p. Disponível em: <<http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/u2407/000002.html>>. Acesso em: 11 mai. 2010.

MONTEIRO, Norma de Góes. **Imigração e colonização em Minas Gerais- 1889 a 1930**. Belo Horizonte: Cooperativa de Cultura da Fundação Cultural de Belo Horizonte, 1973.

NAZARIO, Rejane. **Tabela Final – Calafate**. Belo Horizonte: Fapemig, 2010. Tabelas desenvolvidas com base nos dados da pesquisa Bairros Históricos de BH – Calafate – FAPEMIG; PPGCS/PUC Minas; DIPC/DPC/PBH, 2010.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo de. **Georg Simmel: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 165-181.

PARK, Robert Ezra. A cidade: Sugestões para a Investigação do Comportamento Humano no Meio Urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme. **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1987.

PEREIRA, Humberto. **Carlos Prates**. Belo Horizonte: Conceito Editorial, 2009. (Coleção BH. A cidade de cada um).

PLANEJAMENTO DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE. **O processo de desenvolvimento de Belo Horizonte: 1897-1970**. Belo Horizonte: Plambel, 1979.

RIBEIRO, Andréia. **Representações e práticas cotidianas de um bairro belorizontino: o Concórdia**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belo Horizonte, 2008.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: Uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.); WOODWARD, Katheryn; HALL, Stuart. **Identidade e Diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais**. São Paulo: Vozes, 2004. p. 8-60.

TEIXEIRA, J. G.; SOUZA, J. M. de. Espaço e sociedade na Grande BH. In: MENDONÇA, J. G. de; GODINHO, M. H. L. **População, espaço e gestão na metrópole: novas configurações, velhas desigualdades**. Belo Horizonte: Belo Horizonte: Observatório das Metrópoles/Núcleo Minas Gerais; Editora Pucminas, 2003.

TEIXEIRA, Maria Cristina V. **Evolução e percepção do ambiente em um bairro pericentral de Belo Horizonte: A Floresta**. 1996. 156f. Dissertação (Mestrado em Organização Humana do Espaço) – Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências, Belo Horizonte, 1996.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço Intra-urbano no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Studio Nobel, 2001. 373p.

VISCARDI, Cláudia. M. R. A capital controversa. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, a. 43, nº2, p.28-43, jul/dez.2007.

OBRAS CONSULTADAS

ANDRADE, Luciana Teixeira de. Singularidade e igualdade nos espaços públicos. **Revista do Arquivo Público Mineiro**. Belo Horizonte, a. 43, n. 2, Jul./Dez. 2007.

BARROS, José Márcio. **Cultura e Comunicação nas Avenidas de Contorno em Belo Horizonte e La Plata**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2005.

BH 100 anos. Nossa História. Belo Horizonte: Jornal Estado de Minas, 1997. CD-ROOM.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Memória, história e sujeito: substratos da identidade. **Revista da Associação Brasileira de História Oral**. Rio de Janeiro, nº 3, p. 109-116, jun. 2000.

DUAS versões explicam a origem do Calafate. **Jornal Estado de Minas**, Belo Horizonte, 16 out. p. 2, 1991.

LEMO, Celina Borges. Uma centralidade belo-horizontina. **Revista do Arquivo Público Mineiro**. Belo Horizonte, a.43, n. 2, Jul./Dez. 2007.

NOVATO, Ana Cristina; COSTA, Eduardo. **Os primeiros 100 anos**. Belo Horizonte: Gráfica e Editora 101, 1997.

PICCOLO, Fernanda Delvalhas. A gramática nativa: reflexões sobre as categorias morro, rua, comunidade e favela. In: FRÚGOLI JR., Heitor; ANDRADE, Luciana Texeira de; PEIXOTO, Fernanda A. (Org). **As cidades e seus agentes: práticas e representações**. Belo Horizonte: Editora Puc Minas/Edusp, 2006.

REIS, Maria da Glória Ferreira. **Cidade e Palco**: Experimentação, transformação e permanências (décadas de 1960 a 1980). 2003. 182f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belo Horizonte, 2003.

ROMANO, Olavo. **Muito Além da Cidade Planejada**: Uma contribuição à História da região nordeste da Capital. Belo Horizonte. Belo Horizonte: Colégio Magnum Agostiniano, 1997.

APÊNDICE

APÊNDICE A - Roteiro de entrevista: Pesquisa Bairros de Belo Horizonte	118
APÊNDICE B – Roteiro de entrevista: Presidente da Associação de bairros	124

APÊNDICE A - Roteiro de entrevista: Pesquisa Bairros de Belo Horizonte

Entrevistador: _____ N. do quest.: _____
 Conferência _____
 Data da entrevista: ____/____/____. Hora início: _____
 Bairro _____

I – Identificação do entrevistado

- 1 – Sexo: Feminino () Masculino: ()
- 2 – Local de nascimento: _____
- 3 – Idade: _____
- 4 – Nível educacional:
 Fundamental () Incompleto (). Até que série _____ () Completo
 Ensino médio () Incompleto () Completo ()
 Curso técnico (). Área _____
 Superior. Incompleto () Completo (). Curso _____
 Pós-graduação Lato Sensu ou especialização ()
 Mestrado ()
 Doutorado ()
- 5 – Profissão: _____
- 6 – Ocupação atual: _____
- 7 - Quantas pessoas moram na sua casa? _____
- 8 - Sua relação com o chefe: _____
- 9 – Essa casa é: () Própria () Alugada () Cedida

II – Percepção do bairro

- A) Quando perguntam em que bairro o senhor (a) mora, o que responde? Por quê? _____

- 10 – Há quanto tempo o senhor (a) mora no bairro? _____
- 11 – Onde morou antes? _____ (Só a última residência)
- 12 – Por que o Sr (a) vieram morar aqui? _____

13 – O senhor (a) gosta de morar no bairro? () Sim () Não () Mais ou menos
Por quê?

14 – E na sua casa, o que do senhor (a) mais gosta e do que menos gosta?

Mais gosta: _____

Menos gosta: _____

(Obs. Pergunta sobre o espaço da casa, tamanho, divisão dos cômodos).

15 – Se fosse reformar sua casa o que o(a) senhor (a) mudaria. (Se já reformou, perguntar o que mudou)

16 – O que para o senhor (a) diferencia o seu bairro em relação a outros de Belo Horizonte?

17 – Para o(a) senhor (a) onde começa e onde termina o bairro? Quais os seus limites? (a percepção dele)

18 – Em uma palavra o que é o bairro para o senhor (a)?

19 – Nos últimos dez anos como senhor (a) avalia o bairro em relação a:

	Melhorou	Ficou igual	Piorou	Não sabe /não se aplica*	Comentário (se houver)
Praças					
Casas					
Vida cultural					
Trânsito					
Segurança					
Comércio e serviços					
Lugares de lazer					
Patrimônio histórico					
Novas construções					
Relações de vizinhança					
Acessibilidade(meios de chegar ao bairro)					
Outra					

*Para aqueles que moram no bairro há menos que dez anos e não se sentem capacitados para responder.

Obs – se não sabe o que é patrimônio, colocar não conhece, não explicar.

20 – Como o senhor (a) imagina o futuro do bairro

21 – E o passado do bairro, como foi?

22 - Quais os aspectos positivos de morar aqui? (até três)

- a) _____
- b) _____
- c) _____

23 – Quais os aspectos negativos de morar aqui? (até três)

- a) _____
- b) _____
- c) _____

24 – Como o senhor (a) caracteriza os moradores do bairro?

(Anotar a expressão usada. Ex: muito, de jeito nenhum etc.)

Características	Muito	Mais ou menos	Pouco	Não sabe
Solidários				
Trabalhadores				
Jovens				
Conservadores/provincianos/tr adicionais				
Modernos				
Individualistas				
Alegres				
Religiosos				
Festivos				
Outro (escrever)				

25 – Para o senhor (a) quais os lugares (3) que mais caracterizam (identificam) o **bairro**

1 - _____

2 - _____

3 - _____

4 – Não sabe/não respondeu. Outra _____

26 – O senhor (a) frequenta os espaços públicos do bairro? () Não () Sim.

Quais? _____

27 – Que pessoas (vivas ou mortas) o senhor (a) acha que foi ou é importante para o bairro?

1 - _____

2 - _____

3 - _____

4 – Não sabe/não respondeu. Outra _____

Ob., Se o entrevistador não conhecer, perguntar quem foi ou é e anotar.

28 – O senhor (a) já pensou em se mudar daqui? () Sim () Não

Por quê?

29 – Se tivesse que mudar, para que bairro gostaria de ir? _____

Por quê?

30 – Já pensou em vender ou alugar a casa? () Sim () Não (*Só para proprietários*)

Por quê?

31 – O senhor (a) acha bom ou ruim a construção de prédios no bairro?

32 – Sua família gostaria de mudar de casa para apartamento (ou vice-versa para quem mora em prédio)? () Sim () Não () Depende

Por quê?

B) Como o senhor (a) avalia a atuação da Prefeitura em relação ao bairro?

C) Quando você diz que mora aqui , qual a reação das pessoas?

33– O senhor(a) conhece as políticas de proteção ao patrimônio da cidade de Belo Horizonte? () Sim () Não

Conhece?

Transferência do Direito de Construir? () Não () Sim

Registro Documental? () Não () Sim

Tombamento () Não () Sim

Área de Diretrizes Especiais – ADE () Não () Sim

34 – O senhor (a) tem opinião sobre essas políticas? () Não () Sim

Se sim, descrever: _____

35 – O senhor (a) conhece esses bairros?

Bairro	Sim	Não	Em uma palavra, o que ele representa para você?
Floresta			
Santa Tereza			
Bonfim			
Lagoinha			
Carlos Prates			
Padre Eustáquio			
Calafate			

Obs. Se a pessoa conhece pouco a ponto de não conseguir representá-lo em uma palavra, colocar não conhece.

35 – Na estrutura da sociedade brasileira, em que posição de classe o senhor (a) se encontra?

- () Classe alta
 () Classe média alta
 () Classe média
 () Classe média baixa
 () Baixa

Hora término: _____

Muito obrigada.

Posso anotar seu telefone, caso fique alguma dúvida em relação a alguma pergunta? _____

Outras anotações no verso.

APÊNDICE B – Entrevista Presidente Associação de bairros

Data da entrevista: ____/____/____

1 – Nome: _____

2 – Local de nascimento: _____

3 – Idade: _____

4 – Profissão: _____

5 – Ocupação atual: _____

6 – Em que bairro mora? _____

7 – Quando e porque surgiu a associação de moradores do bairro Calafate (em parceria com os bairros Gutierrez/Prado/Barroca)?

8 – A vitória do Calafate contra a construção da rodoviária no bairro se deve, principalmente, a quais fatores?

9 – Percebeu-se, com a pesquisa, que um número expressivo de moradores entrevistados no bairro Calafate responde que mora no bairro Prado. Você já observou esse fenômeno? Você acha que esse fenômeno se deve a que motivo?

10 – O que para você diferencia o bairro Calafate em relação a outros bairros de Belo Horizonte ou da Regional Oeste ou dos outros bairros da associação?

11 – Quais os principais problemas enfrentados pelos moradores do bairro Calafate?

12 – Os moradores do bairro Calafate podem ser considerados organizados, no sentido de estabelecerem canais efetivos de comunicação com o poder público, ou com outra esfera, para possíveis reivindicações ou manifestações contra decisões que, por ventura, possam ferir seus interesses?

13 – Você saberia definir o perfil do morador do bairro Calafate? E do bairro Prado?

14 – Pode-se dizer que o bairro Calafate, atualmente, está sofrendo um *boom* imobiliário? A associação considera que existe um patrimônio arquitetônico de valor histórico no bairro Calafate? Existem frentes de luta por sua preservação?

15 – Os moradores alegaram que o Calafate é um bairro pouco conhecido em Belo Horizonte. Você considera que o Calafate deixou de ser uma referência na cidade, se um dia já foi? Por quê?

16 – A Favela do Calafate é um elemento forte na conformação do bairro? É um elemento que é considerado nas deliberações e nas reivindicações do bairro como um todo? A Favela é considerada um elemento constitutivo do bairro?

17 – Quais são os principais projetos desenvolvidos pela Associação de bairros?

ANEXO

ANEXO A – Mapa do Calafate Detalhado	128
--	-----

ANEXO A – Mapa do Calafate Detalhado

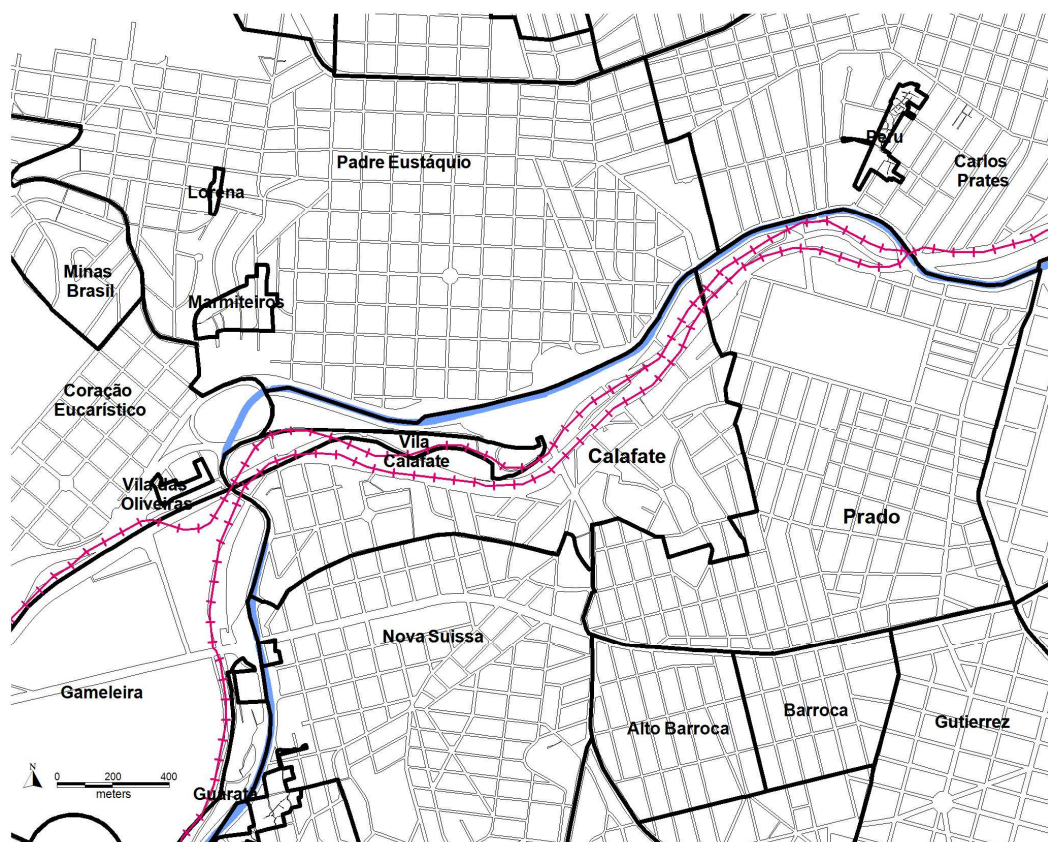


Figura 42 - Mapa do Calafate Detalhado

Fonte: Base cartográfica: Prodabel/Prefeitura de Belo Horizonte, 2011.